

ÍNDICE

1 - Diagnóstico da Fauna	1/146
1.1 - Apresentação.....	1/146
1.2 - Introdução	1/146
1.3 - Área de Estudo.....	2/146
1.3.1 - Região 1	3/146
1.3.2 - Região 2	3/146
1.3.3 - Região 3	4/146
1.4 - Levantamento da Avifauna	4/146
1.4.1 - Preliminares	4/146
1.4.2 - Metodologia.....	6/146
1.4.2.1 - Revisão Bibliográfica	6/146
1.4.2.2 - Regiões de Amostragem.....	7/146
1.4.2.3 - Coleta e Análise dos Dados	8/146
1.4.3 - Resultados Discutidos	12/146
1.4.3.1 - Aves da Área de Influência	12/146
1.4.3.2 - Aves da Região 1	45/146
1.4.3.3 - Aves da Região 2	49/146
1.4.3.4 - Aves da Região 3	51/146
1.4.3.5 - Espécies Ameaçadas, Endêmicas, Exóticas, Xerimbabos e Cinegéticas.....	55/146
1.5 - Levantamento da Herpetofauna.....	61/146
1.5.1 - Preliminares	61/146
1.5.2 - Metodologia.....	63/146
1.5.2.1 - Revisão Bibliográfica	63/146

1.5.2.2 - Regiões de Amostragem.....	64/146
1.5.2.3 - Coleta e Análise dos Dados	66/146
1.5.3 - Resultados Discutidos	71/146
1.5.3.1 - Herpetofauna da Área de Influência	71/146
1.5.3.2 - Considerações sobre Espécies ainda não Identificadas e Potencialmente Novas para a Ciência	89/146
1.5.3.3 - Espécies Ameaçadas, Exclusivas, Endêmicas, Raras, Cinegéticas e Xerimbabos.....	91/146
1.6 - Levantamento da Mastofauna	104/146
1.6.1 - Preliminares	104/146
1.6.2 - Metodologia	105/146
1.6.2.1 - Revisão Bibliográfica	105/146
1.6.2.2 - Regiões de Amostragem.....	107/146
1.6.2.3 - Coleta e Análise dos Dados	110/146
1.6.3 - Resultados Discutidos	121/146
1.6.3.1 - Mamíferos da Área de Influência	121/146
1.6.3.2 - Espécies ameaçadas, cinegéticas e xerimbabos	127/146
1.7 - Considerações Finais	137/146
1.8 - Referências.....	138/146
1.8.1 - Referências Avifauna	138/146
1.8.2 - Referências Herpetofauna	140/146
1.8.3 - Referências Mastofauna	142/146
1.9 - Equipe Técnica	146/146

APÊNDICES

Apêndice 1 - Mapa de Localização da LT 230 kV Vilhena-Jauru

Apêndice 2 - Mapa de Localização das Regiões de Amostragem da Fauna na Área de Influência da LT 230 kV Vilhena-Jauru

Apêndice 3 - Mapa dos Pontos de Amostragem da Fauna na Região de Amostragem 1 na área de Influência da LT 230 kV Vilhena-Jauru

Apêndice 4 - Mapa dos Pontos de Amostragem da Fauna na Região de Amostragem 2 na área de Influência da LT 230 kV Vilhena-Jauru

Apêndice 5 - Mapa dos Pontos de Amostragem da Fauna na Região de Amostragem 3 na área de Influência da LT 230 kV Vilhena-Jauru

Apêndice 6 - Autorização nº. 070/2007 - CGFAP/IBAMA

Apêndice 7 - Autorização nº 016/2007 - CGFAP/IBAMA

1 - DIAGNÓSTICO DA FAUNA

1.1 - APRESENTAÇÃO

O presente documento apresenta o Diagnóstico da Fauna na Área de Influência da LT 230 kV Vilhena-Jauru, realizado com base no levantamento de dados primários. O documento foi elaborado em atendimento ao Ofício nº 125/2007 - CGENE/DILIC/IBAMA e a Licença Prévia nº 266/2008.

O Diagnóstico da Fauna, aqui apresentado inclui levantamento de dados primários referentes aos grupos aves, mamíferos (de pequeno, médio e grande porte e quirópteros), répteis e anfíbios, e foi elaborado com base na Instrução Normativa nº 146-IBAMA, de 10 de janeiro de 2007. Inclui introdução e área de estudo comum, seguidas pelos textos de cada um dos grupos faunísticos amostrados (preliminares, metodologia e resultados discutidos). Ao final são apresentadas as Considerações Finais do Diagnóstico e as Referências Bibliográficas e Equipe Técnica.

1.2 - INTRODUÇÃO

O Cerrado e a Floresta Amazônica, biomas atravessados pela LT 230 kV Vilhena kV, figuram entre os principais domínios morfoclimáticos da América do Sul, entretanto diversos aspectos de sua ecologia e biodiversidade permanecem pouco estudados (Lacher & Alho, 2001). Os mosaicos de vegetação e paisagem que compõem cada uma destas fitorregiões, bem como as regiões de tensão ecológica (área de transição) entre elas abrigam grande diversidade biológica. Uma das principais áreas de contato entre a Amazônia e o Cerrado está localizada na região limítrofe entre os Estados do Mato Grosso (porção oeste) e Rondônia (sudeste) (Lacher & Alho, 2001).

Assim como outros domínios morfoclimáticos brasileiros, a Amazônia e o Cerrado vêm sofrendo, ao longo das últimas décadas, diversas alterações de origem antrópica, ocasionadas pelo estabelecimento de novas fronteiras agrícolas e do crescimento urbano desordenado. Nesse processo, a vegetação nativa desses domínios morfoclimáticos, que serve como habitat para diversas espécies animais, tem sido substituída por gramíneas exóticas, utilizadas como pasto para o gado, e por monoculturas como a soja e a cana-de-açúcar, gerando campos antrópicos homogêneos (Araújo, 2000).

Empreendimentos lineares caracterizam-se por um período construtivo dinâmico e relativamente curto, e conseqüentemente, por interferências ambientais de magnitudes variadas e dispersas ao

longo de todo o traçado. Sendo assim, pode-se concluir que, na maioria dos casos, o impacto sobre a fauna apresenta magnitude e relevância diferenciadas para cada grupo biológico, em relação ao local da intervenção.

Dentre os empreendimentos lineares, destacam-se as linhas de transmissão como os de menores impactos sobre o meio ambiente.

O Levantamento da Fauna é uma ferramenta imprescindível para a realização do Diagnóstico Ambiental durante a elaboração de Estudos de Impacto Ambiental de empreendimentos. Este levantamento permite conhecer as espécies da fauna encontradas na área antes da implantação do empreendimento, bem como identificar espécies ameaçadas, raras e bioindicadoras e as áreas que ocupam. Esses dados permitem um melhor conhecimento da estrutura das comunidades na área e possibilitam realizar avaliações mais acuradas sobre as possíveis interferências da implementação do empreendimento sobre o meio ambiente, bem como a elaboração de estratégias que minimizem os impactos negativos.

Dentre os diversos grupos faunísticos, aves, mamíferos, répteis e anfíbios são utilizados com frequência como bioindicadores. Esses grupos respondem de forma relativamente rápida às modificações ambientais, e os levantamentos permitem avaliar a composição das comunidades, incluindo espécies que ocupam diferentes nichos. Dessa forma a realização de levantamentos da ornitofauna, herpetofauna e mastofauna em áreas onde serão implantados empreendimentos é de grande importância para a realização do diagnóstico ambiental dessas áreas, bem como identificar regiões específicas para realização de monitoramentos posteriores.

1.3 - ÁREA DE ESTUDO

A Linha de Transmissão 230 kV Vilhena-Jauru C1 e C2, com aproximadamente 346 km de extensão, tem início na Subestação (SE) Vilhena, no município de Vilhena, estado de Rondônia, chegando até a SE Jauru, no município de Jauru, no estado de Mato Grosso.

O **Apêndice 1**, apresenta o traçado da LT, que tem início na SE Vilhena, atravessará 8 municípios, sendo um no estado de Rondônia, e sete em Mato Grosso, até a chegar a SE Jauru. São eles:

- Vilhena (RO)
- Comodoro (MT)

- Nova Lacerda (MT)
- Campos de Julio (MT)
- Conquista D'Oeste (MT)
- Pontes e Lacerda (MT)
- Vale de São Domingos (MT)
- Jauru (MT)

Para a realização dos levantamentos faunísticos, que incluíram levantamento da mastofauna, da herpetofauna e da ornitofauna, foram definidas três fitofisionomias: Savana Florestada (Cerrado Arbóreo), Mata de Galeria e Floresta Estacional Semidecidual. Essas são as fitofisionomias florestadas da área de influência do empreendimento, que são aquelas cuja fauna poderá sofrer os maiores impactos devido à implementação da Linha de Transmissão.

Dessa forma, foi realizado levantamento de fauna em três regiões ao longo da área de influência do empreendimento, cada uma sendo composta por uma das fitofisionomias descritas acima (**Apêndice 2**) Essas regiões foram definidas com base no seu estado de conservação e na relativa proximidade de áreas urbanas, o que facilita o deslocamento dos pesquisadores. As três regiões de amostragem definidas para realização do levantamento faunístico de herpetofauna, ornitofauna e mastofauna na área de influência da LT Vilhena-Jauru estão descritas abaixo:

1.3.1 - Região 1

A região norte da área de influência é coberta predominantemente por floresta estacional semidecidual, apresentando porções mais ou menos densas. A região definida para levantamento faunístico está localizada no entorno das coordenadas -12,728174/-60,302398, e situa-se próximo ao município de Vilhena.

1.3.2 - Região 2

O alto da chapada dos Parecis é cortado por córregos em pequenos vales, cobertos por extensas formações de mata de galeria inundável em bom estado de conservação. Essas áreas exibem densa vegetação e um extrato arbóreo não muito alto; frequentemente ocorrem buritizais associados. A região definida para levantamento faunístico está localizada no entorno das coordenadas - 14,186021/-59,461054, e situa-se próximo ao município de Nova Lacerda.

1.3.3 - Região 3

Grandes extensões de um cerradão mais alto e denso cobrem as encostas da chapada dos Parecis. Uma boa extensão dessa fisionomia ainda se encontra em bom estado de conservação, com porções de extratos muito altos. A região definida para levantamento faunístico está localizada no entorno das coordenadas -15,034618/-59,054887, e situa-se próximo ao município de Pontes e Lacerda.

1.4 - LEVANTAMENTO DA AVIFAUNA

1.4.1 - Preliminares

As intervenções antrópicas em áreas naturais, via de regra, geram inúmeras interferências sobre o meio biótico como um todo, ou sobre a avifauna em particular. Dentre as interferências que mais severamente influenciam a avifauna, pode-se citar como as mais relevantes: a conversão de ambientes naturais complexos e heterogêneos, mais ricos e diversos (e.g. florestas, cerrados nas suas diversas estruturas, brejos e demais ambientes naturais relacionados a corpos de água), em ambientes simples e homogêneos, pobres e menos diversos (e.g. pastagens e demais monoculturas, lagos, represas etc.); a fragmentação desses ambientes complexos e heterogêneos em "ilhas" cercadas de ambientes simples e homogêneos, não permeáveis à parte dos elementos da biodiversidade original; as alterações nas características e na dinâmica dos cursos d'água, através de barragens ou atividades que ocasionam deslizamentos e assoreamento; as atividades de caça; e as atividades de captura de animais para servir de xerimbabo.

Por se tratar de empreendimento linear que gera pequenas alterações ambientais dispersas ao longo do seu traçado, Linhas de Transmissão (LTs) são consideradas intervenções de impacto diminuído, quando comparados a empreendimentos de outras naturezas (e.g. estradas, UHEs, minerações, etc.). Entretanto, ao se levar o contexto regional onde o empreendimento proposto estará inserido, eventualmente, mesmo pequenas interferências podem tornar-se relevantes.

Nos seus cerca de 350 quilômetros de extensão, a LT 230 kV Vilhena-Jauru percorrerá região de transição entre as Florestas Estacionais Semidecíduais (típicas da borda sul do Bioma Amazônia), e o Bioma Cerrado. Valendo mencionar, ainda, que esse setor não se encontra muito distante do limite norte do Pantanal e do limite Sul das fisionomias de Florestas Ombrófilas encontradas mais para o interior da Amazônia.

Do ponto de vista da avifauna, essa região de transição, com influências de alguns biomas com suas diversas fitofisionomias, caracteriza-se como potencialmente muito complexa, sendo que o setor onde se pretende instalar a LT configura-se como extremamente pouco conhecido.

Ao longo do seu traçado, a LT 230 kV Vilhena-Jauru percorrerá regiões muito distintas no que se refere à potencialidade econômica e à tradição na ocupação e uso do solo e dos demais recursos naturais. Tal fato fez, e continua fazendo, com que os ambientes naturais dessas regiões estejam sob diferentes graus e tipos de pressões antrópicas e, conseqüentemente, em diferentes estados de conservação.

Em virtude da anteriormente mencionada heterogeneidade ambiental na Área de Influência da LT 230 kV Vilhena-Jauru, do pouco que se conhece e do pouco que se tem mensurado da avifauna local, dos diferentes estados de conservação e dos tipos distintos de pressões que afetam as diversas regiões do empreendimento, o estudo ornitológico mais detalhado se faz importante para fornecer maiores subsídios à caracterização e diagnóstico ambientais, gerando mais informações relevantes ao planejamento ambiental e ao processo de licenciamento do empreendimento.

Tais contribuições podem ser dadas através da identificação das espécies características de cada região amostrada, buscando relacionar aquelas mais relevantes para conservação (e.g. espécies ameaçadas de extinção, endêmicas, raras, de valor econômico e de interesse científico). Além desse enfoque, a partir da avifauna inventariada, pode ser aplicado o princípio da bioindicação, por meio do qual as espécies registradas em campo são usadas para fazer inferências acerca das características e estados de conservação dos ambientes amostrados.

O grupo das Aves, atualmente, é considerado um bom modelo para as análises de bioindicação, principalmente em virtude de algumas de suas características intrínsecas como, por exemplo: comportamento conspicuo; possibilidade do rápido registro/coleta e identificação, de maneira confiável, de parcela significativa da comunidade; facilidade de se obter amostragem padronizada; grande conhecimento acumulado acerca de seus comportamentos e exigências ecológicas; e alta diversidade.

Os dois biomas onde, na sua transição, a área de influência da LT 230 kV Vilhena-Jauru está localizada (Amazônia e Cerrado) são os mais extensos da América do Sul e são também muito variáveis quanto às suas fitofisionomias.

No cerrado verifica-se enorme gradiente em relação à cobertura vegetal, que varia de campos onde arbustos estão ausentes (campo limpo), passando por fitofisionomias mais abundantes em espécies lenhosas (campo sujo e cerrado *sensu stricto*), até formações florestais (cerradão).

Acompanhando os cursos d'água, freqüentemente, se desenvolvem florestas de galeria, que muitas vezes possuem características mais semelhantes às formações florestais dos biomas circundantes mais úmidos que o Cerrado (Amazônia e Mata Atlântica).

Silva (1995b) afirma que o bioma Cerrado comporta 837 espécies de aves, distribuídas por 64 famílias, sendo cerca de 90% das espécies residentes, 6% migratórias, e 4% de biologia reprodutiva não conhecida. Esse autor inclui em sua listagem, entretanto, o grande número de espécies que encontram-se associadas às florestas de galeria e matas secas, principalmente, nos limites desse Bioma com os domínios de florestas atlânticas e amazônicas.

A influência amazônica é notada, principalmente ao norte do Bioma estendendo-se para o sul pelas largas florestas de galeria que invadem o cerrado acompanhando, pelas depressões interplanálticas, a calha de grandes rios como o Tapajós e o Guaporé. Já a avifauna característica da Mata Atlântica brasileira penetra no bioma Cerrado pelas matas de galeria mais estreitas que margeiam a calha de rios menores e seus tributários pelas regiões mais elevadas do Planalto Central.

A despeito do grande tamanho do Bioma Amazônia e da sua aparente homogeneidade, sua cobertura vegetal apresenta enorme variação florística e fitofisionômica e, pelos padrões de distribuição de elementos da fauna e flora, esse bioma se mostra compartimentalizado em unidades biogeográficas menores. A área de influência do empreendimento tem posição geográfica mais próxima da unidade reconhecida como Centro ou Área de Endemismo Rondônia (Haffer, 1985; Cracraft, 1985). Esse Centro é limitado ao norte pelo rio Amazonas, a oeste pelo rio Madeira e a leste pelo rio Tapajós. Ao sul essa Área de Endemismo é limitada pela transição das formações ombrófilas, do interior da Amazônia, com as fisionomias vegetais mais secas, características da região de estudo.

1.4.2 - Metodologia

1.4.2.1 - Revisão Bibliográfica

Vários estudos ornitológicos foram realizados em diversos pontos do Bioma Cerrado e esses foram sumarizados, juntamente com observações inéditas, em importantes trabalhos faunísticos e biogeográficos por Silva (1995a; 1995b; 1996). Esses estudos mostraram que, em comparação com a Amazônia e a Floresta Atlântica, o cerrado possui menos táxons endêmicos, e que parte deles tem distribuição restrita, ocorrendo exclusivamente em certas regiões ou ambientes.

Ainda, parte da avifauna encontrada no cerrado tem sua presença condicionada aos biomas circundantes. Exemplos disso são os elementos Atlânticos e Amazônicos que adentram no Cerrado pelas florestas ciliares (Silva, 1996).

Em virtude da não homogeneidade na distribuição das espécies do cerrado, a utilização da listagem geral apresentada em Silva (1995b) para comparação com os resultados de estudo hora obtidos torna-se inadequada. De maior interesse para a compilação das aves de cerrado que potencialmente ocorrem na All do empreendimento, por serem restritos ao setor noroeste do bioma, estão os dados levantados e compilados pelo MsC. Fernando d'Horta (com. pess.) e os apresentados em Allen (1891; 1892; 1893), Naumburg (1930) e Willis & Oniki (1990).

No setor Amazônico da região de Vilhena, onde estão presentes Florestas Estacionais e Cerradões, faltam estudos ornitológicos. O naturalista Johann Natterer percorreu o rio Guaporé na divisa com a Bolívia, e os resultados de suas coletas encontram-se compilados em Pelzeln (1868-71). Silveira & D'Horta (2002) apresentam os resultados de expedição ornitológica recente à região de Pontes e Lacerda e Vila Bela de Santíssima Trindade, compilando também registros históricos apresentados por Pelzeln (1868-71) e Willis & Oniki (1990). Apesar da avifauna apresentada por Silveira & D'Horta (2002) ter evidente influência de ambientes não incluídas no traçado da LT (sobretudo daqueles relacionados a grandes cursos d'água), a presença de inúmeros táxons das florestais amazônicas tornou viável a utilização desse estudo como referência comparativa para a avifauna encontrada no campo.

Situada a cerca de 300 quilômetros da região de Vilhena, a região do médio rio Jiparaná foi amostrada por Stotz *et al.* (1997). Apesar dessa região ser uma área de transição das florestas estacionais com as florestas ombrófilas, sua avifauna foi aqui considerada visando incluir parcela característica da Área de Endemismo, ou Centro, Rondônia.

1.4.2.2 - Regiões de Amostragem

Ao longo do traçado da LT 230 kV Vilhena-Jauru, foram estudados três regiões de amostragem para o inventário da avifauna. Essas regiões foram selecionadas almejando amostrar as fitofisionomias mais relevantes para a conservação na Área de Influência da LT 230 kV Vilhena-Jauru, a saber: Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ciliar imersa em cerrados e campos cerrados, e Cerrado Arbóreo / Arbustivo.

1.4.2.2.1 - Região 1

O sítio de amostragem selecionado nessa região (sítio 1) corresponde a um grande fragmento de floresta estacional semidecidual, que inclui o ponto 12,8328°S/60,1598°W (**Apêndice 3**). Esse fragmento foi escolhido para as atividades por não ter pegado fogo na última estação seca, como as demais áreas percorridas. Esse sítio de amostragem, como parece ser regra nas florestas da região, teve e tem intensa atividade de extração madeireira.

1.4.2.2.2 - Região 2

Nessa região, o sítio de amostragem selecionado (sítio 2) engloba o ponto 12,8328°S/60,1598°W e situa-se na Floresta de Galeria do córrego Areia Branca, no ponto onde é possível acessá-lo por estrada (**Apêndice 4**). A floresta ciliar nesse local aparenta estar em bom estado de conservação, apesar de ter-se registrada certa extração madeireira, sobretudo para suprir as necessidades das propriedades ali existentes.

1.4.2.2.3 - Região 3

Nessa região as atividades de inventário foram divididas entre dois sítios que, apesar de estarem muito próximos (distanto cerca de quatro quilômetros), apresentavam diferenças marcantes na estrutura da vegetação, diferenças essas julgadas relevantes para serem incluídas na amostragem.

O sítio 3 foi selecionado para contemplar a amostragem na região de Savana Arbórea e inclui o ponto 15,0337°S/59,0285°W (**Apêndice 5**). Em virtude da taxa de captura de aves pelas redes ter sido extremamente baixa no sítio 3, e da existência nas imediações da área previamente selecionada de inúmeras fisionomias de cerrado arbóreo / arbustivo aparentemente com pequena interferência antrópica, optou-se por dividir o esforço de amostragem com redes com outro sítio. O sítio 4 (que engloba o ponto 14,9976°S/59,0221°W) foi selecionado, incluindo na amostragem área coberta por cerrado *sensu stricto* (**Apêndice 5**).

1.4.2.3 - Coleta e Análise dos Dados

As atividades de campo do presente diagnóstico da avifauna foram realizadas entre os dias 05 e 18 de novembro de 2007, sendo que cada região foi estudada durante quatro dias, e dois foram

utilizados com os deslocamentos entre as regiões. Seguem abaixo as datas de amostragem em cada uma das regiões de amostragem:

Região 1 (Sítio 1): Amostrada de 05 a 08 de novembro de 2007. Nesse sítio de amostragem foram despendidas cerca de 34 horas de observação no levantamento qualitativo e cerca de 212,5 horas x rede na amostragem quantitativa.

Região 2 (Sítio 2): Amostrada de 15 a 18 de novembro de 2007. Nesse sítio foram despendidas cerca de 231 horas x rede e 38 horas na amostragem qualitativa.

Região 3 (Sítio 3 e Sítio 4): Amostrada de 10 a 13 de novembro de 2007. O Sítio 3 teve sua avifauna inventariada durante 18 horas e acumulou esforço de captura com redes ornitológicas de 158 horas x rede e o Sítio 4 teve sua avifauna inventariada durante 14 horas de levantamento quantitativo, e acumulou esforço de captura de 95 horas - rede.

As atividades de captura e coleta de exemplares da avifauna, necessárias ao desenvolvimento do presente levantamento, foram autorizadas pela CGFAP/IBAMA através da Autorização nº. 070/2007 - CGFAP, emitida em 05 de novembro de 2007 (**Apêndice 6**).

As metodologias utilizadas para o levantamento da ornitofauna foram as mesmas para as três regiões de forma a possibilitar comparação e repetição no monitoramento futuro. O presente levantamento teve o objetivo de identificar as espécies de aves que ocorrem na área, de forma a possibilitar a identificação de impactos potenciais decorrentes da implantação da LT 230 kV Vilhena Jauru. Considerando-se o objetivo de amostrar a maioria das espécies existentes nos ambientes florestais da região, que são aqueles que sofrem maiores riscos de impactos durante a implantação de empreendimentos dessa natureza, buscou-se amostrar a maioria dos ambientes florestais de cada uma das regiões amostradas. Vale ressaltar que dentro do possível buscou-se manter um esforço semelhante nas três regiões de amostragem, entretanto com o objetivo de registrar um maior número de espécies, a padronização do esforço amostral não foi uma das premissas adotadas.

A amostragem qualitativa das aves foi realizada e organizada tendo as regiões de amostragem como foco. As regiões foram percorridas a pé ou de carro e os espécimes registrados foram observados com auxílio binóculos Nikon (8x42) e Bushnell (10x50). As espécies observadas, não identificadas de imediato, tiveram seus atributos anotados para posterior identificação com auxílio de bibliografia adequada (e.g. Meyer de Schauensee, 1982; Ridgely & Tudor, 1989; 1994; Sick, 1997; Erize *et al.* 2006; Ferguson-Lees & Christie, 2005).

A nomenclatura e a ordem taxonômica aqui adotada seguem a padronização sugerida pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2006).

Com a finalidade de fornecer maior robustez e confiabilidade aos registros realizados, sempre que possível as espécies tiveram suas vocalizações gravadas com gravador de fita cassete Sony TCM 5000 e Microfone direcional Sennheiser ME67, foram fotografadas com máquinas digitais Sony DSC-F717 e CANON PowerShot S3IS ou foram coletadas com arma de fogo (espingarda calibre 28 e carabina calibre 22 LR) ou redes-neblina (de 12 metros de comprimento por 2,5 de altura, distância entre os nós de 15 milímetros e 4 bolsas).

Após cada dia de atividades, os espécimes coletados foram enumerados (com etiquetas amarradas à perna) e catalogados sob número provisório de campo (GBN), tendo-se anotado a data e a localidade exata da coleta, algumas medidas (comprimento total e envergadura), cores das partes não cobertas por penas (bico, tarsometatarso, peles nuas em geral e íris) e demais informações julgadas relevantes. Após essa atividade de catalogação, os espécimes foram devidamente acondicionados em cones de papel e congelados para posterior taxidermia e sexagem no laboratório.

Todo o material testemunho coletado foi tombado no Setor de Aves do Museu Nacional do Rio de Janeiro - UFRJ (Apêndice 1) e estará disponível para consulta e verificação das identificações dos registros efetuados nessa região dos estados do Mato Grosso e Rondônia.

Os registros efetuados durante o inventário foram organizados em listas diárias, as quais funcionaram como amostras da avifauna local para a confecção dos gráficos de acúmulo de espécies ao longo do levantamento, e para o cálculo das frequências de ocorrências (FO) das espécies.

Em virtude das marcantes diferenças fitofisionômicas entre as três regiões de amostragem, foram construídas curvas de acúmulo de espécies, separadamente, para cada região (com quatro amostras / dias cada). Para mostrar como se deu o acúmulo de espécies ao longo de toda a amostragem (considerando as três regiões), foi construído um gráfico de acúmulo geral de espécies.

Visando obter informação acerca da abundância relativa das espécies foi calculada a frequência de ocorrência de cada espécie (FO). Esse índice consiste da razão do número de dias em que a espécie foi registrada pelo total de dias de amostragem na região.

Os sítios de amostragem tiveram sua avifauna inventariada qualitativamente de forma mais intensa. Nesses sítios foram, ainda, efetuadas amostragens quantitativas por meio do método de captura com redes-neblina. Optou-se por empregar esse tipo de amostragem por ela ser

independente das características do pesquisador que colhe os dados e, devido a isso, gerar resultados que podem, seguramente, ser comparados com os obtidos por eventuais futuros programas de monitoramento ou estudos em outros contextos.

Nessas amostragens foram utilizadas 10 redes (12 x 2,5 metros, com malha de 30 milímetros e 4 bolsas), montadas em linha, que funcionaram no intervalo entre as 6 e às 16 horas (**Figura 1-1**). As redes foram visitadas para a retirada dos espécimes capturados em intervalos de 40 minutos à uma hora. Todos os capturados foram anotados em planilha, juntamente com a hora aproximada da captura, o sítio de amostragem, a data, o sexo, a idade, evidências de atividade reprodutiva e demais julgadas relevantes (**Figura 1-2**). Quando os indivíduos capturados não foram coletados como espécimes testemunhos, eles tiveram uma de suas retrizes cortadas antes de serem soltos, visando seu reconhecimento quando recapturados.



Figura 1-1 - Disposição de redes de neblina para captura de aves durante o presente Levantamento da ornitofauna na área de influência da LT 230 kV Vilhena-Jauru.



Figura 1-2 - *Selenidera gouldii* capturado em rede de neblina durante o presente Levantamento da ornitofauna na área de influência da LT 230 kV Vilhena-Jauru.

Com os resultados obtidos por meio das redes-neblina foi construído gráfico de acúmulo e foi calculada a taxa de captura das espécies, para cada sítio de amostragem separadamente. O esforço de captura das redes-neblina foi calculado multiplicando-se o número de redes utilizadas pelo número de horas que elas permaneceram ativas, recebendo assim a unidade de *horas x rede*. As curvas de acúmulo de espécies pelo aumento do esforço amostral das redes

foram construídas a partir dos horários anotados nas planilhas para a captura dos indivíduos, com o qual se calculou quanto se havia acumulado do esforço de captura a cada novo registro.

Como índice da abundância dos táxons amostrados pelas redes-neblina, foi calculada a taxa de captura das espécies. Essa taxa consiste da divisão do número de indivíduos capturados durante a amostragem pelo esforço empregado, recebendo unidade de *horas x rede*⁻¹.

Utilizando-se a base de dados de bioindicação de Stotz *et al.* (1996), as espécies registradas para a área foram classificadas de acordo a sua sensibilidade a alterações ambientais, seus ambientes preferenciais e seus padrões gerais de distribuição.

Das espécies de aves que ocorrem na região neotropical, uma boa parte tem padrão de distribuição amplo dentro do continente sul-americano. Outra parte, no entanto, apresenta certa limitação na sua distribuição, limitação essa que foi aqui utilizada para as caracterizações biogeográficas. Pela posição geográfica da área de influência do empreendimento, localizada no contato entre unidades biogeográficas, as espécies tiveram seus padrões de distribuição sumarizados em quatro categorias gerais (mais relevantes para essa caracterização): (1) espécies que incluem sua distribuição na porção norte da região Neotropical (incluindo as espécies amazônicas, as endêmicas do Sul da Amazônia e as do Centro Rondônia); (2) espécies que incluem sua distribuição na porção norte e na porção atlântica da região Neotropical, com um hiato no centro dessa região; (3) espécies do centro da região Neotropical (sobretudo aquelas mais típicas de fitofisionomias mais xéricas ou abertas); e (4) espécies de ampla distribuição.

O *status* de conservação das espécies foi avaliado através das listas da IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza (disponível no endereço www.redlist.org) da CITES (Convenção Sobre o Comércio Internacional de Espécies da Fauna e Flora Silvestre Ameaçadas) (disponível no endereço <http://www.cites.org/eng/append/appendices.shtml>) e na lista do IBAMA, publicada em 2003 (disponível no endereço <http://www.ibama.gov.br>).

1.4.3 - Resultados Discutidos

1.4.3.1 - Aves da Área de Influência

O Quadro 1-1, relaciona as espécies de aves que foram registradas no campo ou que potencialmente ocorrem na região do empreendimento de acordo com inventários realizados em ambientes correlatos, em localidades distantes até 350 quilômetros da área de influência da

LT 230 kV Vilhena-Jauru (Pelzeln, 1868-71; Allen, 1891; 1892; 1893; Willis & Oniki, 1990; Naumburg, 1930; Stotz *et al.* 1997; Silveira & D’Horta, 2002). Esse quadro apresenta também, para cada espécie detectada na campanha de campo, seu registro mais confiável (espécime coletado - **Apêndice 1**, fotografado - **Figura 1-1 a Figura 1-90**, gravado, observado e ouvido) e sua frequência de ocorrência em cada região de amostragem (**Quadro 1-1**). As informações sobre a sensibilidade das espécies a perturbações ambientais, sobre seu estrato de forrageamento e sobre os ambientes preferenciais seguem Stotz *et al.* (1996).

A relação de espécies registradas para a região através de dados primários e secundários contém 734 espécies (**Quadro 1-1**). Durante o presente levantamento da avifauna ao longo da área de influência da LT Vilhena-Jauru, foi confirmada a presença de 229 espécies. Na região de Vilhena (Região 1) foram registradas 105 espécies, na de Nova Lacerda e Areia Branca (Região 2) 142 espécies e na de Jauru (Região 3) 127 espécies. Em estudos prévios realizados no médio rio Jiparaná (Stotz *et al.* 1997) foram registradas 468 espécies; em localidades próximas a Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade (Pelzeln, 1868-71; Willis & Oniki, 1990; Silveira & D’Horta, 2002) foram registradas 471 e na Chapada dos Guimarães e outras localidades do Bioma Cerrado, situadas no alto da Chapada dos Parecis (Allen, 1891; 1892; 1893; Naumburg, 1930; Willis & Oniki, 1990) foram registradas 336 espécies (**Quadro 1-1**).

Quadro 1-1 - Espécies de aves registradas e de ocorrência potencial na área de influência da LT 230 kV Vilhena - Jauru.

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	PL	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
Rheidae												
<i>Rhea americana</i> * (Figura 1-3)	ema	ft		0,25	0,25		X	X	L	T	N	QA-IUCN ApII- CITES
Tinamidae												
<i>Tinamus tao</i>	azulona					X	X	X	H	T	F	cin
<i>Tinamus major</i>	inhambu-de-cabeça-vermelha					X	X		M	T	F	cin
<i>Tinamus guttatus</i>	inhambu-galinha								H	T	F	cin
<i>Crypturellus cinereus</i>	inhambu-preto					X	X		L	T	F	cin
<i>Crypturellus soui</i> *	tururim	sn	0,5				X	X	L	T	F	cin
<i>Crypturellus obsoletus</i> *	inhambuguaçu	sn	0,25			X	X		L	T	F	cin
<i>Crypturellus undulatus</i> *	jaó	sn			0,75		X	X	L	T	F	cin
<i>Crypturellus strigulosus</i> *	inhambu-relógio	sn	0,5			X	X		H	T	F	cin
<i>Crypturellus variegatus</i>	inhambu-anhangá					X	X		H	T	F	cin
<i>Crypturellus parvirostris</i> *	inhambu-chororó	ob			0,5	X	X	X	L	T	N	cin
<i>Crypturellus tataupa</i>	inhambu-chintã						X	X	L	T	F	cin

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	PL	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Rhynchotus rufescens</i> *	perdiz	ob	0,75	1	0,75		X	X	L	T	N	cin
<i>Nothura boraquira</i>	codorna-do-nordeste							X	M	T	N	cin
Anhimidae												
<i>Anhima cornuta</i>	anhuma					X	X		M	T	A	
<i>Chauna torquata</i> *	tachã	ob	0,25				X		L	T	A	
Anatidae												
<i>Dendrocygna viduata</i>	irerê						X		L	T/W	A	cin
<i>Neochen jubata</i>	pato-corredor					X	X		M	T	A	cin
<i>Cairina moschata</i> *	pato-do-mato	ob	0,25		0,25		X	X	M	W	A	cin
<i>Amazonetta brasiliensis</i> * (Figura 1-4)	pé-vermelho	col		0,75	0,25		X		L	W	A	cin
Cracidae												
<i>Ortalis guttata</i>	aracuã						X		L	U/C	F	cin
<i>Penelope supercilialis</i> *	jacupemba	col	0,25	1	0,5			X	M	T	F	cin
<i>Penelope jacquacu</i>	jacu-de-spix					X	X		H	T/C	F	cin
<i>Aburria cumanensis grayi</i>	jacutinga-de-garganta-azul						X		H	C	F	cin
<i>Aburria kujubi</i> *	cujubi	ent		0,25		X			H	C	F	cin
<i>Nothocrax urumutum</i>	urumutum					X			H	T	F	
<i>Mitu tuberosum</i> *	mutum-cavalo	au	0,5			X	X		H	T	F	cin
Odontophoridae												
<i>Odontophorus gujanensis</i> *	uru-corcovado	au		0,25 (sp)		X	X		H	T	F	
<i>Odontophorus stellatus</i>	uru-de-topete					X			H	T	F	
Podicipedidae												
<i>Tachybaptus dominicus</i> *	mergulhão-pequeno	ob			0,25		X	X	M	W	A	
Phalacrocoracidae												
<i>Phalacrocorax brasilianus</i> *	biguá	ob	0,5		0,25	X	X		L	W	A	
Anhingidae												
<i>Anhinga anhinga</i>	biguatinga					X	X	X	M	W	A	
Ardeidae												
<i>Tigrisoma lineatum</i> *	socó-boi	ob			0,5	X	X		M	T/W	A	
<i>Tigrisoma fasciatum</i>	socó-boi-escuro							X	M	T/W	A	
<i>Agamia agami</i>	garça-da-mata					X	X		M	T	F	
<i>Cochlearius cochlearius</i>	arapapá						X	X	H	W	A	
<i>Zebrilus undulatus</i>	socoí-zigue-zague					X	X		H	T	F	
<i>Butorides striata</i> *	socozinho	ob	0,5	0,25	0,25	X	X	X	L	T/W	A	
<i>Bubulcus ibis</i> *	garça-vaqueira	ob	0,25	0,5	0,5	X	X	X	L	T	N	
<i>Ardea cocoi</i> *	garça-moura	ob			0,25	X	X		L	T/W	A	
<i>Ardea alba</i> *	garça-branca-grande	ob	1	0,5	0,5	X	X	X	L	T/W	A	
<i>Pilherodius pileatus</i>	garça-real					X	X	X	M	T/W	A	
<i>Egretta thula</i> *	garça-branca-pequena	ob	0,5			X	X	X	L	T/W	A	
Threskiornithidae												
<i>Mesembrinibis cayennensis</i> *	coró-coró	ob/au		0,75		X	X		M	T	F	
<i>Theristicus caudatus</i>	curicaca						X	X	L	T	N	
Ciconiidae												

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	PL	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Ciconia maguari</i>	maguari						X	X	L	T	N	
<i>Jabiru mycteria</i>	tuiuiú						X		M	T/W	N	Apl-CITES
<i>Mycteria americana</i>	cabeça-seca					X	X	X	L	T/W	A	
Cathartidae												
<i>Cathartes aura</i> *	urubu-de-cabeça-vermelha	ob	0,25	1	1	X	X	X	L	T/A	N	
<i>Cathartes burrovianus</i> *	urubu-de-cabeça-amarela	ob	0,5				X	X	M	T/A	N	
<i>Cathartes melambrotus</i>	urubu-da-mata					X			M	T/A	F	
<i>Coragyps atratus</i> *	urubu-de-cabeça-preta	ob		0,25	0,25	X	X	X	L	T/A	N	
<i>Sarcoramphus papa</i>	urubu-rei					X	X	X	M	T/A	F	
Pandionidae												
<i>Pandion haliaetus</i>	águia-pescadora					X			M	W	A	
Accipitridae												
<i>Leptodon cayanensis</i> *	gavião-de-cabeça-cinza	ob		0,25		X	X	X	M	C	F	
<i>Chondrohierax uncinatus</i>	caracoleiro					X			L	C	F	Apl-CITES
<i>Elanoides forficatus</i> *	gavião-tesoura	ob		0,25	0,25	X	X	X	M	C/A	F	
<i>Gampsonyx swainsonii</i> *	gaviãozinho	ob			0,5	X	X	X	L	C	F	
<i>Elanus leucurus</i> *	gavião-peneira	ob	0,25					X	L	C/A	N	
<i>Rostrhamus sociabilis</i>	gavião-caramujeiro						X		L	W/A	A	
<i>Harpagus bidentatus</i> * (Figura 1-7)	gavião-ripina	col		0,25		X	X		M	C	F	
<i>Ictinia plumbea</i> *	sovi	ob		1	0,25	X	X	X	M	C/A	F	
<i>Accipiter poliogaster</i>	tauató-pintado	ob	0,25						H	C	F	
<i>Accipiter superciliosus</i>	gavião-miudinho					X			H	C	F	
<i>Accipiter bicolor</i>	gavião-bombachinha-grande					X			M	C	F	
<i>Geranospiza caerulescens</i>	gavião-pernilongo						X	X	M	M/C	F	
<i>Leucopternis schistaceus</i>	gavião-azul					X			H	U/M	F	
<i>Leucopternis kuhli</i>	gavião-vaqueiro					X			H	M/C	F	
<i>Leucopternis albicollis</i>	gavião-branco					X	X	X	H	C	F	
<i>Buteogallus urubitinga</i>	gavião-preto					X	X		M	T/C	F	
<i>Heterospizias meridionalis</i> * (Figura 1-6)	gavião-caboclo	ft		0,25			X	X	L	T/C	N	
<i>Harpyhaliaetus coronatus</i>	águia-cinzenta							X	M	?	F/N	VU-IBAMA AM-IUCN
<i>Busarellus nigricollis</i>	gavião-belo						X		L	T/C	F/A	
<i>Parabuteo unicinctus</i>	gavião-asa-de-telha						X	X	L	C	N	
<i>Rupornis magnirostris</i> *	gavião-carijó	ob		0,25		X	X	X	L	C	F	
<i>Buteo albicaudatus</i> * (Figura 1-5)	gavião-de-rabo-branco	col	0,5	0,75	0,5		X	X	L	T	N	
<i>Buteo nitidus</i>	gavião-pedrês					X	X	X	M	C	F	

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	P L	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Buteo platypterus</i>	gavião-de-asa-larga					X	X		M	C	F	
<i>Buteo brachyurus</i>	gavião-de-cauda-curta					X	X	X	M	C/A	F	
<i>Buteo albonotatus</i>	gavião-de-rabo-barrado							X	M	C	F	
<i>Morphnus guianensis</i>	uirapu-falso					X			H	C	F	QA - IUCN
<i>Harpia harpyja</i>	gavião-real						X		H	C	F	QA - IUCN Apl-CITES
<i>Spizaetus tyrannus</i>	gavião-pegamacaco					X	X	X	M	C	F	
<i>Spizaetus melanoleucus</i>	gavião-pato						X	X	H	C	F	
<i>Spizaetus ornatus</i>	gavião-de-penacho					X	X	X	M	C	F	
Falconidae												
<i>Daptrius ater</i>	gavião-de-anta					X	X		L	T/C	F	
<i>Ibycter americanus</i>	gralhão					X	X	X	H	C	F	
<i>Caracara plancus</i> *	caracará	ob	0,75	0,75	0,5		X	X	L	T	N	
<i>Milvago chimachima</i> *	carrapateiro	ob		0,5		X	X	X	L	T/C	N	
<i>Herpethotes cachinnans</i>	acaúã						X	X	L	C	F	
<i>Micrastur ruficollis</i>	falcão-caburé					X	X	X	M	U/M	F	
<i>Micrastur gilvicolis</i>	falcão-mateiro					X	X		H	U/M	F	
<i>Falco sparverius</i> *	quiriquiri	ob		0,25	0,5		X	X	L	T/C	N	
<i>Falco ruficularis</i>	cauré					X	X	X	L	C/A	F	
<i>Falco femoralis</i> *	falcão-de-coleira	ob	0,5	0,5			X	X	L	T/C	N	
Aramidae												
<i>Aramus guarauna</i>	carão						X		M	T	A	
Rallidae												
<i>Aramides cajanea</i> *	saracura-três-potes	ob		0,25		X	X	X	H	T	F/A	
<i>Amaurolimnas concolor</i>	saracura-lisa						X		M	T	F	
<i>Laterallus viridis</i>	sanã-castanha						X	X	L	T	N	
<i>Laterallus melanophaius</i>	sanã-parda					X	X		L	T	A	
<i>Porzana albicollis</i> *	sanã-carijó	au			0,25		X	X	M	T	N	
<i>Neocrex erythrops</i>	turu-turu						X		M	T	N	
<i>Pardirallus nigricans</i>	saracura-sanã					X	X	X	M	T	A	
<i>Porphyrio martinica</i> *	frango-d'água-azul	ob			0,25	X	X	X	L	T	A	
Heliornithidae												
<i>Heliornis fulica</i>	picaparra					X	X		M	W	A	
Eurypygidae												
<i>Eurypyga helias</i>	pavãozinho-do-pará					X	X		M	T	F/A	
Cariamidae												
<i>Cariama cristata</i> *	seriema	ob	0,5	0,75	0,25		X	X	M	T	N	
Charadriidae												
<i>Vanellus cayanus</i>	batuíra-de-esporão					X		X	M	T	A	
<i>Vanellus chilensis</i> *	quero-quero	ob	1	1	1		X	X	L	T	N	

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	PL	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Pluvialis dominica</i>	batuiriçu					X	X	A				
<i>Charadrius collaris</i>	batuira-de-coleira						X	X	H	T	A	
Scolopacidae												
<i>Gallinago paraguaiæ</i>	narceja							X	L	T	A	
<i>Limosa haemastica</i>	maçarico-de-bico-virado						X					
<i>Numenius borealis</i>	maçarico-esquimó						X					CritAmç-IUCN Apl-CITES
<i>Bartramia longicauda</i>	maçarico-do-campo					X	X	X				
<i>Tringa cf melanoleuca *</i>	maçarico-grande-de-perna-amarela	ft				X	X					
<i>Tringa flavipes (Figura 1-12)</i>	maçarico-de-perna-amarela			0,5		X	X					
<i>Tringa solitaria</i>	maçarico-solitário						X	X				
<i>Actitis macularius</i>	maçarico-pintado					X	X	X				
<i>Calidris cf minutilla* (Figura 1-11)</i>	maçariquinho	ft		0,5			X					
<i>Calidris fuscicollis</i>	maçarico-de-sobre-branco					X	X					
<i>Calidris melanotos</i>	maçarico-de-colete					X	X					
<i>Tryngites subruficollis</i>	maçarico-acanelado						X					QA - IUCN
Jacaniidae												
<i>Jacana jacana *</i>	jaçanã	ob	0,5	0,5	0,5		X	X	L	T	A	
Laridae												
<i>Chroicocephalus maculipennis</i>	gaivota-maria-velha						X		L	T/W	A	
<i>Sternula superciliaris *</i>	trinta-réis-anão	ob	0,5			X			H	W	A	
<i>Phaetusa simplex</i>	trinta-réis-grande					X			H	W	A	
Rynchopidae												
<i>Rynchops niger</i>	talha-mar						X		H	W	A	
Columbidae												
<i>Columbina passerina</i>	rolinha-cinzenta							X	L	T	N	
<i>Columbina minuta</i>	rolinha-de-asa-canela						X		L	T	N	
<i>Columbina talpacot *</i>	rolinha-roxa	ob	1	1	0,75	X	X	X	L	T	N	
<i>Columbina squammata</i>	fogo-apagou							X	L	T	N	
<i>Columbina picui *</i>	rolinha-picui	ob		1	1		X	X	L	T	N	
<i>Claravis pretiosa</i>	pararu-azul					X	X		L	T/M	F	
<i>Uropelia campestris</i>	rolinha-vaqueira						X	X	M	T	N	
<i>Columba livia *</i>	pombo-doméstico	ob	1	1			X				N	
<i>Patagioenas speciosa *</i>	pomba-trocal	col	1	1	0,5		X	X	M	C	F	cin
<i>Patagioenas picazuro *</i>	pombão	ob	0,75	0,75	0,5		X	X	M	C	F/N	cin

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	P L	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Patagioenas cayennensis</i> *	pomba-galega	ob		0,25	0,25		X	X	M	C	F	cin
<i>Patagioenas plumbea</i> *	pomba-amargosa	ob			0,25	X	X		H	C	F	cin
<i>Patagioenas subvinacea</i>	pomba-botafogo					X	X		H	C	F	cin
<i>Zenaida auriculata</i> *	pomba-de-bando	ob		0,5	0,25		X	X	L	T/M	N	
<i>Leptotila verreauxi</i>	juriti-pupu					X	X	X	L	T/U	F	
<i>Leptotila rufaxilla</i>	juriti-gemeadeira					X	X	X	M	T	F	
<i>Geotrygon montana</i>	pariri					X	X	X	M	T	F	
Psittacidae												
<i>Ara ararauna</i> * (Figura 1-8)	arara-canindé	ft	0,5	1	1	X	X	X	M	C	F	xrb
<i>Ara macao</i> *	araracanga	ob			0,25	X	X		M	C	F	xrb
<i>Ara chloropterus</i> *	arara-vermelha-grande	ob			0,5	X	X	X	H	C	F	xrb
<i>Ara severus</i> *	maracanã-guaçu	ob			0,25	X	X		M	C	F	xrb
<i>Orthopsittaca manilata</i>	maracanã-doburiti					X	X	X	M	C	F	xrb
<i>Propyrrhura maracanã</i> * (Figura 1-9)	maracanã-verdadeira	ft		0,5	0,75			X	M	C	F	QA - IUCN xrb
<i>Primolius auricollis</i> *	maracanã-decolar	ob			0,5		X	X	M	C	F	xrb
<i>Diopsittaca nobilis</i> *	maracanã-pequena	ob		0,25	0,25		X	X	M	T/C	F	xrb
<i>Aratinga acuticaudata</i>	aratinga-de-testa-azul							X	M	C	F	xrb
<i>Aratinga leucophthalma</i> *	periquitão-maracanã	ob	0,25		0,25		X	X	L	C	F	xrb
<i>Aratinga weddellii</i>	periquito-de-cabeça-suja					X	X		L	C	F	xrb
<i>Aratinga aurea</i> *	periquito-rei	ob		0,25	1		X	X	M	U/C	N/F	xrb
<i>Pyrrhura perlata</i>	tiriba-de-barriga-vermelha					X	X		H	C	F	xrb
<i>Pyrrhura picta</i> *	tiriba	ob	0,25			X			H	C	F	xrb
<i>Brotogeris versicolurus</i>	periquito-de-asa-branca						X	X	M	C	F	xrb
<i>Brotogeris chiriri</i> *	periquito-de-encontro-amarelo	ob		0,75	1			X	M	C	F	xrb
<i>Brotogeris chrysoptera</i>	periquito-de-asa-dourada					X			M	C	F	
<i>Pionites leucogaster</i>	marianinha-de-cabeça-amarela					X			H	C	F	
<i>Gypopsitta barrabandi</i>	curica-de-bochecha-laranja					X			H	C	F	
<i>Graydidascalus brachyurus</i>	curica-verde					X			M	C	F	
<i>Alipiopsitta xanthops</i> *	papagaio-galego	ob		0,25					M	C	N	QA - IUCN xrb end-cerrado
<i>Pionus menstruus</i>	maitaca-de-cabeça-azul					X	X	X	L	C	F	xrb

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	PL	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Pionus sp maximiliani</i> *	maitaca-verde	ob		0,25	0,5				M	C	F	xrb
<i>Amazona aestiva</i> *	papagaio-verdadeiro	au		0,5	0,25		X	X	M	C	F/N	xrb
<i>Amazona ochrocephala</i>	papagaio-campeiro					X	X		M	C	F	xrb
<i>Amazona amazonica</i> *	curica	au	0,75				X	X	C	LT	F	xrb
<i>Amazona farinosa</i>	papagaio-moleiro					X	X		C	LT	F	xrb
<i>Deropterus accipitrinus</i>	anacã					X			C	LT	F	
Opisthocomidae												
<i>Opisthocomus hoazin</i>	cigana					X	X		M	U/C	F/A	
Cuculidae												
<i>Coccyzus cinereus</i>	papa-lagarta-cinzeno					X			M	M/C	F	
<i>Coccyzus americanus</i>	papa-lagarta-de-asa-vermelha					X		X	M	M/C	F	
<i>Coccyzus euleri</i>	papa-lagarta-de-euler					X			M	M/C	F	
<i>Coccyzus melacoryphus</i>	papa-lagarta-acanelado					X		X	L	M/C	F	
<i>Piaya cayana</i> *	alma-de-gato	col	0,75	1	1	X	X	X	L	C	F	
<i>Piaya melanogaster</i>	chincão-de-bico-vermelho					X			H	C	F	
<i>Coccyua minuta</i>	chincão-pequeno					X	X		L	U/M	F	
<i>Crotophaga major</i>	anu-coroca					X	X	X	M	T/C	F	
<i>Crotophaga ani</i> *	anu-preto	ob	0,75	1	1	X	X	X	L	T/C	N	
<i>Guira guira</i> *	anu-branco	ob	0,5	1	1		X	X	L	T	N	
<i>Tapera naevia</i>	saci					X	X	X	L	T/U	N	
<i>Dromococcyx phasianellus</i>	peixe-frito-verdadeiro					X	X	X	M	T	F	
<i>Dromococcyx pavoninus</i>	peixe-frito-pavonino						X		H	T/U	F	
<i>Neomorphus geoffroyi</i>	jacu-estalo					X	X		H	T	F	
Tytonidae												
<i>Tyto alba</i>	coruja-da-igreja					X			L	C	N	
Strigidae												
<i>Megascops choliba</i> *	corujinha-do-mato	au	0,25	0,25			X	X	L	C	F	
<i>Megascops watsonii</i>	corujinha-orelhuda					X	X		H	M/C	F	
<i>Lophotrix cristata</i>	coruja-de-crista					X			H	C	F	
<i>Pulsatrix perspicillata</i>	murucututu					X	X	X	M	C	F	
<i>Bubo virginianus</i>	jacurutu						X		L	C	F	
<i>Strix virgata</i>	coruja-do-mato					X	X		M	C	F	
<i>Strix huhula</i>	coruja-preta						X	X	M	C	F	
<i>Glaucidium hardyi</i>	caburé-da-amazônia					X			H	M/C	F	
<i>Glaucidium brasilianum</i>	caburé					X	X	X	L	C	N/F	
<i>Athene cunicularia</i> *	coruja-buraqueira	ob	0,25	0,75	0,25		X	X	M	T	N/F	
Nyctibiidae												

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	P L	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Nyctibius grandis</i>	mãe-da-lua-gigante					X	X		M	C	F	
<i>Nyctibius aethereus</i>	mãe-da-lua-parda					X	X		H	C	F	
<i>Nyctibius griseus</i> *	mãe-da-lua	au		0,25		X	X		L	C	F	
Caprimulgidae												
<i>Lurocalis semitorquatus</i>	tuju					X	X	X	M	A	F	
<i>Chordeiles pusillus</i>	bacurauzinho						X	X	M	A	N	
<i>Chordeiles minor</i>	bacurau-norte-americano					X		X	L	A	N	
<i>Nyctiprogne leucopyga</i>	bacurau-de-cauda-barrada						X		M	A	F/A	
<i>Podager nacunda</i>	coruçã					X	X	X	L	A	N	
<i>Nyctidromus albicollis</i> *	bacurau	col	1	0,5	0,25	X	X	X	L	T	F	
<i>Nyctiphrynus ocellatus</i>	bacurau-ocelado					X	X		M	T	F	
<i>Caprimulgus rufus</i> *	joão-corta-pau	col		0,25			X		L	T	F	
<i>Caprimulgus sp.</i> *	bacurau	col		0,25								
<i>Caprimulgus parvulus</i> *	bacurau-chintã	col		0,25			X	X	L	T	F	
<i>Caprimulgus nigrescens</i> *	bacurau-de-lajeado	ob (?)	0,25			X			M	T	F	
<i>Hydropsalis climacocerca</i>	acurana					X			M	U	N/A	
<i>Hydropsalis torquata</i>	bacurau-tesoura						X	X	L	T	N	
Apodidae												
<i>Cypseloides fumigatus</i>	taperuçú-preto							X?	M	A	F/N	
<i>Cypseloides senex</i>	taperuçú-velho							X	M	A	F/N	
<i>Streptoprocne zonaris</i>	taperuçú-de-coleira-branca						X	X	L	A	F/N	
<i>Chaetura cinereiventris</i> *	andorinhão	ob (?)	0,25	0,25		X			M	A	F/N	
<i>Chaetura egregia</i>	taperá-de-garganta-branca					X	X	X?	M	A	F	
<i>Chaetura chapmani</i>	andorinhão-de-chapman					X			M	A	F/N	
<i>Chaetura brachyura</i>	andorinhão-de-rabo-curto					X	X		L	A	F/N	
<i>Tachornis squamata</i>	tesourinha					X	X	X	L	A	F/N	
<i>Panyptila cayennensis</i>	andorinhão-estofador					X			M	A	F	
Trochilidae												
<i>Glaucis hirsutus</i>	balança-rabo-de-bico-torto					X	X	X	L	U	F	
<i>Threnetes leucurus</i>	balança-rabo-de-garganta-preta					X			M	U	F	
<i>Phaethornis nattereri</i>	besourão-de-sobre-amarelo						X	X	M	U	F	
<i>Phaethornis ruber</i> *	rabo-branco-rubro	ob	1	0,75		X	X		M	U	F	
<i>Phaethornis pretrei</i>	rabo-branco-acanelado							X	L	U	F	
<i>Phaethornis hispidus</i>	rabo-branco-cinza						X		M	U	F	

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	PL	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Phaethornis philippii</i>	rabo-branco-amarelo					X			H	U	F	
<i>Phaethornis superciliosus</i>	rabo-branco-de-bigodes					X			H	U	F	
<i>Campylopterus largipennis</i> *	asa-de-sabre-cinza	ob (?)		0,25		X			M	U/M	F	
<i>Eupetomena macroura</i>	beija-flor-tesoura						X	X	L	U/C	N	
<i>Aphantochroa cirrhochloris</i>	beija-flor-cinza						X		M	U/M	F/N	
<i>Florisuga mellivora</i>	beija-flor-azul-de-rabo-branco					X			L	M/C	F	
<i>Colibri serrirostris</i> *	beija-flor-de-orelha-violeta	au		0,5			X	X	L	U/M	N	
<i>Anthracothorax nigricollis</i> * (Figura 1-13)	beija-flor-de-veste-preta	col		0,25	0,5		X	X	L	M/C	F/N	
<i>Avocettula recurvirostris</i>	beija-flor-de-bico-virado					X			H	?	F	
<i>Topaza pella</i>	beija-flor-brilho-de-fogo					X			M	U/M	F	
<i>Chrysolampis mosquitus</i>	beija-flor-vermelho							X	L	C	F/N	
<i>Lophornis magnificus</i> *	topetinho-vermelho	col		0.25 (cf)				X	L	C	F	
<i>Lophornis chalybeus</i>	topetinho-verde					X			L	C	F	
<i>Discosura langsdorffi</i>	rabo-de-espino					X			M	C	F	
<i>Chlorestes notata</i>	beija-flor-de-garganta-azul					X			L	U/C	F	
<i>Chlorostilbon mellisugus</i>	esmeralda-de-cauda-azul						X		L	U/M	F/N	
<i>Chlorostilbon lucidus</i> *	besourinho-de-bico-vermelho	col	0,75				X	X	L	U/C	N/F	
<i>Thalurania furcata</i> * (Figura 1-14)	beija-flor-tesoura-verde	col			0,25	X	X	X	M	U/M	F	
<i>Hylocharis sapphirina</i>	beija-flor-safira					X	X	X?	M	U/C	F	
<i>Hylocharis cyanus</i> * (Figura 1-15 e Figura 1-16)	beija-flor-roxo	col		0,5	0,25	X	X		L	U/C	F	
<i>Hylocharis chrysurus</i>	beija-flor-dourado						X	X	M	U/M	F/N	
<i>Polytmus guainumbi</i>	beija-flor-de-bico-curvo						X		M	U	N	
<i>Amazilia chionogaster</i>	beija-flor-verde-e-branco						X		L	U/C	N/F	
<i>Amazilia versicolor</i>	beija-flor-de-banda-branca						X	X	L	U/C	F	
<i>Amazilia fimbriata</i>	beija-flor-de-garganta-verde					X	X	X	L	U/C	F	
<i>Amazilia lactea</i>	beija-flor-de-peito-azul							X	L	M/C	F	
<i>Heliodoxa xanthogonys</i>	brilhante-veludo					X			H	U/C	F/N	
<i>Heliathryx auritus</i> *	beija-flor-de-bochecha-azul	col	0,25			X	X		M	M/C	F	
<i>Heliactin bilophus</i>	chifre-de-ouro						X	X	M	U/M	N	
<i>Heliomaster longirostris</i>	bico-reto-cinzento					X	X		M	C	F	

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	P L	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Helimaster furcifer</i>	bico-reto-azul						X	X	M	C	F	
<i>Calliphlox amethystina</i>	estrelinha-ametista							X	L	U/C	F	
Trogonidae												
<i>Trogon viridis</i> *	surucua-grande-de-barriga-amarela	col	0,5	0,75	0,25	X	X		M	C	F	
<i>Trogon curucui</i>	surucua-de-barriga-vermelha					X	X	X	M	C	F	
<i>Trogon violaceus</i>	surucua-pequeno					X	X		M	C	F	
<i>Trogon collaris</i> *	surucua-de-coleira	col			0,75	X	X		M	M/C	F	
<i>Trogon rufus</i>	surucua-de-barriga-amarela					X	X		M	U/M	F	
<i>Trogon melanurus</i>	surucua-de-cauda-preta					X	X		M	C	F	
Alcedinidae												
<i>Ceryle torquatus</i> *	martim-pescador-grande	ob			0,25	X	X	X	L	U/C	A/F	
<i>Chloroceryle amazona</i>	martim-pescador-verde					X	X	X	L	U/M	A/F	
<i>Chloroceryle americana</i>	martim-pescador-pequeno					X	X	X	L	U	A/F	
<i>Chloroceryle inda</i>	martim-pescador-da-mata					X			M	U	A/F	
<i>Chloroceryle aenea</i> *	martinho	ob		0,25		X	X		M	U	A/F	
Momotidae												
<i>Electron platyrhynchum</i>	udu-de-bico-largo					X			M	M	F	
<i>Baryphthengus martii</i>	juruva-ruiva					X			M	U/M	F	
<i>Momotus momota</i> *	udu-de-coroa-azul	col		0,25	0,25	X	X	X	M	U/M	F	
Galbulidae												
<i>Brachygalba lugubris</i> *	ariramba-preta	ob			0,25 (cf)	X		X	L	C	F	
<i>Galbula cyanicollis</i>	ariramba-da-mata					X			H	M	F	
<i>Galbula ruficauda</i> *	ariramba-de-cauda-ruiva	col	0,25		0,5	X	X	X	L	M	F	
<i>Galbula leucogastra</i>	ariramba-bronzeada					X	X		H	C	F	
<i>Galbula dea</i>	ariramba-do-paraiso					X			M	C	F	
<i>Jacamerops aureus</i>	jacamaraçu					X			H	M/C	F	
Bucconidae												
<i>Notharchus macrorhynchos</i>	macuru-de-testa-branca					X			M	C	F	
<i>Notharchus tectus</i> *	macuru-pintado	ob	0,25			X	X		M	C	F	
<i>Bucco macrodactylus</i>	rapazinho-de-boné-vermelho					X			M	M	F	

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	PL	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Bucco tamatia</i> *	rapazinho-carijó	col			0,25		X		M	C	F	
<i>Bucco capensis</i>	rapazinho-decolar					X			H	C	F	
<i>Nystalus striolatus</i>	rapazinho-estriado					X	X		M	C	F	
<i>Nystalus chacuru</i> *	joão-bobo	ob		0,5	0,75		X	X	M	C	F/N	
<i>Nystalus maculatus</i>	rapazinho-dos-velhos							X	M	C	F/N	
<i>Malacoptila semicincta</i>	barbudo-de-coleira					X			M	U/M	F	
<i>Malacoptila rufa</i>	barbudo-de-pescoço-ferrugem					X			H	U	F	
<i>Nonnula ruficapilla</i>	freirinha-de-coroa-castanha						X		M	U/M	F	
<i>Monasa nigrifrons</i>	chora-chuva-preto					X	X	X	M	M/C	F	
<i>Monasa morphoeus</i> * (Figura 1-10)	chora-chuva-de-cara-branca	col	0,5	0,25	0,25	X	X		H	M/C	F	
<i>Chelidoptera tenebrosa</i> *	urubuzinho	col	0,25	1	0,5	X	X	X	L	C	F	
Capitonidae												
<i>Capito dayi</i>	capitão-de-cinta					X			H	C	F	
Ramphastidae												
<i>Ramphastos toco</i> *	tucanuçu	ob		0,75	0,5		X	X	M	C	N	xrb APII - CITES
<i>Ramphastos tucanu</i> *	tucano-grande-de-papo-branco	sn	0,25	0,25	0,25	X	X		H	C	F	Xrb APII - CITES
<i>Ramphastos vitellinus</i> *	tucano-de-bico-preto	sn		0,25	0,5	X	X	X	H	C	F	xrb APII - CITES
<i>Selenidera gouldii</i> * (Figura 1-2, Figura 1-17 e Figura 1-18)	saripoca-de-gould	col	0,25	0,25	0,5	X			M	C	F	xrb
<i>Pteroglossus inscriptus</i>	araçari-miudinho-de-bico-riscado					X	X	X	M	C	F	xrb
<i>Pteroglossus bitorquatus</i>	araçari-de-pescoço-vermelho					X	X		M	C	F	xrb
<i>Pteroglossus castanotis</i> *	araçari-castanho	col		0,5		X	X	X	H	C	F	xrb
Picidae												
<i>Picumnus aurifrons</i> * (Figura 1-19)	pica-pau-anão-dourado	col	0,25	0,25	0,5	X	X	X	M	M/C	F	
<i>Picumnus albosquamatus</i>	pica-pau-anão-escamado							X	L	M/C	F	
<i>Picumnus fuscus</i>	pica-pau-anão-fusco						X		H	?	F	QA - IUCN
<i>Melanerpes candidus</i> *	birro, pica-pau-branco	ob		0,25			X	X	L	M/C	N/F	
<i>Melanerpes cruentatus</i> *	benedito-de-testa-vermelha	col	0,5		0,75	X	X	X	L	C	F	

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	P L	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Veniliornis passerinus</i>	picapauzinho-anão					X	X	X	L	C	F	
<i>Veniliornis affinis</i>	picapauzinho-avermelhado					X	X		M	C	F	
<i>Piculus leucolaemus</i>	pica-pau-de-garganta-branca						X		H	C	F	
<i>Piculus flavigula</i>	pica-pau-bufador					X			H	C	F	
<i>Piculus chrysochloros</i>	pica-pau-dourado-escuro						X	X	M	C	F	
<i>Colaptes melanochloros</i>	pica-pau-verde-barrado						X	X	L	T/C	N/F	
<i>Colaptes campestris*</i>	pica-pau-do-campo	ob		0,25			X	X	L	T/C	N	
<i>Celeus grammicus</i>	picapauzinho-chocolate					X	X		H	C	F	
<i>Celeus elegans *</i>	pica-pau-chocolate	ob		0,25		X	X		M	M/C	F	
<i>Celeus lugubris</i>	pica-pau-louro							X	M	M/C	F	
<i>Celeus flavus</i>	pica-pau-amarelo					X			M	C	F	
<i>Celeus torquatus</i>	pica-pau-de-coleira					X	X		H	C	F	
<i>Dryocopus lineatus</i>	pica-pau-de-banda-branca					X	X	X	L	C	F	
<i>Campephilus rubricollis</i>	pica-pau-de-barriga-vermelha					X	X	X	H	M	F	
<i>Campephilus melanoleucos</i>	pica-pau-de-topete-vermelho					X	X	X	M	C	F	
Passeriformes												
Melanopareidae												
<i>Melanopareia torquata</i>	tapaculo-de-colarinho						X	X	M	T/U	N	end-cerrado
Thamnophilidae												
<i>Cymbilaimus lineatus</i>	papa-formiga-barrado					X			M	C	F	
<i>Taraba major</i>	choró-boi						X	X	L	U	F/N	
<i>Sakesphorus luctuosus</i>	choca-d'água					X			M	U/M	F	
<i>Thamnophilus doliatus *</i> (Figura 1-22)	choca-barrada	col			1	X	X	X	L	U/M	N	
<i>Thamnophilus palliatus</i>	choca-listrada					X	X		L	U/M	N	
<i>Thamnophilus aethiops *</i> (Figura 1-23 e Figura 1-24)	choca-lisa	col	0,5			X	X		H	U	F	
<i>Thamnophilus schistaceus</i>	choca-de-olho-vermelho					X	X		H	M	F	
<i>Thamnophilus murinus</i>	choca-murina					X			H	M	F	
<i>Thamnophilus (p.) punctatus</i>	choca-bate-cabo							X	L	U/M	F	
<i>Thamnophilus (p.) stictocephalus *</i> (Figura 1-21)	choca-de-natterer	col, sn (cf)	0,75						L	U/M	F	
<i>Thamnophilus (p.) pelzelni</i>	choca-do-planalto						X		L	U/M	F	
<i>Thamnophilus amazonicus</i>	choca-canela					X	X		L	U/M	F	

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	P L	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Thamnophilus torquatus</i>	choca-de-asa-vermelha							X	M	U	N	
<i>Megascictus margaritatus</i>	choca-pintada					X			H	U	F	
<i>Clytoctantes atrogularis</i>	choca-de-garganta-preta					X			H	U	F	QA-IUCN
<i>Dysithamnus mentalis</i>	choquinha-lisa							X	M	U/M	F	
<i>Thamnomanes saturninus</i>	uirapuru-selado					X			H	U	F	
<i>Thamnomanes caesioides</i> * (Figura 1-25 e Figura 1-26)	ipecuá	col	0,75			X	X		H	U/M	F	
<i>Pygiptila stellaris</i>	choca-cantadora					X	X		H	C	F	
<i>Myrmotherula leucophthalma</i>	choquinha-de-olho-branco					X			H	U	F	
<i>Myrmotherula haematona</i>	choquinha-de-garganta-carijó					X			H	U	F	
<i>Myrmotherula ornata</i>	choquinha-ornada					X			H	U/M	F	
<i>Myrmotherula brachyura</i>	choquinha-miúda					X	X		L	C	F	
<i>Myrmotherula sclateri</i>	choquinha-de-garganta-amarela					X	X		M	C	F	
<i>Myrmotherula surinamensis</i>	choquinha-estriada					X			L	U/M	F	
<i>Myrmotherula huxwelli</i>	choquinha-de-garganta-clara					X	X		H	U	F	
<i>Myrmotherula axillaris</i> * (Figura 1-27 e Figura 1-28)	choquinha-de-flanco-branco	col		0,75		X	X		M	U/M	F	
<i>Myrmotherula longipennis</i>	choquinha-de-asa-comprida					X			H	U/M	F	
<i>Myrmotherula iheringi</i>	choquinha-de-ihering					X			H	M	F	
<i>Myrmotherula menetriesii</i>	choquinha-de-garganta-cinza					X			H	M/C	F	
<i>Dichrozona cincta</i>	tovaquinha					X			H	T	F	
<i>Herpsilochmus atricapillus</i>	chorozinho-de-chapéu-preto					X			M	C	F	
<i>Herpsilochmus longirostris</i>	chorozinho-de-bico-comprido						X	X	M	C	F	
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i> *	chorozinho-de-asa-vermelha	col			0,5	X	X		M	C	F	
<i>Microrhophias quixensis</i> * (Figura 1-29)	papa-formiga-de-bando	col	0,75			X	X		M	M	F	
<i>Formicivora grisea</i>	papa-formiga-pardo					X	X		L	U/M	F	
<i>Formicivora rufa</i> *	papa-formiga-vermelho	col			0,25		X	X	L	U	N/F	
<i>Terenura humeralis</i>	zidedê-de-encontro					X			H	C	F	
<i>Cercomacra cinerascens</i>	chororó-pocuá					X	X		H	C	F	
<i>Cercomacra nigrescens</i>	chororó-negro					X	X		M	U	F	
<i>Pyriglena leuconota</i>	papa-taoca						X	X	M	U	F	
<i>Myrmoborus leucophrys</i> *	papa-formiga-de-sobrancelha	col	0,25			X	X		M	U	F	
<i>Myrmoborus myotherinus</i> *	formigueiro-de-cara-preta	col	0,5			X	X		H	U	F	

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	P L	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Hypocnemis cantator</i> *	papa-formiga-cantador	col	0,5	0,5		X	X		M	U/M	F	
<i>Hypocnemoides maculicauda</i>	solta-asa					X	X		M	U	F	
<i>Sclateria naevia</i>	papa-formiga-do-igarapé					X	X		M	T	F	
<i>Schistocichla leucostigma</i>	formigueiro-de-asa-pintada					X			H	T/U	F	
<i>Myrmeciza hemimelaena</i> * (Figura 1-31 e Figura 1-32)	formigueiro-de-cauda-castanha	col	0,75			X	X		M	T/U	F	
<i>Myrmeciza atrothorax</i> * (Figura 1-30)	formigueiro-de-peito-preto	col	0,5	0,5	0,25	X	X	X	L	U	F	
<i>Myrmornis torquata</i>	pinto-do-mato-carijó					X			H	T	F	
<i>Rhegmatorhina hoffmannsi</i>	mãe-de-taoca-papuda					X			H	U	F	
<i>Hylophylax naevius</i>	guarda-floresta					X			H	U	F	
<i>Hylophylax punctulatus</i>	guarda-várzea					X	X		M	U	F	
<i>Hylophylax poecilinotus</i> *	rendadinho	col		1		X	X		M	U	F	
<i>Phlegopsis nigromaculata</i>	mãe-de-taoca					X	X		M	U	F	
Conopophagidae												
<i>Conopophaga aurita</i>	chupa-dente-de-cinta					X			H	U	F	
<i>Conopophaga melanogaster</i> * (Figura 1-20)	chupa-dente-grande	col	0,5			X			H	U	F	
Grallariidae												
<i>Grallaria varia</i>	tovacuçu					X			H	T	F	
<i>Hylopezus macularius</i>	torom-carijó					X			M	T	F	
<i>Hylopezus berlepschi</i>	torom-torom						X		M	T	F	
<i>Myrmothera campanisona</i>	tovaca-patinho					X			H	T	F	
Rhinocryptidae												
<i>Liosceles thoracicus</i>	corneteiro-da-mata					X			H	T	F	
Formicariidae												
<i>Formicarius colma</i>	galinha-do-mato					X	X		H	T	F	
<i>Formicarius analis</i>	pinto-do-mato-de-cara-preta					X			M	T	F	
<i>Chamaeza cf nobili</i> *	tovaca-estriada	au	0,25			X			H	T	F	
Scleruridae												
<i>Sclerurus mexicanus</i>	vira-folha-de-peito-vermelho					X			H	T	F	
<i>Sclerurus rufigularis</i>	vira-folha-de-bico-curto					X			H	T	F	
<i>Sclerurus caudacutus</i>	vira-folha-pardo					X			H	T	F	
<i>Sclerurus albicularis</i>	vira-folha-de-garganta-cinza					X	X	X	H	T	F	
<i>Geositta poeciloptera</i>	andarilho							X	M	T	N	VU-IBAMA QA - IUCN
Dendrocolaptidae												
<i>Dendrocincla fuliginosa</i>	arapaçu-pardo					X	X		H	U/M	F	VU-IBAMA

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	PL	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Dendrocincla merula</i> *	arapaçu-da-taoca	col		0,25		X	X		H	U	F	
<i>Deconychura longicauda</i>	arapaçu-rabudo					X	X		H	M	F	
<i>Deconychura stictolaema</i>	arapaçu-de-garganta-pintada					X			H	M	F	
<i>Sittasomus griseicapillus</i>	arapaçu-verde					X	X	X	M	M	F	
<i>Glyphorhynchus spirurus</i> *	arapaçu-de-bico-de-cunha	col	0,75			X	X		M	U/M	F	
<i>Nasica longirostris</i>	arapaçu-de-bico-comprido					X			H	M/C	F	
<i>Dendrexetastes rufigula</i>	arapaçu-galinha					X	X		H	M	F	
<i>Hylexetastes perrotii</i>	arapaçu-de-bico-vermelho					X	X					
<i>Xiphocolaptes promeropirhynchus</i>	arapaçu-vermelho					X			H	M/C	F	
<i>Dendrocolaptes certhia</i>	arapaçu-barrado					X	X		H	U/M	F	
<i>Dendrocolaptes picumnus</i>	arapaçu-meio-barrado						X	X	H	M	F	
<i>Dendrocolaptes hoffmannsi</i>	arapaçu-marrom					X			H	U/M	F	
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>	arapaçu-grande							X	M	M	F	
<i>Xiphorhynchus picus</i>	arapaçu-de-bico-branco					X	X	X	L	M	F	
<i>Xiphorhynchus elegans</i> *	arapaçu-elegante	col	0,5			X	X		H	U/M	F	
<i>Xiphorhynchus obsoletus</i>	arapaçu-riscado					X	X		M	U/M	F	
<i>Xiphorhynchus guttatus</i>	arapaçu-de-garganta-amarela					X	X	X	L	U/C	F	
<i>Lepidocolaptes angustirostris</i>	arapaçu-de-cerrado						X	X	M	U/M	F/N	
<i>Lepidocolaptes albolineatus</i>	arapaçu-de-listras-brancas					X	X		H	C	F	
<i>Campylorhamphus procurvoides</i> (Lafresnaye, 1850)	arapaçu-de-bico-curvo					X			H	U/M	F	
Furnariidae												
<i>Furnarius leucopus</i>	casaca-de-couro-amarelo							X	L	T	F/N	
<i>Furnarius rufus</i> *	joão-de-barro	ob		1	1		X	X	L	T	N	
<i>Schoeniophylax phryganophilus</i>	bichoita							X	L	U	N	
<i>Synallaxis frontalis</i> *	petrim	au		0,75	0,5		X	X	L	U	F	
<i>Synallaxis albescens</i> *	uí-pi	au		0,75			X	X	L	U	N	
<i>Synallaxis hypospodia</i>	joão-grilo							X	M	U	N	
<i>Synallaxis rutilans</i> *	joão-teneném-castanho	col	0,25			X	X		H	U	F	
<i>Synallaxis cherriei</i>	puruchém						X		M	U	F	QA - IUCN
<i>Synallaxis gujanensis</i>	joão-teneném-beçuá					X			L	U	F	
<i>Synallaxis albilora</i>	joão-do-pantanal						X		L	U	F	
<i>Synallaxis scutata</i>	estrelinha-preta											

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	P L	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Cranioleuca vulpina</i>	arredio-do-rio						X		M	M/C	F/N	
<i>Cranioleuca gutturata</i>	joão-pintado					X			H	C	F	
<i>Phacellodomus rufifrons</i>	joão-de-pau							X	M	U/C	N/F	
<i>Phacellodomus ruber</i>	graveteiro							X	L	T/C	N	
<i>Berlepschia rikeri</i>	limpa-folha-do-buriti							X	M	C	F	
<i>Ancistrops strigilatus</i>	limpa-folha-picanço					X			H	M/C	F	
<i>Hyloctistes subulatus</i>	limpa-folha-riscado					X			H	M	F	
<i>Philydor ruficaudatum</i>	limpa-folha-de-cauda-ruiva					X			H	M	F	
<i>Philydor erythrocerum</i>	limpa-folha-de-sobre-ruivo					X	X		H	M	F	
<i>Philydor erythropterum</i>	limpa-folha-de-asa-castanha					X			H	C	F	
<i>Philydor rufum</i>	limpa-folha-de-testa-baia							X	M	C	F	
<i>Philydor pyrrhodes</i>	limpa-folha-vermelho					X			H	M	F	
<i>Automolus ochrolaemus</i>	barranqueiro-camurça					X			M	U	F	
<i>Automolus infuscatus</i>	barranqueiro-pardo					X			H	U	F	
<i>Automolus melanopezus</i>	barranqueiro-escuro					X			H	U	F	
<i>Lochmias nematura</i>	joão-porca							X	M	T	F	
<i>Xenops milleri</i>	bico-virado-da-copa					X			H	C	F	
<i>Xenops tenuirostris</i>	bico-virado-fino					X	X		M	C	F	
<i>Xenops minutus</i> *	bico-virado-miúdo	col		0,25		X	X		M	U/M	F	
<i>Xenops rutilans</i>	bico-virado-carijó					X	X	X	M	C	F	
Tyrannidae												
<i>Mionectes oleagineus</i> *	abre-asa	col	0,5	0,25		X	X		M	U/C	F	
<i>Leptopogon amaurocephalus</i> *	cabeçudo	au		0,5	0,25	X	X	X	M	U/M	F	
<i>Corythopsis torquatus</i> *	estalador-do-norte	au	0,25			X	X		H	T	F	
<i>Corythopsis delalandi</i>	estalador							X	M	T	F	
<i>Hemitriccus cf minor</i> *	maria-sebinha	col	0,25			X	X		H	M	F	
<i>Hemitriccus flammulatus</i>	maria-de-peito-machetado						X		M	U/M	F	
<i>Hemitriccus zosterops</i>	maria-de-olho-branco						X		H	M	F	
<i>Hemitriccus striaticollis</i>	sebinho-rajado-amarelo					X	X	X	M	M	F	
<i>Hemitriccus margaritaceiventer</i> *	sebinho-de-olho-de-ouro	col	0,5		0,25		X	X	M	U/M	F/N	
<i>Poecilotriccus capitalis</i>	maria-piçaca					X			M	U/C	F	
<i>Poecilotriccus latirostris</i> *	ferreirinho-de-cara-parda	sn		0,25	0,25	X	X	X	L	U	F	
<i>Todirostrum maculatum</i>	ferreirinho-estriado					X	X		L	C	N/F	

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	PL	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Todirostrum cinereum</i>	ferreirinho-relógio							X	L	U/C	F	
<i>Todirostrum chrysocrotaphum</i>	ferreirinho-pintado					X			M	C	F	
<i>Phyllomyias virescens</i>	piolhinho-verdoso								M	C	F	
<i>Phyllomyias fasciatus</i>	piolhinho						X	X	M	C	F	
<i>Tyrannulus elatus</i>	maria-te-viu					X			L	C	F	
<i>Myiopagis gaimardii</i>	maria-pechim					X	X	X	M	C	F	
<i>Myiopagis caniceps</i>	guaracava-cinzenta					X	X	X	M	C	F	
<i>Myiopagis viridicata</i>	guaracava-de-crista-alaranjada					X		A	M	C	F	
<i>Elaenia flavogaster</i> *	guaracava-de-barriga-amarela	col		0,25	0,5		X	X	L	C	N/F	
<i>Elaenia spectabilis</i>	guaracava-grande					X			L	C	F	
<i>Elaenia albiceps</i>	guaracava-de-crista-branca							X	L	C	F/N	
<i>Elaenia parvirostris</i>	guaracava-de-bico-curto					X			L	C	F	
<i>Elaenia cristata</i> *	guaracava-de-topete-uniforme	col		0,25	0,25		X	X	M	C	N	
<i>Ornithion inerme</i> *	poiaeiro-de-sobrancelha	col		0,25		X			M	C	F	
<i>Camptostoma obsoletum</i> *	risadinha	sn		0,25		X	X	X	L	C	F/N	
<i>Suiriri suiriri</i>	suiriri-cinzento						X	X	M	C	N/F	
<i>Serpophaga hypoleuca</i>	alegrinho-do-rio							X?	M	U/C	N	
<i>Phaeomyias murina</i> *	bagageiro	col			0,25	X			L	C	N/F	
<i>Euscarthmus meloryphus</i>	barulhento						X	X	L	U	N	
<i>Zimmerius gracilipes</i>	poiaeiro-de-pata-fina					X	X		M	C	F	
<i>Sublegatus modestus</i>	guaracava-modesta					X	X	X	M	C	F/N	
<i>Inezia inornata</i>	alegrinho-do-chaco					X	X		L	C	F	
<i>Myiornis ecaudatus</i> *	caçula	col		0,5		X	X		M	C	F	
<i>Rhynchocyclus olivaceus</i>	bico-chato-grande					X			H	M	F	
<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	bico-chato-de-orelha-preta					X	X	X	M	C	F	
<i>Tolmomyias assimilis</i> *	bico-chato-da-copa	col		0,5	0,5	X			H	C	F	
<i>Tolmomyias poliocephalus</i>	bico-chato-de-cabeça-cinza					X			M	C	F	
<i>Tolmomyias flaviventris</i> *	bico-chato-amarelo	col			0,25	X			L	C	F	
<i>Platyrinchus saturatus</i>	patinho-escuro					X			H	U	F	
<i>Platyrinchus mystaceus</i>	patinho							X	M	U	F	
<i>Platyrinchus coronatus</i>	patinho-de-coroa-dourada					X			H	U/M	F	
<i>Platyrinchus platyrhynchos</i>	patinho-de-coroa-branca					X			H	M	F	

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	P L	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Onychorhynchus coronatus</i>	maria-leque					X			H	M	F	
<i>Myiophobus fasciatus</i>	filipe					X	X	X	L	U	N	
<i>Myiobius barbatus</i>	assanhadinho					X		X	H	U/M	F	
<i>Terenotriccus erythrurus</i> *	papa-moscas-uirapuru	col	0,25			X	X		M	M/C	F	
<i>Hirundinea ferruginea</i>	gibão-de-couro						X	X	L	C	F	
<i>Lathrotriccus eulerei</i> *	enferrujado	col(?)	0,75	0,5				X	M	M	F	
<i>Cnemotriccus fuscatus</i>	guaracavuçu					X	X	X	L	U/M	F	
<i>Contopus virens</i>	piui-verdadeiro					X						
<i>Pyrocephalus rubinus</i>	príncipe					X	X	X	L	T/C	N/F	
<i>Knipolegus lophotes</i>	maria-preta-de-penacho							X	L	T/C	N	
<i>Hymenops perspicillatus</i>	viuvinha-de-óculos						X		M	T/C	A/N	
<i>Ochthornis littoralis</i>	maria-da-praia					X			M	T/U	A	
<i>Muscisaxicola fluviatilis</i>	gaúcha-d'água					X			M	T	A/N	
<i>Xolmis cinereus</i> *	primavera	ob			0,5		X	X	L	T/U	N	
<i>Xolmis velatus</i>	noivinha-branca						X	X	M	T/U	N	
<i>Gubernetes yetapa</i>	tesoura-do-brejo							X	M	T/C	N	
<i>Fluvicola albiventer</i>	lavadeira-de-cara-branca						X		M	T	A	
<i>Fluvicola nengeta</i>	lavadeira-mascarada							X	L	T	N	
<i>Arundinicola leucocephala</i>	freirinha							X	M	T/C	A/N	
<i>Alectrurus tricolor</i>	galito							X	H	U	N	VU-IBAMA VU - IUCN
<i>Colonia colonus</i>	viuvinha					X	X	X	L	C	F	
<i>Machetornis rixosa</i> *	suiriri-cavaleiro	ob		0,25			X		L	T	N	
<i>Legatus leucophaeus</i> *	bem-te-vi-pirata	au		0,25	0,25	X	X	X	L	C	F	
<i>Myiozetetes cayanensis</i>	bentevizinho-de-asa-ferruginea					X	X	X	L	C	F/N	
<i>Myiozetetes similis</i> *	bentevizinho-de-penacho-vermelho	ob		0,5	0,75	X			L	M/C	F	
<i>Myiozetetes granadensis</i>	bem-te-vi-de-cabeça-cinza					X			L	C	F	
<i>Myiozetetes luteiventris</i> *	bem-te-vi-barulhento	col	0,25						M	C	F	
<i>Pitangus sulphuratus</i> *	bem-te-vi	ob	0,25	0,5	0,75	X	X	X	L	T/C	F/N	
<i>Philohydor lictor</i>	bentevizinho-do-brejo						X	X	L	U	N/A	
<i>Myiodynastes maculatus</i>	bem-te-vi-rajado					X	X	X	L	M/C	F	
<i>Megarynchus pitangua</i>	neinei					X	X	X	L	C	F	
<i>Tyrannopsis sulphurea</i>	suiriri-de-garganta-rajada					X		X	M	C	F	
<i>Empidonomus varius</i> *	peitica	col		0,25	0,25	X	X	X	L	C	F	

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	PL	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Griseotyrannus aurantioatrocristatus</i>	peitica-de-chapéu-preto					X		X	L	C	F	
<i>Tyrannus albogularis</i> *	suiriri-de-garganta-branca	ob		0,25			X	X	L	C	F/N	
<i>Tyrannus melancholicus</i> *	suiriri	ob		0,75	0,75	X	X	X	L	C	F/N	
<i>Tyrannus savana</i> *	tesourinha	ob	0,75	1	0,5	X	X		L	C	N	
<i>Tyrannus tyrannus</i>	suiriri-valente							X				
<i>Rhytipterna simplex</i> *	vissia	ob/au	1			X	X		H	M/C	F	
<i>Sirystes sibilator</i>	gritador	col		0,25		X	X	X	M	C	F	
<i>Casiornis rufus</i>	caneleiro					X	X	X	M	M/C	F	
<i>Myiarchus tuberculifer</i>	maria-cavaleira-pequena					X	X		L	M/C	F	
<i>Myiarchus swainsoni</i>	irré					X			L	M/C	F	
<i>Myiarchus ferox</i>	maria-cavaleira					X	X	X	L	M/C	F	
<i>Myiarchus tyrannulus</i>	maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado					X	X	X	L	M/C	F/N	
<i>Ramphotricon ruficauda</i>	bico-chato-de-rabo-vermelho					X	X		M	M	F	
<i>Attila phoenicurus</i>	capitão-castanho						X		H	M/C	F	
<i>Attila cinnamomeus</i>	tinguaçu-ferrugem						X		H	C	F	
<i>Attila bolivianus</i>	bate-pára					X	X		H	M/C	F	
<i>Attila spadiceus</i>	capitão-de-saira-amarelo					X			M	M/C	F	
Cotingidae												
<i>Phoenicircus nigricollis</i>	saurá-de-pescoço-preto					X			H	C	F	
<i>Cotinga maynana</i>	cotinga-azul					X			M	C	F	
<i>Cotinga cayana</i>	anambé-azul					X			H	C	F	
<i>Lipaugus vociferans</i> *	cricrió	au	0,75	0,25	0,5	X	X		H	M/C	F	
<i>Xipholena punicea</i>	anambé-pompadora					X			M	C	F	
<i>Gymnoderus foetidus</i>	anambé-pombo					X	X		M	C	F	
<i>Querula purpurata</i>	anambé-uma					X			M	C	F	
<i>Haematoderus militaris</i>	anambé-militar					X			H	C	F	
<i>Cephalopterus ornatus</i>	anambé-preto						X		M	M/C	F	
Pipridae												
<i>Neopelma pallescens</i>	fruxu-do-cerradão						X	X	M	U	F	
<i>Neopelma sulphureiventer</i>	fruxu-de-barriga-amarela						X		H	U	F	
<i>Tyranneutes stolzmanni</i>	uirapuruzinho					X			H	M	F	
<i>Piprites chloris</i>	papinho-amarelo					X	X		H	C	F	
<i>Machaeropterus pyrocephalus</i> *	uirapuru-cigarra	col	0,5	1			X		M	U/M	F	
<i>Lepidothrix nattereri</i> *	uirapuru-de-chapéu-branco	col (?)	0,33			X	X		H	U/M	F	end - Rond
<i>Manacus manacus</i> *	rendeira	col		1	1	X	X		L	U	F	

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	P L	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Antilophia galeata</i>	soldadinho							X	M	M/C	F	
<i>Chiroxiphia pareola</i> *	tangará-falso	ob	0,5			X			H	U/M	F	
<i>Heterocercus linteatus</i>	coroa-de-fogo					X			M	U/M	F	
<i>Dixiphia pipra</i> *	cabeça-branca	ob	0,5						H	U	F	
<i>Pipra fasciicauda</i>	uirapuru-laranja						X	X	M	U/M	F	
<i>Pipra rubrocapilla</i> *	cabeça-encarnada	col	0,75	0,25		X	X		H	U/M	F	
Tityridae												
<i>Schiffornis major</i>	flautim-ruivo					X			H	U	F	
<i>Schiffornis turdina</i> *	flautim-marrom	col		1		X	X		H	U	F	
<i>Laniocera hypopyrra</i>	chorona-cinza					X			H	M/C	F	
<i>Iodopleura isabellae</i>	anambé-de-coroa					X			M	C	F	
<i>Tityra inquisitor</i>	anambé-branco-de-bochecha-parda					X	X	X	M	C	F	
<i>Tityra cayana</i>	anambé-branco-de-rabo-preto					X	X	X	M	C	F	
<i>Tityra semifasciata</i>	anambé-branco-de-máscara-negra					X	X	X	M	C	F	
<i>Pachyramphus viridis</i>	caneleiro-verde						X	X	M	C	F	
<i>Pachyramphus rufus</i>	caneleiro-cinzento							X	L	C	F	
<i>Pachyramphus castaneus</i>	caneleiro					X			M	C	F	
<i>Pachyramphus polychopterus</i>	caneleiro-preto					X	X	X	L	C	F	
<i>Pachyramphus marginatus</i>	caneleiro-bordado					X			H	C	F	
<i>Pachyramphus minor</i>	caneleiro-pequeno					X	X		H	C	F	
<i>Pachyramphus validus</i>	caneleiro-de-chapéu-preto					X	X	X	M	C	F	
Vireonidae												
<i>Cyclarhis gujanensis</i> *	pitiguari	ob		1	0,75	X	X	X	L	M/C	F	
<i>Vireolanius leucotis</i>	assobiador-do-castanhal					X			H	C	F	
<i>Vireo (chivi) olivaceus</i> *	juruvicara	col		0,75	0,25	X	X	X	L	C	F	
<i>Vireo altiloquus</i>	juruvicara-barbuda					X			L	C	F	
<i>Hylophilus thoracicus</i>	vite-vite						X		H	C	F	
<i>Hylophilus semicinereus</i>	verdinho-da-várzea					X			L	C	F	
<i>Hylophilus pectoralis</i>	vite-vite-de-cabeça-cinza						X		L	C	F	
<i>Hylophilus muscicapinus</i>	vite-vite-camurça					X	X		H	C	F	
<i>Hylophilus ochraceiceps</i>	vite-vite-uirapuru					X			M	U/M	F	
Corvidae												
<i>Cyanocorax cyanomelas</i>	gralha-do-pantanal						X	X	L	C	F	

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	PL	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Cyanocorax cristatellus</i> *	gralha-do-campo	ob		1			X	X	M	M/C	N	end cerrado
<i>Cyanocorax chrysops</i> *	gralha-piçaca	col		0,25	0,75				L	C	F	
Hirundinidae												
<i>Tachycineta albiventer</i>	andorinha-do-rio					X	X		L	A	A	
<i>Tachycineta leucorrhoa</i>	andorinha-de-sobre-branco						X		L	A	N	
<i>Progne tapera</i> *	andorinha-do-campo	ob			0,5	X	X	X	L	A	N	
<i>Progne chalybea</i> *	andorinha-doméstica-grande	ob	0,25	1	0,75	X	X	X	L	A	N	
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i> *	andorinha-pequena-de-casa	ob	0,25	0,75	0,75	X	X	X	L	A	N	
<i>Atticora fasciata</i>	peitoril					X			M	A	A	
<i>Atticora melanoleuca</i>	andorinha-de-coleira					X			M	A	A	
<i>Neochelidon tibialis</i>	calcinha-branca					X			M	A	F	
<i>Alopocheilidon fucata</i>	andorinha-morena							X	M	A	N	
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> *	andorinha-serradora	col		0,25	1	X	X	X	L	A	N/A	
<i>Riparia riparia</i>	andorinha-do-barranco					X			L	A	N	
<i>Hirundo rustica</i>	andorinha-de-bando					X	X		L	A	N	
<i>Petrochelidon pyrrhonota</i>	andorinha-de-dorso-acanelado						X		L	A	N	
Troglodytidae												
<i>Microcerculus marginatus</i>	uirapuru-veado					X			H	T/U	F	
<i>Odontorchilus cinereus</i>	cambaxirra-cinzenta					X			H	C	F	
<i>Troglodytes musculus</i>	corruira					X	X	X	L	T/U	N	
<i>Campylorhynchus turdinus</i>	catatau					X	X	X	L	M/C	F	
<i>Thryothorus genibarbis</i> *	garrinção-pai-avô	col	1	0,5	0,25	X	X	X	L	U	F	
<i>Thryothorus leucotis</i>	garrinção-de-barriga-vermelha					X		X	L	U	F	
<i>Thryothorus guarayanus</i>	garrincha-do-oeste						X		L	U	F	
<i>Cyphorhinus arada</i>	uirapuru-verdadeiro					X			H	T/U	F	
Donacobiidae												
<i>Donacobius atricapilla</i>	japacanim						X		M	U	A	
Poliptilidae												
<i>Ramphocaenus melanurus</i>	bico-assoavelado					X	X		L	U/M	F	
<i>Poliptila guianensis</i>	balança-rabo-guianense					X			H	C	F	
<i>Poliptila dumicola</i>	balança-rabo-de-máscara						X	X	M	U/C	F	
<i>Catharus fuscescens</i> *	sabiá-norte-americano	col	0,25	0,25		X		X				

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	P L	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Turdus rufiventris</i>	sabiá-laranjeira						X	X	L	T/C	F	xrb
<i>Turdus leucomelas</i> *	sabiá-barranco	au	0,25				X	X	L	T/C	F	xrb
<i>Turdus amaurochalinus</i>	sabiá-poca					X	X	X	L	T/C	F	xrb
<i>Turdus lawrencii</i>	caraxué-de-bico-amarelo					X			H	C	F	
<i>Turdus fumigatus</i>	sabiá-da-mata					X	X	X	M	T/M	F	xrb
<i>Turdus albicollis</i>	sabiá-coleira					X	X	X	M	U/M	F	xrb
Mimidae												
<i>Mimus saturninus</i> *	sabiá-do-campo	col	0,25	1	1		X	X	L	C	N	
<i>Mimus triurus</i>	calhandra-de-três-rabos						X		L	C	N	
Motacillidae												
<i>Anthus lutescens</i> *	caminheiro-zumbidor	au	0,5				X		L	T	N	
Coerebidae												
<i>Coereba flaveola</i> *	cambacica	au		0,25		X	X	X	L	C	F/N	
Thraupidae												
<i>Schistochlamys melanopsis</i> *	sanhaçu-de-coleira	col			0,5		X	X	L	U/C	F/N	
<i>Schistochlamys ruficapillus</i> *	bico-de-veludo	ob			0,25				L	U/C	F/N	
<i>Cissopis leverianus</i> *	tietinga	ob			1	X	X		L	U/C	F	
<i>Neothraupis fasciata</i>	cigarra-do-campo							X	M	U/C	N	QA - IUCN
<i>Lamprospiza melanoleuca</i>	pipira-de-bico-vermelho					X			H	C	F	
<i>Nemosia pileata</i>	saira-de-chapéu-preto						X	X	L	C	F	
<i>Thlypopsis sordida</i>	saí-canário							X	L	U/C	F/N	
<i>Cypsnagra hirundinacea</i>	bandoleta						X	X	H	T/C	N	
<i>Piranga flava</i>	sanhaçu-de-fogo							X	L	C	F/N	
<i>Habia rubica</i>	tiê-do-mato-grosso					X	X		H	U/M	F	
<i>Eucometis penicillata</i>	pipira-da-taoca						X	X	M	U/M	F	
<i>Tachyphonus cristatus</i> *	tiê-galo	col		0,25		X	X	X	M	C	F	
<i>Tachyphonus surinamus</i>	tem-tem-de-topete-ferrugíneo					X			M	U/M	F	
<i>Tachyphonus luctuosus</i>	tem-tem-de-dragona-branca					X	X		M	M/C	F	
<i>Tachyphonus rufus</i> *	pipira-preta	col		0,25	0,25		X	X	L	U/C	F/N	
<i>Tachyphonus phoenicius</i> *	tem-tem-de-dragona-vermelha	col(?)			0,25				M	U/C	F/N	
<i>Ramphocelus carbo</i> *	pipira-vermelha	col	0,75	1	0,75	X	X	X	L	U/C	F/N	
<i>Thraupis episcopus</i> *	sanhaçu-da-amazônia	ob	0,5			X			L	C	F/N	
<i>Thraupis sayaca</i>	sanhaçu-cinzento						X	X	L	C	F/N	
<i>Thraupis palmarum</i> *	sanhaçu-do-coqueiro	ob	0,25	0,25	0,25	X	X	X	L	C	F	
<i>Pipraeidea melanonota</i>	saira-viúva							X	L	M/C	F	
<i>Tangara mexicana</i>	saira-de-bando					X	X		M	C	F	xrb

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	PL	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Tangara chilensis</i> *	sete-cores-da-amazônia	col	0,75			X	X		M	C	F	xrb
<i>Tangara gyrola</i> *	saíra-de-cabeça-castanha	col		0,25		X	X		M	C	F	xrb
<i>Tangara cayana</i>	saíra-amarela					X		X	M	U/C	F/N	xrb
<i>Tangara cyanicollis</i> *	saíra-de-cabeça-azul	ob	0,5				X		L	C	F	xrb
<i>Tangara nigrocincta</i> *	saíra-mascarada	col		0,25		X			M	C	F	xrb
<i>Tangara velia</i>	saíra-diamante					X			H	C	F	
<i>Tersina viridis</i> *	saí-andorinha	col		0,25	0,75	X	X	X	L	C	F	xrb
<i>Dacnis lineata</i>	saí-de-máscara-preta					X	X	X	M	C	F	
<i>Dacnis flaviventer</i>	saí-amarela					X			M	C	F	
<i>Dacnis cayana</i> *	saí-azul	col		0,25		X	X	X	L	C	F	
<i>Cyanerpes nitidus</i>	saí-de-bico-curto					X			H	C	F	
<i>Cyanerpes caeruleus</i> *	saí-de-perna-amarela	col	0,25			X	X		M	C	F	
<i>Cyanerpes cyaneus</i>	saíra-beija-flor						X	X	L	C	F	
<i>Chlorophanes spiza</i>	saí-verde					X	X		M	C	F	
<i>Hemithraupis guira</i>	saíra-de-papo-preto					X	X	X	L	C	F	
<i>Hemithraupis flavicollis</i> *	saíra-galega	col	0,5	0,75	0,25	X	X		M	C	F	
<i>Conirostrum speciosum</i>	figuinha-de-rabo-castanho						X	X	L	C	F	
Emberizidae												
<i>Zonotrichia capensis</i> *	tico-tico	ob	1	0,75			X	X	L	T/U	N	
<i>Ammodramus humeralis</i> *	tico-tico-do-campo	col	1	0,75	1		X	X	L	T	N	
<i>Ammodramus aurifrons</i>	cigarrinha-do-campo					X			L	T	N	
<i>Porphyrospiza caerulescens</i>	campainha-azul							X				QA-IUCN
<i>Poospiza cinerea</i>	capacetinho-do-oco-do-pau							X	H	?	N	VU - IUCN end-cerrado
<i>Sicalis citrina</i>	canário-rasteiro							X	M	T	N	xrb
<i>Sicalis columbiana</i>	canário-do-amazonas							X	L	T	N	xrb
<i>Sicalis luteola</i>	tipio						X		L	T	N	xrb
<i>Emberizoides herbicola</i> *	canário-do-campo	ob		0,75	0,25		X	X	L	U	N	
<i>Volatinia jacarina</i> *	tiziu	ob	1	1	0,5	X	X	X	L	T/U	N	
<i>Sporophila schistacea</i>	cigarrinha-do-norte					X			M	U/M	F/N	
<i>Sporophila plumbea</i>	patativa						X	X	M	U	N	xrb
<i>Sporophila collaris</i>	coleiro-do-brejo						X		L	U	N/A	xrb
<i>Sporophila lineola</i>	bigodinho					X	X	X	L	U	N	xrb
<i>Sporophila nigricollis</i>	baiano							X	L	U	N	xrb
<i>Sporophila caerulescens</i> *	coleirinho	ob			0,5	X	X	X	L	U	N	xrb
<i>Sporophila leucoptera</i>	chorão							X	L	U	N/A	xrb

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	P L	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Sporophila nigrorufa</i>	caboclinho-do-sertão						X		M	U	N	VU-IBAMA VU - IUCN xrb
<i>Sporophila hypoxantha</i>	caboclinho-de-barriga-vermelha						X		M	U	N	xrb
<i>Sporophila ruficollis</i>	caboclinho-de-papo-escuro						X		M	U	N	QA-IUCN xrb
<i>Sporophila castaneiventris</i>	caboclinho-de-peito-castanho					X			L	U	N	
<i>Sporophila angolensis</i> *	curió	col		0,25	0,25	X	X	X	L	U/M	N/F	Xrb
<i>Sporophila maximiliani</i>	bicudo							X	L	U	N/A	QA-IUCN xrb
<i>Tiaris fuliginosus</i>	cigarra-do-coqueiro							X	L	U/M	F/N	
<i>Arremon taciturnus</i> *	tico-tico-de-bico-preto	col	0,75	1		X	X	X	M	T	F	
<i>Arremon flavirostris</i>	tico-tico-de-bico-amarelo							X	M	T	F	
<i>Charitospiza eucosma</i>	mineirinho						X	X	H	T/U	A	QA - IUCN end-cerrado
<i>Coryphaspiza melanotis</i>	tico-tico-de-máscara-negra							X	H	T/U	N	VU-IBAMA VU-IUCN
<i>Coryphospingus cucullatus</i>	tico-tico-rei						X	X	L	T/U	N/F	
<i>Paroaria gularis</i>	cardeal-da-amazônia					X	X		L	T/M	N/F	
Cardinalidae												
<i>Pheucticus aureoventris</i>	rei-do-bosque						X		L	C	F/N	
<i>Saltator grossus</i>	bico-encarnado					X			M	M/C	F	
<i>Saltator maximus</i> *	tempera-viola	col			0,25	X	X	X	L	M/C	F	xrb
<i>Saltator coerulescens</i>	sabiá-gongá					X	X		L	M/C	N/F	xrb
<i>Saltator similis</i> *	trinca-ferro-verdadeiro	col		1	0,5			X	L	M/C	F	xrb
<i>Saltator atricollis</i>	bico-de-pimenta						X	X	M	U/C	F/N	xrb end-cerrado
<i>Cyanoloxia glaucocaerulea</i>	azulinho						X		L	U/M	F/N	xrb
<i>Cyanocompsa cyanoides</i>	azulão-da-amazônia					X	X		M	U	F	xrb
Parulidae												
<i>Parula pitayumi</i>	mariquita						X	X	M	C	F	
<i>Geothlypis aequinoctialis</i> *	pia-cobra	au			0,25			X	L	U	N/A	
<i>Basileuterus culicivorus</i> *	pula-pula	col		0,75			X	X	M	U/M	F	
<i>Basileuterus hypoleucus</i> *	pula-pula-de-barriga-branca	col			0,25			X	L	U/M	F	
<i>Basileuterus flaveolus</i> *	canário-do-mato	col		1	0,25		X	X	M	T/U	F	
<i>Basileuterus leucophrys</i>	pula-pula-de-sobrancelha							X	M	T/U	F	
<i>Phaeothlypis rivularis</i>	pula-pula-ribeirinho					X	X		M	T	F	
<i>Granatellus pelzelni</i>	polícia-do-mato					X	X		M	M/C	F	
Icteridae												

Táxon	Nome Comum	reg	Rg1	Rg2	Rg3	Jipr	PL	Cerr	sns	strt	amb	inf compl
<i>Psarocolius viridis</i>	japu-verde					X			H	C	F	
<i>Psarocolius decumanus</i> *	japu	ob	0,25	0,5	0,5	X	X	X	M	C	F	
<i>Psarocolius bifasciatus</i>	japuaçu					X	X		M	C	F	
<i>Procacicus solitarius</i>	iraúna-de-bico-branco						X					
<i>Cacicus haemorrhous</i>	guaxe					X	X		L	M/C	F	
<i>Cacicus cela</i>	xexéu					X	X	X	L	M/C	F	
<i>Icterus cayanensis</i>	encontro					X	X	X	M	C	F	xrb
<i>Icterus jamacaii</i> *	corrupião	ob			0,25		X					xrb
<i>Lamprosar tanagrinus</i>	iraúna-velada					X			M	C	F	
<i>Gnorimopsar chopi</i> *	graúna	ob	0,25	0,75	1		X	X	L	T/C	N/F	xrb
<i>Agelasticus cyanopus</i>	carretão						X	X	M	T/U	A	
<i>Molothrus rufoaxillaris</i>	vira-bosta-picumã							X	L	T	N	
<i>Molothrus oryzivorus</i> *	iraúna-grande	ob			0,25	X	X	X	L	T/C	F/N	
<i>Molothrus bonariensis</i> *	vira-bosta	ob			1		X	X	L	T	F/N	
<i>Sturnella militaris</i>	polícia-inglesa-do-norte						X		L	T/U	N/A	
<i>Dolichonyx oryzivorus</i>	triste-pia					X	X					
Fringillidae												
<i>Euphonia chlorotica</i> *	fim-fim	au		1			X	X	L	C	F	
<i>Euphonia violacea</i> *	gaturamo-verdadeiro	sn (?)	0,25	0,25					L	C	F	
<i>Euphonia laniirostris</i> *	gaturamo-de-bico-grosso	col			0,25	X	X	X	L	C	F	
<i>Euphonia chrysopasta</i>	gaturamo-verde					X			M	C	F	
<i>Euphonia minuta</i> *	gaturamo-de-barriga-branca	au				X	X		M	C	F	
<i>Euphonia xanthogaster</i>	fim-fim-grande					X			M	U/C	F	
<i>Euphonia rufiventris</i>	gaturamo-do-norte					X			M	C	F	
Passeridae												
<i>Passer domesticus</i> *	pardal	ob	0,75	1	0,75		X	X				

*: espécies registradas na área de influência durante a campanha de campo

reg: mostra o tipo de registro mais confiável efetuado para cada espécie durante a campanha de campo, na seguinte ordem de confiabilidade: coleta (col), foto (ft), registro sonoro com gravação (sn), observação (ob), registro auditivo sem gravação (au);

? identificação ainda inexata.

Rg 1: frequência de ocorrência das espécies registradas em campo na região 1, em Vilhena (RO);

Rg 2: frequência de ocorrência das espécies registradas em campo na região 2, em Nova Lacerda (MT);

Rg 3: frequência de ocorrência das espécies registradas em campo na região 3, em Jauru (MT);

Jipr: espécies de aves registradas no médio rio Jiparaná (RO) - Stotz et al (1997);

PL: espécies de aves registradas na região dos municípios de Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade (MT)- Pelzelin (1871), Willis e Oniki (1990) e Silveira e d'Horta (2002).

Cerr: espécies de aves registradas na região da Chapada dos Guimarães (MT) e em demais localidades de cerrado no alto da chapada dos Parecis - Allen (1891, 1892 e 1893), Naumburg (1930), Willis e Oniki (1990) e d'Horta (com. pess.); PL;

sns: sensibilidade das espécies à perturbações ambientais de acordo com Stotz et al. (1996): sensibilidade alta (H), mediana (M) e baixa (L);

strt: estrato de forrageamento das espécies de acordo com Stotz et al. (1996): terrestre (T), aquáticos (W); aéreo (A), dossel (C), estrato médio (M) e sub-bosque (U);

amb: ambientes preferenciais simplificados a partir de Stotz et al. (1996): ambiente florestal (F), ambiente não florestal (N) e ambiente associado à corpos d'água (A);

inf compl: Informações complementares relevantes: espécie considerada vulnerável pelo IBAMA (VU-IBAMA); considerada quase ameaçada pela IUCN (QA-UCN); ameaçada pela IUCN (AM-IUCN); criticamente ameaçada pela IUCN (CA-IUCN); espécies listadas no Apêndice I da CITES, que inclui as espécies amais ameaçadas com extinção e cujo comércio internacional é proibido (Ap.I - CITES); espécies listadas no Apêndice II da CITES, que inclui espécies que não estão necessariamente ameaçadas de extinção no momento, mas que podem se tornar ameaçadas caso o comércio não seja fortemente controlado (Ap.II - CITES); espécies listadas no Apêndice III da CITES, que inclui espécies por solicitação das partes que assinaram a Convenção e que necessitam de cooperação de outros países para prevenir sua exploração insustentável ou ilegal (Ap.III - CITES); espécie almejada como xerimbabo (xrb), espécies cinegética (cin), endêmica do cerrado e endêmica do Centro de Endemismo Rondônia.

O Gráfico 1-1, mostra como se deu o acúmulo de espécies localmente (em cada região de amostragem) e de maneira geral (durante toda a campanha). O formato das curvas mostradas no Gráfico 1-1, tanto a geral, quanto as locais, não mostram tendência à diminuição no número de novos registros ao final das amostragens.

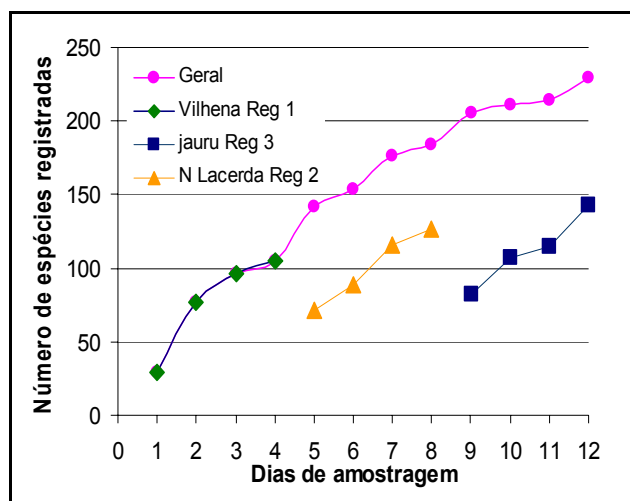


Gráfico 1-1 - Acúmulo de espécies ao longo dos dias de amostragem de aves, em cada região separadamente, e durante toda a campanha de inventário de aves.

O Gráfico 1-2, mostra a proporção de espécies de acordo com sua sensibilidade a alterações ambientais, em cada uma das avifaunas consideradas, e o Gráfico 1-3 mostra a proporção das espécies de acordo com seus ambientes preferenciais nessas mesmas avifaunas.

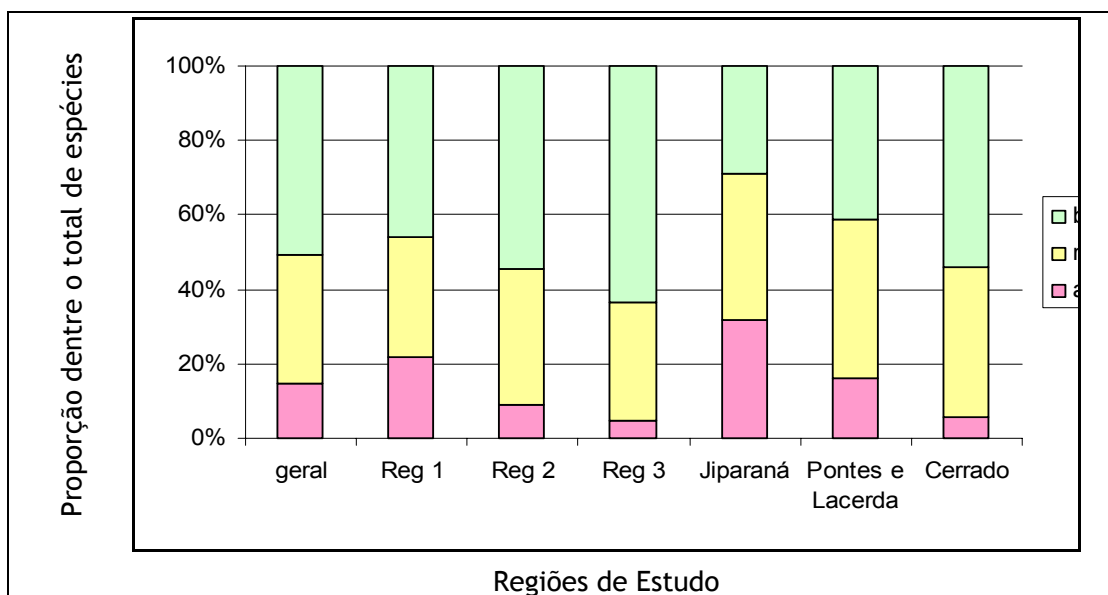


Gráfico 1-2 - Proporção de espécies altamente (alta), medianamente (média)

e pouco (baixa) sensíveis a perturbações ambientais (*sensu Stotz et al. 1996*) na avifauna amostrada ao longo do traçado, nas diversas regiões de amostragem, e compiladas para regiões próximas a partir de dados secundários.

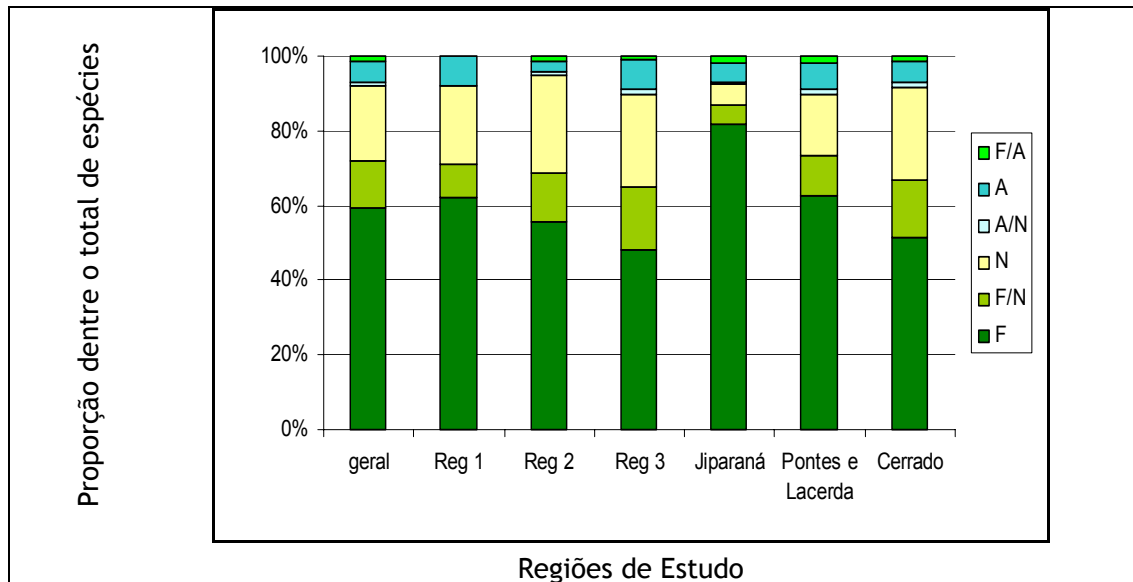


Gráfico 1-3 - Proporção de espécies de acordo com seu ambiente preferencial (florestal - F, aquático - A e não florestal - N) (*sensu Stotz et al. 1996*), na avifauna amostrada ao longo do traçado, nas diversas regiões de amostragem, e compiladas para regiões próximas a partir de dados secundários.

Considerando a avifauna geral amostrada no campo, a proporção de espécies pouco sensíveis é mais semelhante à verificada na avifauna compilada para os cerrados da região (Gráfico 1-2). Entretanto, se avaliada a proporção de espécies altamente sensíveis, a avifauna geral amostrada no campo compartilha valor mais semelhante à amostrada em Pontes Lacerda e região (Gráfico 1-2). Em relação às espécies medianamente sensíveis elas ficam em posição intermediária entre a listagem compilada para o "cerrado" e a compilada para Pontes e Lacerda (Gráfico 1-2). Em relação à proporção de espécies de acordo com seus ambientes preferenciais, a listagem geral do inventário no campo é mais semelhante à localidade de transição floresta estacional / floresta Ombrófila (Pontes e Lacerda) do que com as outras avifaunas compiladas pela literatura (Gráfico 1-3).

Comparando as três regiões de amostragem separadamente, a região de Vilhena foi onde se verificou a maior proporção de aves medianamente e altamente sensíveis (Gráfico 1-2) e a maior proporção de aves florestais (Gráfico 1-3). A região de Nova Lacerda se mostrou intermediária entre as outras duas em relação à proporção de aves medianamente e altamente sensíveis (Gráfico 1-2) e de espécies características de ambientes florestais (Gráfico 1-3). Finalmente, em

Jauru foi onde se verificou a menor quantidade de espécies medianamente e altamente sensíveis (**Gráfico 1-2**), bem como daquelas de ambientes florestais (**Gráfico 1-3**).

Avaliando os gráficos mostrados para as listagens das três localidades obtidas através de dados bibliográficos percebe-se que a proporção de espécies medianamente e altamente sensíveis mostra-se maior na localidade situada no contato floresta estacional / floresta ombrófila (Jiparaná), seguida pela localidade no ecótono floresta estacional / cerrado (Pontes e Lacerda), estando em último à compilação para o Cerrado (**Gráfico 1-2**). O mesmo padrão de decréscimo também é verificado em relação à proporção de espécies florestais nessas três listagens (**Gráfico 1-3**).

Assim, é possível sugerir que a proporção maior de espécies sensíveis a alterações ambientais pode estar relacionada à maior proporção de espécies florestais, que seriam mais afetadas pela degradação de seus ambientes que as espécies características de ambientes não florestais. Em virtude disso, e da evidente diferença entre a cobertura vegetal das regiões de amostragem, as proporções de espécies sensíveis não serão usadas para um diagnóstico comparativo delas, apresenta as aves amostradas pelo método quantitativo de captura com redes-neblina, e mostra as taxas de capturas das espécies obtidas em cada sítio de amostragem.

Quadro 1-2 - Aves amostradas pelo método de captura com redes-neblina nos quatro sítios de amostragem escolhidos nas regiões de Vilhena (sítio 1 - Floresta estacional), Nova Lacerda (sítio 2 - Floresta de Galeria) e Jauru (sítio 3 - cerradão e sítio 4 - cerrado).

Espécie	sítio 1	sítio 2	sítio 3	sítio 4	sens	strt	amb
<i>Harpagus bidentatus</i> (Figura 1-7)		0,0043			M	C	F
<i>Anthracothorax nigricollis</i> (Figura 1-13)				0,0316	L	M/C	F/N
<i>Thalurania furcata</i> (Figura 1-14)	0,0047		0,0126		M	U/M	F
<i>Hylocharis cyanus</i> (Figura 1-15 e Figura 1-16)		0,0087			L	U/C	F
<i>Monasa morphoeus</i> (Figura 1-10)	0,0141		0,0063		H	M/C	F
<i>Selenidera gouldii</i> (Figura 1-2, Figura 1-17 e Figura 1-18)	0,0047		0,0063		M	C	F
<i>Picumnus aurifrons</i> (Figura 1-19)	0,0047				M	M/C	F
<i>Thamnophilus doliatus</i> (Figura 1-22)				0,0211	L	U/M	N
<i>Thamnophilus aethiops</i> (Figura 1-23 e Figura 1-24)	0,0141				H	U	F
<i>Thamnophilus cf stictocephalus</i> (Figura 1-21)	0,0094				L	U/M	F
<i>Thamnomanes caesius</i> (Figura 1-25 e Figura 1-26)	0,0141				H	U/M	F
<i>Myrmotherula axillaris</i> (Figura 1-27 e Figura 1-28)		0,0087			M	U/M	F
<i>Microrhopias quixensis</i> (Figura 1-29)	0,0047				M	M	F
<i>Formicivora rufa</i>				0,0316	L	U	N/F
<i>Myrmeciza hemimelaen</i> (Figura 1-31 e Figura 1-32)	0,0141				M	T/U	F
<i>Myrmeciza atrothorax</i> (Figura 1-30)	0,0047				L	U	F
<i>Hylophylax poecilinotus</i>		0,0173			M	U	F
<i>Conopophaga melanogaster</i> (Figura 1-20)	0,0047				H	U	F
<i>Dendrocincla merula</i>		0,0130			H	U	F
<i>Glyphorhynchus spirurus</i>	0,0330				M	U/M	F
<i>Xiphorhynchus elegans</i>	0,0047				H	U/M	F
<i>Synallaxis rutilans</i>	0,0047				H	U	F
<i>Xenops minutus</i>		0,0043			M	U/M	F
<i>Mionectes oleagineus</i>	0,0047	0,0043			M	U/C	F
<i>Hemitriccus cf minor</i>	0,0047				H	M	F
<i>Hemitriccus margaritaceiventer</i>				0,0211	M	U/M	F/N
<i>Elaenia cf flavogaster</i>				0,0105	L	C	N/F
<i>Elaenia cf cristata</i>				0,0526	M	C	N
<i>Terenotriccus erythrurus</i>	0,0047				M	M/C	F
<i>cf Lathotriccus euler</i>	0,0047				M	M	F
<i>Machaeropterus pyrocephalus</i>	0,0141	0,0173			M	U/M	F
<i>Lepidothrix nattereri</i>	0,0047				H	U/M	F
<i>Pipra sp.</i>			0,0063		M	U	F
<i>Manacus manacus</i>		0,0217			L	U	F
<i>Dixiphia pipra</i>	0,0047				H	U	F

Espécie	sítio 1	sítio 2	sítio 3	sítio 4	sens	strt	amb
<i>Pipra rubrocapilla</i>	0,0047				H	U/M	F
<i>Schiffornis turdina</i>		0,0130			H	U	F
<i>Thryothorus genibarbis</i>	0,0141	0,0043			L	U	F
<i>Catharus fuscescens</i>		0,0043					
<i>Schistochlamys melanopis</i>				0,0316	L	U/C	F/N
<i>Tachyphonus phoenicius</i>				0,0105	M	U/C	F/N
<i>Ammodramus humeralis</i>				0,0105	L	T	N
<i>Arremon taciturnus</i>		0,0087			M	T	F
<i>Saltator similis</i>				0,0211	L	M/C	F
<i>Basileuterus culicivorus</i>		0,0043			M	U/M	F
<i>Basileuterus flaveolus</i>		0,0043			M	T/U	F

sens: sensibilidade das espécies à perturbações ambientais de acordo com Stotz *et al.* (1996): sensibilidade alta (H), mediana (M) e baixa (L);

strt: estrato de forrageamento das espécies de acordo com Stotz *et al.* (1996): terrestre (T), aquáticos (W); aéreo (A), dossel (C), estrato médio (M) e sub-bosque (U);

amb: ambientes preferenciais simplificados a partir de Stotz *et al.* (1996): ambiente florestal (F), ambiente não florestal (N) e ambiente associado à corpos d'água (A);

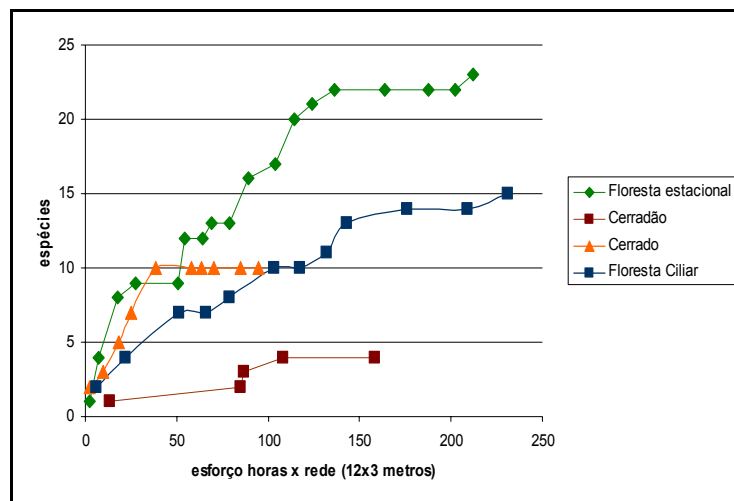


Gráfico 1-4 - Acúmulo de espécies ao longo das amostragens de aves com redes-neblina nas quatro fitofisionomias estudadas.

Comparando as riquezas amostradas nos quatro sítios (sítio 1 com 23 espécies, sítio 2 com 15 espécies, sítio 3 com 4 espécies e sítio 4 com 10 espécies) (

Quadro 1-2), e o formato das curvas apresentadas (Gráfico 1-4) pode-se sugerir que, dentre os ambientes amostrados, a floresta estacional é a mais rica, sendo seguida pela floresta de galeria, cerrado *sensu stricto* e, por último, o cerrado.

O Gráfico 1-5 e Gráfico 1-6, mostram as proporções de espécies, amostradas pelas redes em cada local, de acordo com suas sensibilidades a perturbações e seus ambientes preferenciais.

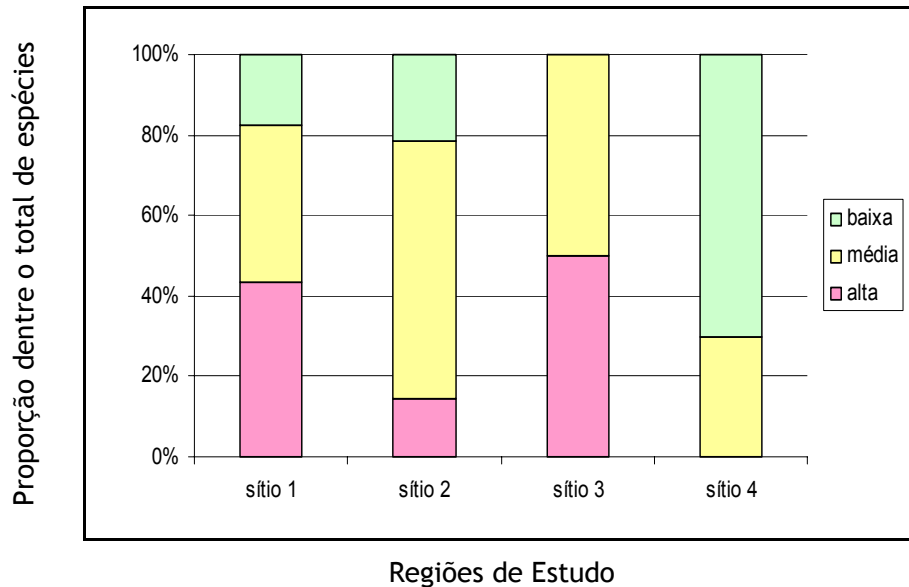


Gráfico 1-5 - Proporção de espécies altamente, medianamente e pouco sensíveis a perturbações ambientais (*sensu Stotz et al. 1996*) na avifauna registrada pelas redes-neblina.

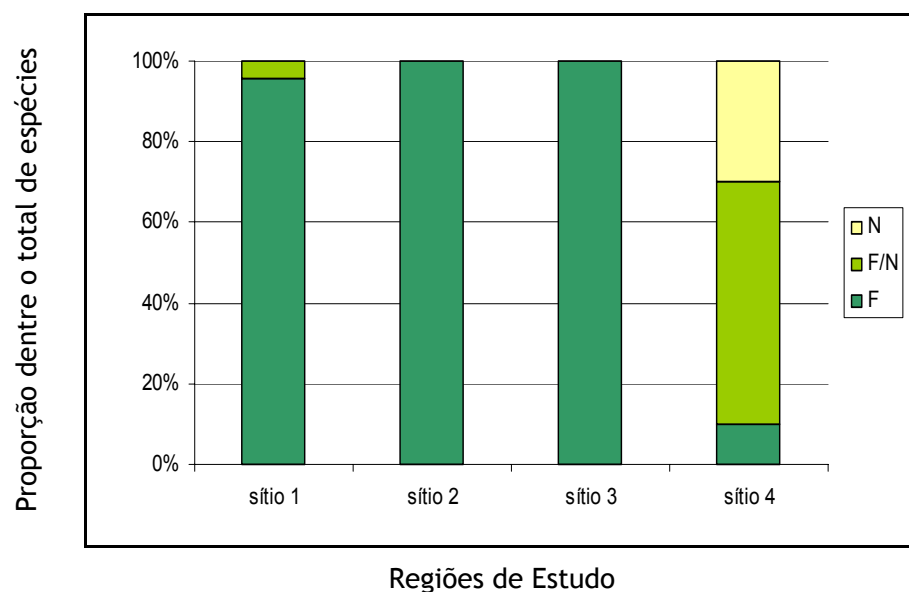


Gráfico 1-6 - Proporção de espécies de acordo com seu ambiente preferencial (florestal - F e não florestal - N) (*sensu Stotz et al. 1996*) na avifauna registrada pelas redes-neblina.

avifauna registrada pelas redes-neblina.

A partir desses gráficos se verifica que as avifaunas amostradas nos sítios cobertos por fisionomias florestais (sítios 1, 2 e 3), possuem maior proporção de aves florestais (como seria de se esperar) e apresentam também maior proporção de aves que apresentam sensibilidade alta e média a perturbações ambientais.

Assim, o mesmo padrão verificado a partir das amostragens qualitativas é verificado com as amostragens quantitativas, apontando também que não se devem usar essas proporções de espécies sensíveis como inferência comparativa dos estados de conservação entre sítios cobertos com fitofisionomias distintas.

Frente a essas evidentes diferenças verificadas entre as avifaunas das três regiões amostradas, suas caracterizações e seus diagnósticos ambientais são apresentados separadamente. Com isso se ponderarão, de forma mais clara, os diferentes contextos regionais para a identificação dos eventuais impactos gerados pela implantação e operação da LT.

1.4.3.2 - Aves da Região 1

A avifauna registrada na região de Vilhena é, em boa parte, composta por elementos característicos do norte da região Neotropical (Amazônia e regiões imediatamente próximas) (e.g. *Caprimulgus nigrescens*, *Notharchus tectus*, *Ramphastos tucanus*, *Melanerpes cruentatus*, *Microrhophias quixensis*, *Myrmoborus leucophrys*, *Myrmoborus myotherinus*, *Hypocnemis cantator*, *Myrmeciza hemimelaena*, *Myrmeciza atrothorax*, *Xiphorhynchus elegans*, *Synallaxis rutilans*, *Corythopsis torquatus*, *Myiornis ecaudatus*, *Tolmomyias assimilis*, *Terenotriccus erythrurus*, *Myiozetetes luteiventris*, *Machaeropterus pyrocephalus*, *Thraupis episcopus*, *Tangara chilensis* e *Cyanerpes caeruleus*), sendo que alguns têm distribuição restrita ao sul da Amazônia (*Mitu tuberosum*, *Crypturellus strigulosus*, *Selenidera gouldii*, *Picumnus aurifrons* e *Conopophaga melanogaster*). A espécie *Lepidothrix cf nattereri* pode ter sido única registrada como endêmica do Centro ou Área de Endemismo Rondônia. Das aves registradas, algumas ocorrem nas florestas do Norte da Região Neotropical e nas da costa Atlântica (*Crypturellus obsoletus*, *Chaetura cinereiventris*, *Heliophryx auritus*, *Monasa morphoeus*, *Thamnophilus aethiops*, *Thamnomanes caesioides*, *Glyphorhynchus spirurus*, *Mionectes oleagineus*, *Rhytipterna simplex*, *Lipaugus vociferans*, *Chiroxiphia pareola*, *Dixiphia pipra*, *Pipra rubrocapilla*, *Hemithraupis flavicollis* e *Arremon taciturnus*). Das espécies registradas apenas duas são exclusivas da porção central da América do Sul (*Chauna torquata* e *Cariama cristata*), e as demais espécies registradas têm sua distribuição ampla, não merecendo maiores comentários para essa caracterização zoogeográfica.

O Gráfico 1-7, mostra a proporção de espécies encontradas, nas três regiões de amostragem, em relação a seus padrões de distribuição. Nesse gráfico percebe-se que, a julgar pelo número de espécies que apresentam alguma especificidade em relação à sua área de ocorrência, a avifauna da Região 1 é constituída por maior proporção de elementos do norte da região Neotropical ou também associados à floresta atlântica, havendo poucos elementos típicos das formações do centro a região Neotropical.

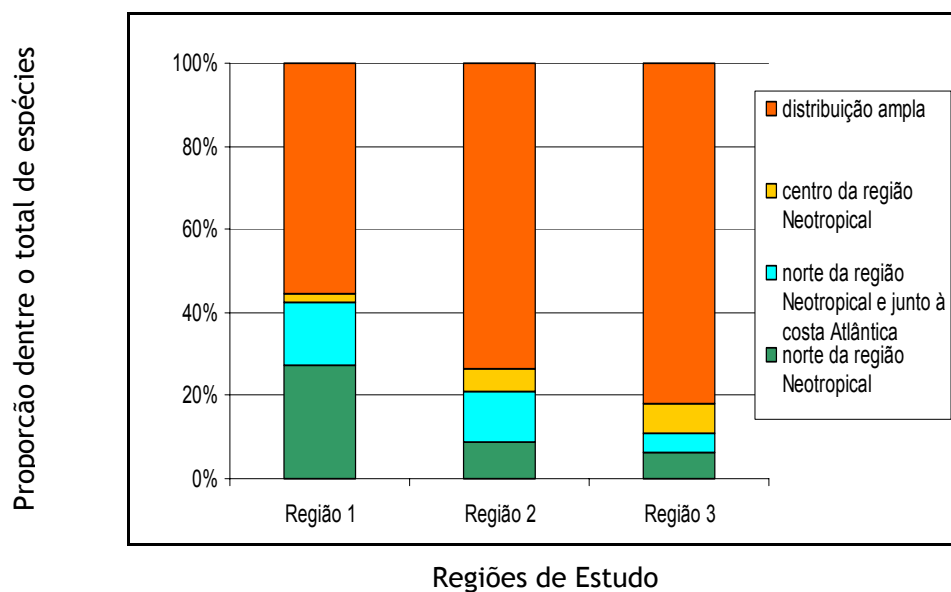


Gráfico 1-7 - Proporção de espécies em relação aos seus padrões gerais de distribuição, nas avifaunas das três regiões de amostragem.

Na avifauna amostrada na região de Vilhena, a julgar pelas frequências de ocorrência verificadas, as espécies florestais mais comuns foram: *Patagioenas speciosa*, *Nyctidromus albicollis*, *Phaethornis ruber*, *Rhytipterna simplex* e *Thryothorus genibarbis* (com FO de 1); e *Piaya cayana*, *Thamnophilus stictocephalus*, *Thamnomanes caesius*, *Microrhopias quixensis*, *Myrmeciza hemimelaena*, *Glyphorhynchus spirurus*, *Lathrotriccus euleri*, *Lipaugus vociferans*, *Pipra rubrocapilla*, *Tangara chilensis* e *Arremon taciturnus* (com FO de 0,75) (Quadro 1-1). Em relação à avifauna de ambiente aberto, as espécies que se mostraram mais comuns (tanto com FO de 1, quanto de 0,75) foram: *Rhynchotus rufescens*, *Vanellus chilensis*, *Columbina talpacoti*, *Columba livia*, *Caracara plancus*, *Crotophaga ani*, *Tyrannus savana*, *Zonotrichia capensis*, *Ammodramus humeralis* e *Volatinia jacarina* (Quadro 1-1).

Dessas espécies merecem atenção as de ambiente aberto que, certamente, só adquiriram espaço para se tornarem tão abundantes recentemente (da década de 1970 para cá), com a intensa conversão de áreas florestadas em áreas de pastagem ou destinadas à agricultura.

Tanto a pomba doméstica (*Columba livia*) quanto o pardal (*Passer domesticus*) são espécies exóticas, que tem o velho mundo como origem, e já se encontram muito abundantes na cidade de Vilhena.

Em relação à amostragem com redes-neblina, onde somente aves florestais foram registradas, as espécies que registraram maiores taxas de captura foram: *Monasa morphoeus*, *Thamnophilus aethiops*, *Thamnomanes caesius*, *Myrmeciza hemimelaena*, *Glyphorhynchus spirurus*, *Machaeropterus pyrocephalus* e *Thryothorus genibarbis* (

Quadro 1-2).

Dentre os diversos grupos funcionais, ou guildas de aves, as insetívoras de sub-bosque e as insetívoras de tronco são tidas como elementos particularmente afetados pelo desmatamento e pela fragmentação florestal. Na amostragem realizada, alguns representantes dessas guildas foram registrados (*Thamnophilus aethiops*, *Thamnophilus stictocephalus*, *Thamnomanes caesius*, *Microrhophias quixensis*, *Myrmoborus leucophrys*, *Myrmoborus myotherinus*, *Hypocnemis cantator*, *Myrmeciza hemimelaena*, *Myrmeciza atrothorax*, *Conopophaga melanogaster*, *Glyphorhynchus spirurus* e *Xiphorhynchus elegans*), valendo ressaltar a ausência de inúmeros táxons aqui relevantes esperados para a região, sobretudo os das famílias: Thamnophilidae, Grallariidae, Formicariidae, Scleruridae, Dendrocolaptidae e Furnariidae.

Guilda tida como particularmente afetada pelos processos que levam as alterações na estrutura das florestas (e.g. corte seletivo e queimadas), os frugívoros de sub-bosque se fizeram presentes por poucos táxons (*Trogon viridis*, *Mionectes oleagineus*, *Machaeropterus pyrocephalus*, *Chiroxiphia pareola*, *Dixiphia pipra* e *Pipra rubrocapilla*).

Além dessas espécies, poucas aves pertencentes à guilda dos grandes frugívoros de estratos superiores e de chão foram registradas (e.g. *Crypturellus soui*, *Crypturellus obsoletus*, *Crypturellus strigulosus*, *Penelope superciliaris*, *Ara ararauna*, *Amazona amazonica*, *Ramphastos tucanus* e *Selenidera gouldii*), guildas essas tidas como afetada por alteração na estrutura das florestas e pela intensa conversão de áreas naturais em ambientes homogêneos. Em relação à guilda dos frugívoros de dossel, é digno de nota o fato de não se ter registrado espécies do grupo Cotingidae (à exceção de *Lipaugus vociferans*), aves tão diversificadas e conspícuas na região Amazônica. Outra guilda dependente de grandes áreas para sua manutenção, a dos grandes carnívoros florestais, não foi registrada no campo.

Pelo que foi possível observar no campo, dentre as interferências antrópicas que costumam ter maior influência sobre a avifauna, o desmatamento (direto ou por meio do fogo) e o corte seletivo de madeira parecem ser os que mais severamente estão atuando sobre os ambientes naturais (originalmente florestas) na região percorrida em Vilhena.

A julgar pela abundância de espécies exóticas e características de ambientes não florestais, e pela aparente pobreza (em relação ao esperado para a região) de espécies de guildas consideradas particularmente afetadas por esses processos (e.g. insetívoros de sub-bosque e de tronco, grandes frugívoros de estratos superiores e de chão, e grandes carnívoros), o intenso

desmatamento e as demais alterações ambientais a que a região de Vilhena foi submetida nas últimas décadas, parece já ter afetado de maneira marcante a avifauna local.

Entretanto, a presença de espécies pertencentes a algumas dessas guildas (como citado acima) e consideradas medianamente e altamente sensíveis a alterações ambientais indicam que a área amostrada, sobretudo o Sítio 1, ainda fornece recursos importantes para a manutenção de parcela relevante da avifauna original.

1.4.3.3 - Aves da Região 2

A partir do Gráfico 1-7 percebe-se que a avifauna registrada na Região 2 caracteriza-se, se comparada à avifauna da região de Vilhena (Região 1), pela maior proporção de espécies que tem sua área de distribuição incluídas apenas no centro da região Neotropical e por evidente menor proporção de espécies que tem sua área de ocorrência incluídas apenas no setor norte dessa região, ou também em sua porção junto à costa atlântica.

Os elementos registrados típicos do norte da região Neotropical foram: *Ramphastos tucanus*, *Hypocnemis cantator*, *Myrmeciza atrothorax*, *Tolmomyias assimilis* e *Machaeropterus pyrocephalus*. *Picumnus aurifrons* e *Selenidera gouldii* são as duas únicas espécies registradas cujas áreas de distribuição se restringem no norte da América do Sul, mas que não se estendem até o norte da Amazônia. A maior parte das espécies florestais não amplamente distribuídas corresponde a espécies que ocorrem no norte da região Neotropical e na sua costa Atlântica (*Chaetura cinereiventris*, *Monasa morphoeus*, *Mionectes oleagineus*, *Lipaugus vociferans*, *Pipra rubrocapilla*, *Hemithraupis flavicollis* e *Arremon taciturnus*). Das espécies registradas na Região 2, que se distribuem nas paisagens mais abertas e xéricas do setor central da região Neotropical, figuram: *Rhea americana*, *Alipiopsitta xanthops*, *Cariama cristata*, *Brotogeris chiriri*, *Synallaxis frontalis*, *Columbina picui*, *Cyanocorax cristatellus* e *Basileuterus flaveolus*. Dessas últimas *Alipiopsitta xanthops* e *Cyanocorax cristatellus* são espécies endêmicas do Cerrado, e as demais espécies registradas têm sua distribuição ampla e não fornecem indícios relevantes para essa caracterização biogeográfica.

As aves florestais que se mostraram mais comuns, tendo as frequências de ocorrências (FO) variando entre 0,75 e 1, foram: *Mesembrinibis cayennensis*, *Brotogeris chiriri*, *Phaethornis ruber*, *Trogon viridis*, *Myrmotherula axillaris*, *Synallaxis frontalis*, *Vireo olivaceus*, *Hemithraupis flavicollis*, *Basileuterus culicivorus*, *Penelope superciliaris*, *Ictinia plumbea*, *Patagioenas speciosa*, *Ara ararauna*, *Piaya cayana*, *Chelidoptera tenebrosa*, *Hylophylax poecilinotus*, *Machaeropterus pyrocephalus*, *Manacus manacus*, *Schiffornis turdina*, *Cyclarhis gujanensis*,

Arremon taciturnus, *Saltator similis*, *Basileuterus flaveolus* e *Euphonia chlorotica*. Em relação às aves de ambientes não florestais as que registraram maiores FO foram: *Buteo albicaudatus*, *Caracara plancus*, *Cariama cristata*, *Ramphastos toco*, *Synallaxis albescens*, *Pygochelidon cyanooleuca*, *Zonotrichia capensis*, *Ammodramus humeralis*, *Emberizoides herbicola*, *Rhynchotus rufescens*, *Cathartes aura*, *Vanellus chilensis*, *Columbina talpacoti*, *Columbina picui*, *Columba livia*, *Crotophaga ani*, *Guira guira*, *Furnarius rufus*, *Tyrannus savana*, *Cyanocorax cristatellus*, *Progne chalybea*, *Mimus saturninus* e *Volatinia jacarina*.

Assim com na região de Vilhena, a pomba doméstica (*Columba livia*) já se encontra muito abundantes na cidade de Nova Lacerda.

Das aves capturadas pelas redes-neblina, as que se mostraram mais abundantes por terem registrado maiores taxas de captura foram: *Dendrocincla merula*, *Schiffornis turdina*, *Machaeropterus pyrocephalus*, *Hylophylax poecilinotus* e *Manacus manacus*.

Daqueles grupos ecológicos mais afetados pelo desmatamento, fragmentação e mudanças estruturais dos ambientes florestais, como mencionado acima, vale a pena mencionar os que se fizeram presentes no trecho de floresta de galeria amostrado. Os insetívoros de sub-bosque e os insetívoros de tronco se fizeram presentes por: *Hylophylax poecilinotus*, *Myrmotherula axillaris*, *Hypocnemis cantator*, *Myrmeciza atrothorax*, *Hylophylax poecilinotus*, *Dendrocincla merula* e *Xenops minutus*. Os frugívoros de sub-bosque se fizeram presentes por poucos táxons (*Trogon viridis*, *Mionectes oleagineus*, *Pipra rubrocapilla*, *Schiffornis turdina*, *Machaeropterus pyrocephalus* e *Manacus manacus*). Diversas espécies das guildas dos grandes frugívoros de estratos superiores e de chão também foram registradas na Região 3 (e.g. *Penelope superciliaris*, *Aburria kujubi*, *Ara ararauna*, *Propyrrhura maracana*, *Diopsittaca nobilis*, *Alipiopsitta xanthops*, *Pionus* sp., *Amazona aestiva*, *Ramphastos toco*, *Ramphastos tucanus*, *Ramphastos vitellinus*, *Selenidera gouldii*, *Pteroglossus castanotis* e *Lipaugus vociferans*).

Além dessas guildas relevantes da avifauna florestal, algumas outras representativas de guildas relacionadas à ambientes abertos e arbustivos foram verificadas. Exemplo dessas guildas é a dos insetívoros de brenha onde se encaixam: *Synallaxis frontalis*, *Synallaxis albescens* e *Poecilatriccus latirostris*. Outro exemplo que se pode citar é a dos pequenos frugívoros de estratos superiores, que se fizeram representados por: *Tachyphonus cristatus*, *Tachyphonus rufus*, *Thraupis palmarum*, *Tangara gyrola*, *Tangara nigrocincta*, *Tersina viridis*, *Dacnis cayana*, *Hemithraupis flavicollis*, *Euphonia chlorotica* e *Euphonia violacea*. Além dessas, os insetívoros de estratos superiores e ambientes abertos foram representados por: *Elaenia flavogaster*, *Elaenia*

crystata, *Ornithion inerme*, *Camptostoma obsoletum*, *Legatus leucophaeus*, *Tyrannus albogularis*, *Tyrannus melancholicus*, *Tyrannus savana* e *Sirystes sibilator*.

A presença de representantes dessas guildas, a proporção de quase 50% de espécies altamente ou medianamente sensíveis a perturbações ambientais (**Gráfico 1-2**), a existência de espécies endêmicas e de espécies sob algum grau de ameaça, demonstram que os ambientes locais encontram-se em bom estado de conservação e são relevantes para a manutenção de parcela valiosa e sensível da avifauna local.

Pelo que se pôde verificar no campo, a região da fazenda Areia Branca, na localidade de mesmo nome, encontra-se muito bem conservada, tendo extensas áreas de cerrado, em suas diversas fisionomias inclusive buritizais e floresta de galeria (Sítio 2). As propriedades do entorno, entretanto, tem suas áreas de cerrado intensamente convertido em áreas de pastagens, com a perspectiva de abrigarem o cultivo de soja, e diversas estradas foram implantadas.

Nessa região amostrada, devido à estrutura menos florestada das fitofisionomias verificadas, e às extensas áreas de vegetação herbáceo-arbustivas, a supressão quando em ambientes nativos para a implantação da LT, será menos drástica que a necessária na região de Vilhena (onde dominam fitofisionomias florestais). Muita atenção, no entanto, deve ser dada quando da supressão em eventuais trechos de florestas ciliar e cerradões, visto que essas contem avifauna relevante e mais sensível à alteração de seus habitats.

O trecho de floresta ciliar amostrado (sítio 2), por ser à beira de uma estrada, tem diversos sinais de extração de madeira, de forma não comercial, ao que parece para suprir as necessidades locais de maneira.

1.4.3.4 - Aves da Região 3

Por meio do **Gráfico 1-7** se percebe que a avifauna da Região 3, em comparação às das duas outras regiões, tem menor proporção de espécies cujas áreas de ocorrência são restritas ao setor norte da região Neotropical ou que incluem também seu setor próximo à costa atlântica. De maneira inversa, nessa área se verifica maior proporção de aves que tem sua região de ocorrência restrita ao centro da região Neotropical (sobretudo em formações mais secas e abertas).

Esse padrão é absolutamente condizente com o esperado em decorrência da posição geográfica do traçado, que abrange cerca de 350 km da transição entre a borda da Amazônia, originalmente

coberta por grandes áreas de florestas estacionais, e segue em direção ao Brasil Central, subindo o planalto dos Parecis, onde dominam fitofisionomias características do Cerrado. Assim, esse gradiente que se verifica da Região 1 para a Região 3 (Gráfico 1-7), muito provavelmente, está relacionado à essa posição do traçado paralelo ao eixo dessa zona de tensão.

Dentre as espécies registradas nessa região de amostragem, as que se distribuem pelo setor norte da região Neotropical são: *Ara macao*, *Bucco tamatia*, *Ramphastos tucanus*, *Myrmeciza atrothorax*, *Tachyphonus phoenicius* e *Melanerpes cruentatus*. As espécies aqui registradas que são encontradas no norte da América do Sul, mas que não estendem sua distribuição até o norte da Amazônia, são: *Selenidera gouldii* e *Picumnus aurifrons*. As aves florestais aqui registradas que ocorrem tanto na região norte do Neotrópico quanto em sua porção atlântica foram: *Monasa morphoeus*, *Ramphastos vitellinus*, *Herpsilochmus rufimarginatus*, *Lipaugus vociferans*, *Manacus manacus* e *Hemithraupis flavicollis*. Das aves registradas merecem menção, ainda, as que se distribuem na porção central da América do Sul: *Rhea americana*, *Cariama cristata*, *Columbina picui*, *Primolius auricollis*, *Brotogeris chiriri*, *Synallaxis frontalis*, *Schistochlamys ruficapillus*, *Sporophila caerulescens*, *Basileuterus hypoleucus* e *Basileuterus flaveolus*.

Da avifauna registrada na Região 2, as espécies florestais que tiveram maior FO foram: *Crypturellus undulatus*, *Ara ararauna*, *Propyrrhura maracana*, *Brotogeris chiriri*, *Piaya cayana*, *Trogon collaris*, *Melanerpes cruentatus*, *Myiozetetes similis*, *Manacus manacus*, *Cyclarhis gujanensis*, *Cyanocorax chrysops*, *Cissopis leverianus* e *Tersina viridis* (Quadro 1-1). Já dentre as espécies de ambientes não florestais, as que se mostraram mais comuns foram: *Rhynchotus rufescens*, *Cathartes aura*, *Vanellus chilensis*, *Columbina talpacoti*, *Columbina picui*, *Crotophaga ani*, *Guira guira*, *Thamnophilus doliatus*, *Furnarius rufus*, *Progne chalybea*, *Pygochelidon cyanoleuca*, *Mimus saturninus*, *Ammodramus humeralis* e *Passer domesticus* (Quadro 1-1). Algumas espécies que registraram FO elevadas ocorrem tanto em ambientes florestais quanto abertos: *Nystalus chacuru*, *Pitangus sulphuratus*, *Tyrannus melancholicus*, *Ramphocelus carbo*, *Molothrus bonariensis* e *Gnorimopsar chopi* (Quadro 1-1).

Nessa região, em virtude do número de capturas pelas redes ter sido extremamente baixo no Sítio 3 (

Quadro 1-2), os dados referentes a essas taxas ficaram homogêneos, valendo mencionar a captura de quatro espécies, sendo que todas foram classificadas como medianamente ou altamente sensíveis. As espécies que registraram taxas de captura mais elevadas ao longo da amostragem com redes no Sítio 4 foram: *Anthracothorax nigricollis*, *Formicivora rufa*, *Schistochlamys melanopis* e *Elaenia cristata* (

Quadro 1-2).

Daqueles grupos ecológicos mais afetados pelo desmatamento, fragmentação e mudanças estruturais dos ambientes florestas, os insetívoros de sub-bosque ou estratos superiores registrados na Região 3 foram: *Herpsilochmus rufimarginatus*, *Formicivora rufa* e *Myrmeciza atrothorax*. Os frugívoros de sub-bosque foram representados apenas por *Manacus manacus*. Como na Região 2, diversas espécies das guildas dos grandes frugívoros de estratos superiores e de chão também foram registradas na Região 3 (e.g. *Crypturellus undulatus*, *Crypturellus parvirostris*, *Rhynchotus rufescens*, *Penelope superciliaris*, *Ara ararauna*, *Ara macao*, *Ara chloropterus*, *Ara severus*, *Propyrrhura maracana*, *Primolius auricollis*, *Diopsittaca nobilis*, *Aratinga leucophthalma*, *Aratinga aurea*, *Brotogeris chiriri* *Pionus* sp., *Amazona aestiva*, *Ramphastos toco*, *Ramphastos tucanus*, *Ramphastos vitellinus* e *Selenidera gouldii*), boa parte delas típicas de ambientes não florestais (Quadro 1-1).

Das guildas características de ambientes abertos e arbustivos foram verificados os seguintes insetívoros de brenha: *Synallaxis frontalis*, *Hemitriccus margaritaceiventer* e *Poecilatriccus latirostris*. Os pequenos frugívoros de estratos superiores estiveram representados por: *Schistochlamys melanopis*, *Schistochlamys ruficapillus*, *Cissopis leverianus*, *Tachyphonus rufus*, *Tachyphonus phoenicius*, *Ramphocelus carbo*, *Thraupis palmarum*, *Tersina viridis*, *Hemithraupis flavicollis* e *Euphonia lanirostris*. Já os insetívoros de estratos superiores e ambientes abertos foram representados por: *Elaenia flavogaster*, *Elaenia cristata*, *Phaeomyias murina*, *Xolmis cinereus*, *Legatus leucophaeus*, *Myiozetetes similis*, *Pitangus sulphuratus*, *Empidonomus varius*, *Tyrannus melancholicus* e *Tyrannus savana*.

A presença de representantes dessas guildas, a proporção de quase 40% de espécies altamente ou medianamente sensíveis a perturbações ambientais (Gráfico 1-2), a existência de espécies endêmicas e de duas espécies sob algum grau de ameaça, demonstram que os ambientes locais encontram-se em bom estado de conservação e reforçam sua relevância para a manutenção de parcela valiosa e sensível da avifauna local.

Nessa Região 3, verificam-se grandes extensões com solo mais fértil que o verificado na localidade Areia Branca (Região 2) e, conseqüentemente, com formações mais florestais. Essas florestas demonstram estar sob forte pressão antrópica, de maneira semelhante à verificada na Região 1 (retirada de madeira, queimadas e caça), valendo mencionar que nessa área diversa vezes se verificaram girais e cevas para caça.

1.4.3.5 - Espécies Ameaçadas, Endêmicas, Exóticas, Xerimbabos e Cinegéticas

Dentre a avifauna registrada ou de ocorrência potencial na área de influência da LT Vilhena-Jauru, são consideradas vulneráveis pelo IBAMA: *Harpyhaliaetus coronatus*, *Geositta poeciloptera*, *Dendrocicla fuliginosa trumaii*, *Alectrurus tricolor*, *Coryphaspiza melanotis*. Considerado na categoria de táxon "criticamente ameaçado" pela IUCN figura *Numenius borealis*, e na categoria "ameaçado" está *Harpyhaliaetus coronatus*. Ainda segundo a IUCN, como "quase ameaçado" figuram: *Morphnus guianensis*, *Harpia harpyja*, *Tryngites subruficollis*, *Picumnus fuscus*, *Geositta poeciloptera*, *Synallaxis cherriei*, *Neothraupis fasciata*, *Charitospiza eucosma*, *Propyrrhura maracana*, *Alipiopsitta xanthops*, *Clyctantes atrogularis*, *Porphyrospiza caerulescens*, *Sporophila ruficollis* e *Sporophila maximiliani*. E finalmente como vulnerável (segundo a IUCN) estão: *Alectrurus tricolor*, *Poospiza cinerea* e *Coryphaspiza melanotis*.

Apesar de algumas das espécies esperadas para a área de influência da LT Vilhena-Jauru serem consideradas ameaçadas em algum grau pelo IBAMA e IUCN, dentre as espécies registradas através de dados primários no presente levantamento, nenhuma espécie é considerada ameaçada nas listas do IBAMA e IUCN (**Quadro 1-1**). *Rhea americana*, *Propyrrhura maracana* e *Alipiopsitta xanthops*, registradas nas Regiões 2 e 3, são espécies relacionados como quase ameaçados pela IUCN. Dentre as espécies registradas na área de estudo durante o presente levantamento, quatro espécies estão listadas nos Apêndices da CITES.

Dentre as espécies de aves registradas na área de influência da LT Vilhena-Jauru no presente estudo, três são consideradas endêmicas, sendo que *Cyanocorax cristatellus*, *Alipiopsitta xanthops* são endêmicas do cerrado e *Lepidothrix nattereri* é endêmicas do Centro de Endemismo Rondônia.

Duas espécies de aves registradas no presente estudo são exóticas, *Columba livia* (pombo-doméstico) e *Passer domesticus* (pardal), ambas introduzidas e sempre associadas ao meio urbano, sendo encontradas em praticamente todas as cidades do Brasil.

Algumas aves encontradas podem sofrer pressão antrópica específica por serem espécies cinegéticas, sendo, portanto, objeto de caça (*Aburria kujubi*, *Amazonetta brasiliensis*, *Cairina moschata*, *Crypturellus soui*, *Crypturellus obsoletus*, *Crypturellus undulatus*, *Crypturellus strigulosus*, *Crypturellus parvirostris*, *Rhynchotus rufescens*, *Cairina moschata*, *Patagioenas speciosa*, *Patagioenas picazuro*, *Patagioenas cayennensis*, *Patagioenas plúmbea*, *Penelope superciliaris* e *Mitu tuberosum*).

Outras espécies presentes na área são almeçadas como xerimbabos (animais de estimação) (*Alipiopsitta xanthops*, *Amazona aestiva*, *Ara ararauna*, *Ara macao*, *Ara chloropterus*, *Ara severus*, *Aratinga aurea*, *Aratinga leucophthalma*, *Amazona amazonica*, *Brotogeris chiriri*, *Diopsittaca nobilis*, *Gnorimopsar chopi*, *Icterus jamacaii*, *Pionus cf maximiliani*, *Primolius auricollis*, *Propyrrhura maracana*, *Pteroglossus castanotis*, *Ramphastos toco*, *Ramphastos tucanus*, *Ramphastos vitellinus*, *Selenidera gouldii*, *Turdus leucomelas*, *Tangara chilensis*, *Tangara cyanicollis*, *Tangara gyrola*, *Tangara nigrocincta*, *Tersina viridis*, *Sporophila angolensis*, *Sporophila caerulescens*, *Saltator similis* e *Saltator maximus*).



Figura 1-3 - *Rhea americana*



Figura 1-4 - *Amazonetta brasiliensis*



Figura 1-5 - *Buteo albicaudatus*



Figura 1-6 - *Heterospizias meridionalis*



Figura 1-7 - *Harpagus bidentatus*



Figura 1-8 - *Ara ararauna*



Figura 1-9 - *Propyrrhura maracana*



Figura 1-10 - *Monasa morphoeus*



Figura 1-11 - *Calidris cf minutilla*



Figura 1-12 - *Tringa cf flavipes*



Figura 1-13 - *Anthracothorax nigricollis*



Figura 1-14 - *Thalurania furcata*



Figura 1-15 - cf *Hylocharis cyanus*



Figura 1-16 - *Hylocharis cyanus*



Figura 1-17 - *Selenidera gouldii*



Figura 1-18 - *Selenidera gouldii*



Figura 1-19 - *Picumnus aurifrons*



Figura 1-20 - *Conopophaga melanogaster*



Figura 1-21 - *Thamnophilus stictocephalus*



Figura 1-22 - *Thamnophilus doliatus*



Figura 1-23 - *Thamnophilus aethiops*



Figura 1-24 - *Thamnophilus aethiops*



Figura 1-25 - *Thamnomanes caesius*



Figura 1-26 - *Thamnomanes caesius*



Figura 1-27 - *Myrmotherula axillaris*



Figura 1-28 - *Myrmotherula axillaris*



Figura 1-29 - *Microhoppia quixensis*



Figura 1-30 - *Myrmeciza atrothorax*



Figura 1-31 - *Myrmeciza hemimelaena*



Figura 1-32 - *Myrmeciza hemimelaena*

1.5 - LEVANTAMENTO DA HERPETOFAUNA

1.5.1 - Preliminares

O conhecimento da fauna e flora brasileira pode ser considerado como ainda incipiente, tendo em vista que o Brasil abriga grande quantidade de biomas com características peculiares. Embora não seja do Setor Elétrico a atribuição de suprir as deficiências no conhecimento atual sobre a flora e a fauna das diferentes províncias fitogeográficas brasileiras, cabe ao mesmo, como interventor, e por intermédio e ônus de cada concessionária, conhecer qualitativa e quantitativamente a composição florística e faunística das áreas afetadas por seus empreendimentos, priorizando este conhecimento na identificação dos aspectos mais relevantes à conservação da flora e da fauna (ELETROBRÁS, 1993).

A consequência mais preocupante dos impactos ambientais decorrentes de empreendimentos é a perda de biodiversidade nos níveis das espécies, ambientes e potencial genético, cujo alcance extrapola os limites dos reservatórios e linhas de transmissão. Essa consequência pode ser mitigada e compensada e deve ser prioritária na atuação do setor elétrico (ELETROBRÁS, 1999).

Até o início da década de 90, o Cerrado foi considerada um bioma pobre em riqueza de espécies e endemismos de répteis e anfíbios (Vanzolini, 1974, 1976, 1988; Vitt, 1991). Em síntese, considerava-se que o Cerrado apresentava baixos níveis de diversidade de espécies e endemismos, ausência de uma fauna característica e maior similaridade com a Caatinga do que com outros biomas sul-americanos (Colli *et al.*, 2002). Entretanto, a partir da década de 90, estudos mais elaborados de composição faunística da herpetofauna têm sido feitos para algumas localidades de Cerrado, indicando justamente o contrário de que se pensava.

Como a realização de novos e mais elaborados estudos de composição faunísticas de anfíbios em algumas localidades do bioma, concluiu-se que o Cerrado apresenta uma rica fauna de anfíbios, com várias espécies endêmicas. Segundo Colli *et al.*, 2002, são registradas 113 espécies de anfíbios para o Cerrado, das quais 32 (28 %) são endêmicas. Posteriormente, Silveira (2006) citou mais cinco espécies pra o bioma, e outros táxons foram e têm sido descritos, demonstrando que os números de diversidade de anfíbios do Cerrado são ainda maiores. A diversidade local de anfíbios no Cerrado também é muito elevada. No Distrito Federal (bacia do Paranaíba), foram registradas 48 espécies.

Estudos sobre os diversos aspectos da herpetofauna do Cerrado têm sido desenvolvidos principalmente na região do Distrito Federal. Apesar dos estudos recentes, o conhecimento sobre essa fauna do Cerrado ainda encontra-se em sua fase inicial de desenvolvimento. Novas espécies têm sido descritas e extensas áreas do bioma ainda não foram adequadamente amostradas.

Na Amazônia brasileira são registradas 163 espécies de anfíbios, uma riqueza que equivale a cerca de 27% das espécies estimadas para todo o Brasil (Haddad, 1998). Entretanto, essa estimativa já se encontra ultrapassada, devidos às freqüentes descrições de espécies recentemente. Ademais, muitas formas apresentam estado taxonômico incerto e podem constitui espécies ainda não descritas. A maioria das espécies de anfíbios amazônicos pertence à ordem Anura (sapos, rãs e pererecas), ocorrendo também algumas espécies de Gymnophiona (cobras-cegas) e uma única espécie de Urodela (salamandra) (MMA, 2002).

Apesar da já conhecida riqueza de anfíbios amazônica, o conhecimento disponível sobre esse grupo é ainda muito fragmentado e pouco disponível na literatura especializada. A grande

maioria dos estudos concentra-se em áreas ao longo das margens dos principais afluentes do rio Amazonas, ou em localidades mais bem acessíveis pela malha rodoviárias. Em um levantamento bibliográfico realizado em 2002, apenas 29 localidades na amazônia brasileira havia sido alvo de estudos de inventários de anfíbios. Dessas, em 13 (46%) os inventários ocorreram em média e longa duração (tempo superior a dois meses). Apesar de existirem vários endemismos para o bioma, poucas espécies de anfíbios são endêmicas para a Amazônia brasileira.

Em relação aos répteis, em estudo publicado em 1979 foram registradas 550 espécies para a bacia Amazônica, das quais 62% são endêmicas (Dixon, 1979). Entretanto, esses números também se encontram ultrapassados. Alguns grupos de répteis encontram-se ainda poucos estudados na Amazônia. Os jacarés (Crocodylias) e quelônios (Chelônia) são mais conhecidos, quanto à taxonomia, distribuição e ecologia, em relação aos Squamata (serpentes, lagartos e anfisbêneas). São registradas na Amazônia 14 espécies de chelônios de água doce e dois terrestres, sendo cinco endêmicas. Os jacarés somam quatro espécies, duas das quais são endêmicas para a bacia. Em relação aos lagartos, existem pelo menos 89 espécies na região, distribuídas em nove famílias. Quanto às serpentes, as informações básicas de riqueza e distribuição são bem menos conhecidos. Mas em áreas amazônicas têm sido registradas as maiores riquezas locais de serpentes para o Brasil, com as 66 espécies em Manaus (Ávila-Pires, 1995; Martins e Oliveira, 1999; MMA, 2002).

1.5.2 - Metodologia

1.5.2.1 - Revisão Bibliográfica

Como dados secundários, no presente estudo foram utilizados aqueles coletados na localidade de Vila Bela da Santíssima Trindade (MT), que constitui a área mais próxima das regiões 1 e 2, amostrada durante o Zoneamento Sócio-Econômico do Estado de Mato Grosso (SEPLAN, 2002 “2000”). Para a região 3, foram utilizados os dados do levantamento e monitoramento da fauna na área do reservatório da UHE Guaporé (Strussmann, 2003), cuja distância é cerca de dez quilômetros da área amostrada no presente estudo.

1.5.2.2 - Regiões de Amostragem

O presente levantamento da herpetofauna foi realizado nas três regiões de amostragem descritas previamente (Apêndice 2). Em cada uma das regiões de amostragem descritas previamente foram escolhidos sítios para serem amostrados, buscando abranger a maior diversidade de habitats utilizado por répteis e anfíbios. Entre as fitofisionomias selecionadas para cada localidade, foram amostradas: Floresta de Galeria; Floresta Estacional Semidecidual; Cerrado Senso Stricto; Cerradão; Vereda; Lagoas; Poças Temporárias. No **Quadro 1-3**, **Quadro 1-4** e **Quadro 1-5**, é apresentada uma relação dos locais pesquisados, com coordenadas, descrição sumária, datas e esforço amostral para cada ponto e localidade.

1.5.2.2.1 - Região 1

Localizada próximo a Vilhena, na área mais ao norte do traçado da LT Vilhena-Jauru, essa região foi escolhida por ter dominância das Florestas Estacionais Semidecíduais.

A relação dos sítios de amostragem da Região 1, com coordenadas, descrição sumária, datas e esforço amostral constam no **Quadro 1-3**. A localização dos sítios de amostragem pode ser visualizada no **Apêndice 3**.

Quadro 1-3 - Denominação, localização e descrição sucinta dos sítios amostrados durante inventário de anfíbios e répteis na área de influência da LT 230 kV Vilhena-Jauru, na Área 1 (Vilhena/RO).

Habitat amostrado	Sítios	Localização		Esforço de Procura (horas -observador)	Descrição sumária
		X	Y		
Floresta Estacional Semi-decidual	1	-60,2793	-12,7232	9,78 h/obs	Solo arenoso, com presença de afloramentos rochosos. Floresta com sub-bosque pouco denso e presença de muitos fragmentos de floresta com focos de queimada.
Córrego represado artificialmente	2	-60,3316	-12,7164	7,25 h/obs	Pequeno córrego represado artificialmente para captação de água. A jusante da represa o córrego tem característica de vereda com presença de Buriti (<i>Mauritia</i> sp.).
Cerradão	3	-60,2841	-12,6839	0,58 h/obs	Cerradão denso parcialmente incendiado cortado pelo Linhão e BR.
Cerrado Senso Stricto/Vereda	4	-60,2946	-12,6629	4 h/obs	Grande densidade de árvores finas, baixas, e escassa serapilheira. Presença de nascente com poças rasas (aproximadamente 50 cm).

1.5.2.2.2 - Região 2

Localizada em Nova Lacerda, no alto da Chapada do Parecis, essa localidade foi, acessada a partir do município de Nova Lacerda. O solo nesse local é extremamente arenoso e extensamente coberto por cerrado em suas diversas fisionomias que variam de campos a cerrado arbustivo. Essa região foi selecionada visando à amostragem de uma floresta ciliar circundada por fisionomias não claramente florestais.

A relação dos sítios de amostragem da Região 2, com coordenadas, descrição sumária, datas e esforço amostral constam no **Quadro 1-4**. A localização dos sítios de amostragem pode ser visualizada no **Apêndice 4**.

Quadro 1-4 - Denominação, localização e descrição sucinta dos sítios amostrados durante inventário de anfíbios e répteis na área de influência da LT 230 kV Vilhena-Jauru, na Área 2 (Nova Lacerda/MT).

Hábitat amostrado	Sítios	Localização		Esforço de Procura (horas-observador)	Descrição sumária
		X	Y		
Floresta de Galeria	5	-59,4545	14,2076	14,08 h/obs	Córrego com, aproximadamente, 5 m de largura margeado por floresta e sub-bosque densos. Presença de poças temporárias rasas (cerca de 30 cm profundidade) e espessa serapilheira.
Córrego Represado/Vereda	6	-59,4542	14,2058	3,29 h/obs	Córrego represado com presença de buritis (<i>Mauritia</i> sp.) a jusante e montante da represa. Represa de grande porte cortada por estrada.
Cerrado Senso Stricto	7	-59,5003	-14,176	1 h/obs	Cerrado denso com cerca de 2 m altura.
Floresta de Galeria	8	-59,5171	14,1414	1,5 h/obs	Floresta densa, cerca de 25 m de altura. Presença densa serapilheira e córrego intermitente com leito arenoso.
Floresta Estacional Semi-decidual	9	-59,5139	14,1509	4,17 h/obs	Nascente de córrego com floresta densa e espessa serapilheira. Presença de poças temporárias rasas (30 cm profundidade).

1.5.2.2.3 - Região 3

Localizada em Vale de São Domingos (MT), essa região foi selecionada visando incluir na amostragem áreas de savanas florestadas que se desenvolvem nas encostas não muito íngremes da Chapada dos Parecis nessa região. Vale mencionar que o solo nessa região, até o limite dos sítios de amostragem selecionados é, geralmente, mais argiloso que o verificado na localidade Areia Branca.

A relação dos sítios de amostragem da Região 3, com coordenadas, descrição sumária, datas e esforço amostral constam na **Quadro 1-5**. A localização dos sítios de amostragem pode ser visualizada no **Apêndice 5**.

Quadro 1-5 - Denominação, localização e descrição sucinta dos sítios amostrados durante inventário de anfíbios e répteis na área de influência da LT Vilhena-Jauru na Região 3.

Habitat amostrado	Sítios	Localização		Esforço de Procura (horas-observador)	Descrição sumária
		X	Y		
Floresta de Galeria/Cerrado	10	-59,0268	-14,9797	4,67 h/obs	Cerrado denso com presença de Floresta de Galeria na margem de um pequeno córrego (aproximadamente de 1,5 m largura). Parte do córrego encontra-se represado devido à construção de estradas.
Poça Temporária	11	-59,0282	-15,0380	1,5 h/obs	Poças em caixa de empréstimo na margem da estrada. Vegetação esparsa e presença de afloramentos rochosos.
Floresta Estacional	12	-59,0292	-15,0327	10,58 h/obs	Floresta Estacional com cerca de 20 m de altura. Sub-bosque pouco denso e pequena quantidade de serapilheira.
Poça Temporária	13	-58,9844	-15,0828	3,20 h/obs	Poças temporárias rasas (aproximadamente 40 cm) em área de pastagem. Presença de córrego com afloramentos rochosos, sem vegetação ciliar.

1.5.2.3 - Coleta e Análise dos Dados

As atividades de campo do presente diagnóstico da avifauna foram realizadas entre 21 de outubro e 05 de novembro de 2007, sendo que cada região foi estudada durante quatro dias, e dois foram utilizados com os deslocamentos entre as regiões. Um total de 262,45 horas-observador e de 360 armadilhas-dia foi empregado durante o diagnóstico da herpetofauna nas três áreas amostradas na Linha de Transmissão Vilhena-Jauru.

Seguem abaixo as datas e esforço de amostragem em cada uma das regiões de amostragem:

- **Região 1 (Sítio 1):** Amostrada de 22 a 26 de outubro de 2007. Nesse sítio de amostragem foram despendidas cerca de 86,45 horas-observador e 120 armadilhas-dia na amostragem de répteis e anfíbios (**Quadro 1-3**).
- **Região 2 (Sítio 2):** Amostrada de 27 a 31 de outubro de 2007. Nesse sítio foram despendidas cerca de 108,04 horas-observador e 120 armadilhas-dia para a amostragem da herpetofauna (**Quadro 1-4**).

- **Região 3 (Sítio 3 e Sítio 4):** Amostrada de 01 a 05 de novembro de 2007. O Sítio 3 teve sua herpetofauna inventariada por 67,96 horas-observador na Região 3 e 120 armadilhas-dia (Quadro 1-5).

As atividades de captura e coleta de exemplares da avifauna, necessárias ao desenvolvimento do presente levantamento, foram autorizadas pela CGFAP/IBAMA através da Autorização nº. 016/2007 - CGFAP, emitida em 16 de agosto de 2007 (Apêndice 7).

As metodologias utilizadas para o levantamento da herpetofauna foram as mesmas para as três regiões de forma a possibilitar comparação e repetição no monitoramento futuro. O presente levantamento teve o objetivo de identificar as espécies de répteis e anfíbios que ocorrem na área, de forma a possibilitar a identificação de impactos potenciais decorrentes da implantação da LT 230 kV Vilhena Jauru. Considerando-se o objetivo de amostrar a maioria das espécies existentes nos ambientes florestais da região, que são aqueles que sofrem maiores riscos de impactos durante a implantação de empreendimentos dessa natureza, buscou-se amostrar a maioria dos ambientes florestais de cada uma das regiões amostradas. Vale ressaltar que dentro do possível buscou-se manter um esforço semelhante nas três regiões de amostragem, entretanto com o objetivo de registrar um maior número de espécies, a padronização do esforço amostral não foi uma das premissas adotadas.

As técnicas utilizadas para a obtenção das informações sobre a herpetofauna incluem sete métodos distintos:

- **Procura Visual Limitada por Tempo (PVLТ)**

Consistem em deslocamentos a pé realizados muito lentamente, à procura de répteis e anfíbios em atividade ou em abrigos em diversos microambientes visualmente acessíveis (veja Martins & Oliveira, 1998). Durante os trabalhos de campo, a busca intencional limitada por tempo consistiu de caminhadas noturnas na área de influência do empreendimento, durante as quais distintos microambientes foram explorados visualmente. Foram feitas observações diretas da presença de indivíduos das diferentes espécies e registros das vocalizações características das espécies de anfíbios anuros ocorrentes na área.

- **Procura Não Sistematizada (PNS) ou Procura Ativa:**

Esse método consistiu de caminhadas ao longo da Área de Influência Direta (AID) e Área de Influência Indireta (All) do empreendimento, durante as quais os ambientes foram explorados visualmente, havendo inspeção de tocas, formigueiros, cupinzeiros, serapilheira, locais abrigados sob pedras, troncos caídos e nos mais variados ambientes, como banhados, brejos, pastagens

recentes e antigas, margens de matas, rios, interior de plantas epífitas, e assim por diante, conforme recomendado por Vanzolini *et al.* (1980).

- **Armadilhas de interceptação e queda (“pitfall traps”).**

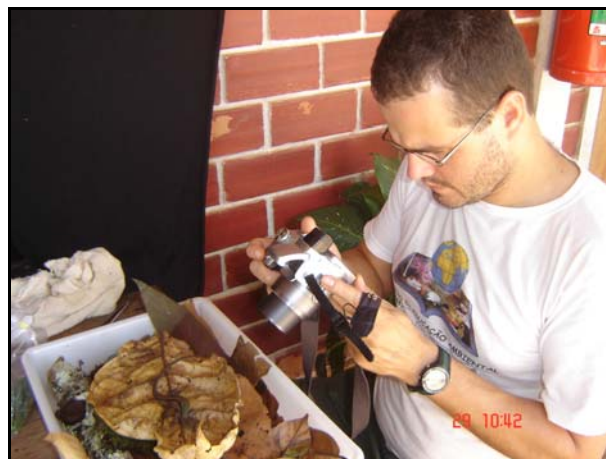
As armadilhas de interceptação e queda são utilizadas para a captura de animais em deslocamento pelo solo, os quais são interceptados por uma cerca-guia e acabam por cair no interior dos recipientes. Cada linha consistiu em cinco recipientes plásticos com capacidade para 60 litros, sem tampa, enterrados até a boca e interligados por uma cerca-guia construída em tela (tipo mosqueteiro de colocação verde), com 1 metro de altura e 20 metros de extensão (Figura 1-33).



(A)



(B)



(C)

Figura 1-33 - Instalação das armadilhas de interceptação e queda para captura de anfíbios e répteis (A e B) e manuseio dos animais capturados (C) durante o presente Levantamento da herpetofauna na área de influência da LT 230 kV Vilhena-Jauru

▪ Procura durante transectos em carro

A procura durante deslocamentos por carro corresponde ao encontro de anfíbios e répteis avistados em estradas da região (Franco & Salomão, 2002; Sawaya, 2004);

▪ Colaboração de Terceiros

Apoio oferecido por residentes através de depoimentos e coleta eventual de exemplares e exame de material colecionado em instituições de ensino, bibliotecas e/ou igrejas da região e membros das equipes do meio biótico (Cunha & Nascimento, 1978).

▪ Evidências Indiretas

Consistem em registros indiretos ou vestígios como mudas de pele, rastros, tocas, cascas de ovos, carcaças em decomposição, etc.

▪ Registros Visuais

Avistamento de répteis não coletados, como por exemplo: serpentes arborícolas nas copas das árvores, jacarés no meio de lagoas, lagartos atravessando estradas, etc. Embora usualmente não sejam aceitáveis, pelo conhecimento taxonômico e biológico ainda insuficiente da diversidade de anfíbios e répteis neotropicais, em algumas ocasiões os registros visuais são suficientes para inventários herpetofaunísticos, quando se referem a exemplares de grande porte, espécies em época reprodutiva e répteis ameaçados de extinção.

▪ Encontros Ocasionais

O método de encontros ocasionais corresponde ao encontro de répteis vivos ou mortos durante outras atividades que não a amostragem pelos demais métodos (Sawaya, 2004).

A presença de espécies de anfíbios e répteis, em todos os locais percorridos, foi anotada com base na observação direta ou colecionamento de espécimes (para comparações posteriores com a literatura e com material de referência), ou ainda por meio de vocalizações (no caso de espécies de anfíbios anuros já conhecidos de outras localidades). Todo animal avistado ou ouvido foi registrado em caderneta de campo, mas apenas representantes de espécies escassamente representadas em coleções científicas ou com problemas taxonômicos (espécies mal definidas, complexos de espécies, etc...) foram colecionados, segundo técnicas de rotina (Caleffo, 2002; Franco *et al.*, 2002). Além dos exemplares encontrados eram anotados, para cada transecto, os ambientes amostrados, horários de início e fim da atividade e o número de observadores.

A equipe de trabalho em campo foi composta por quatro pessoas. Para obtenção do esforço de captura foi somado o total de horas-observador (número de horas multiplicado pelo número de observadores) trabalhadas em cada habitat distinto durante as atividades de procura limitada por tempo.

O material testemunho coletado já está em fase de certificação e tombo na Coleção de Vertebrados da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Como recurso auxiliar para a identificação posterior de algumas espécies menos comuns, foram tomadas fotografias, em vida, de representantes dos anfíbios e répteis registrados.

Algumas espécies, até o momento, não puderam ser identificadas ao nível de espécie, entretanto estas espécies já estão sendo analisadas em laboratório. Foram atribuídas para as mesmas as seguintes siglas: “cf.”, “aff.” e “sp”. A primeira abreviação refere-se ao termo “confer” e indica que a espécie em questão é parecida com aquela que está sendo mencionada, havendo necessidade de exame mais cuidadoso de material zoológico para confirmação da identidade da espécie. A abreviação “*afinnis*” indica uma espécie que embora parecida com aquela que está sendo mencionada, é definitivamente distinta. A abreviação “sp.” indica que o material não pode ser atribuído a qualquer espécie conhecida, podendo tratar-se de forma ainda não descrita.

O esforço amostral da PVLVT foi medido em horas/observador (Martins & Oliveira, 1998) e para quantificar o esforço de capturas por *pitfalls* multiplicamos o número de armadilhas (30 baldes) pelo total de dias que ficaram abertos em cada uma das três localidades amostradas. O esforço foi apresentado em armadilhas-dia. Posteriormente, o valor de dias-recipiente foi dividido pelo total de indivíduos capturados em cada localidade.

Para inferir a eficiência com que a riqueza de espécies local foi acessada utilizamos curvas de rarefação de espécies de “Coleman” (Magurran, 2004) com o auxílio do programa PAST-SHORTCUT (Hammer *et al.*, 2001), com 1.000 aleatorizações. As curvas de rarefação geradas foram produzidas a partir de 1.000 curvas de rarefação de espécies, aleatorizando a ordem das amostras sem reposição, produzindo assim uma curva onde cada ponto corresponde à média deste nas 1.000 curvas geradas e está associado a um desvio-padrão.

As curvas de rarefação de espécies foram confeccionadas utilizando o número de espécies capturadas como o número total de espécimes coletados, somente para o método de PVLVT, onde a padronização do esforço foi medida com precisão.

Foram elaborados ainda, para cada uma das áreas curvas de coletor, elaboradas através da comparação do número acumulativo de espécies registradas para cada hora de amostragem (PVLVT).

Para a análise de similaridade da composição de espécies nas áreas amostradas, utilizamos a Análise de Agrupamento (Cluster), com o auxílio do programa MVSP versão 3.1, com o coeficiente de similaridade de Gower e método de agrupamento UPGMA (média de grupo com peso), que determina pesos diferentes para grupos de tamanhos diferentes, uma vez que o número de espécies entre as localidades analisadas é bastante variável.

O *status* de conservação das espécies foi avaliado através das listas utilizadas para esse fim, recentemente revistas. Para tanto foi utilizada a versão atual da lista elaborada pela IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza), conhecida como “Red List” ou “lista-vermelha”, divulgada em 2003 (disponível no endereço www.redlist.org); a lista da CITES (Convenção Sobre o Comércio Internacional de Espécies da Fauna e Flora Silvestre Ameaçadas) (disponível no endereço <http://www.cites.org/eng/append/appendices.shtml>).

O *status* de conservação das espécies também foi avaliado através da lista da Fauna Ameaçada de Extinção do IBAMA e Lista da Fauna Silvestre Brasileira Ameaçada de Extinção (disponíveis nos endereços <http://www.ibama.gov.br> e <http://www.mma.gov.br/port/sbf/fauna/index.cfm>, respectivamente).

1.5.3 - Resultados Discutidos

1.5.3.1 - Herpetofauna da Área de Influência

Obtivemos um total de 1.352 registros de anfíbios e répteis, sendo, 210 avistamentos, 160 coletas, 921 registros (apenas anfíbios) por vocalizações e 61 capturas em *pitfalls*. O índice de registros por unidade de esforço, em PVLTL, obtido corresponde a *5,38 registros por hora de amostragem*.

No total foram registradas para a área de influência da LT 230 kV Vilhena-Jauru, durante o presente Levantamento da herpetofauna, 159 espécies de anfíbios e répteis.

Da lista de espécies apresentada no **Quadro 1-6** constam todas as espécies registradas para as três áreas da Linha de Transmissão Vilhena-Jauru, com os respectivos habitats em que foram anotadas, status de conservação, método de evidência e abundância relativa. Foram incluídos ainda na quadro os dados secundários obtidos conforme descrito previamente.

Quadro 1-6 - Lista cumulativa de espécies de anfíbios e répteis registradas para as três áreas de amostragem ao longo da Linha de Transmissão Vilhena-Jauru (MT-RO), incluindo dados secundários de áreas próximas.

Categoria Taxonômica	Habitat	Área	Dados secundários	Status de Conservação	Evidência	Abundância Relativa	
ORDEM ANURA (sapos, rãs e pererecas)							
Família BRACHYCEPHALIDAE							
1	<i>Pristimantis cf. dundeei</i> (Figura 1-57 e Figura 1-43)	AC, FE	V, NL	-	Não ameaçado	CO, VO	++
Família BUFONIDAE							
2	<i>Rhaebo guttatus</i>	BR	NL	GUA	Não ameaçado	VO	+
3	<i>Rhinella aff. margaritifera</i> (Figura 1-39)	FE	V, SD	GUA, VB	Não ameaçado	CO	+++
4	<i>Rhinella marina</i> (Figura 1-63)	BR	V, NL	VB	Não ameaçado	CO, VO	++
5	<i>Rhinella schneideri</i>	BR	SD	GUA	Não ameaçado	CO, VO	+
Família CENTROLENIDAE							
6	<i>Hyalinobatrachium sp.</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
Família CYCLORAMPHIDAE							
7	<i>Proceratophrys concavitympanum</i>	FE	SD	GUA	Não ameaçado	CO	++
Família DENDROBATIDAE							
8	<i>Ameerega cf. picta</i> (Figura 1-75)	FE	SD	GUA	CITES Ap. II	CO, VO	++
9	<i>Colostethus sp.1</i>	FE, AC	V	-	CITES Ap. II	VO	++
10	<i>Colostethus sp.2</i>	FE, AC	NL	-	CITES Ap. II	CO, VO	+++
Família HYLIDAE							
11	<i>Dendropsophus leucophyllatus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
12	<i>Dendropsophus marmoratus</i>	BR	V	-	Não ameaçado	CO, VO	+
13	<i>Dendropsophus melanargyreus</i> (Figura 1-89)	AA, BR	SD	GUA	Não ameaçado	CO, VO	+++

Categoria Taxonômica		Habitat	Área	Dados secundários	Status de Conservação	Evidência	Abundância Relativa
14	<i>Dendropsophus microcephalus</i> aff.	BR	SD	GUA, VB	Não ameaçado	CO, VO	++
15	<i>Dendropsophus minutus</i> (Figura 1-42)	AA, BR	V, SD	GUA	Não ameaçado	CO, VO, AV	+++
16	<i>Dendropsophus nanus</i> (Figura 1-51)	AA	NL,SD	GUA	Não ameaçado	CO, VO, AV	+
17	<i>Dendropsophus parviceps</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
18	<i>Dendropsophus rhodopeplus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
19	<i>Dendropsophus</i> aff. <i>rubicundulus</i> (Figura 1-36)	BR	V, NL	-	Não ameaçado	CO, VO, AV	+++
20	<i>Hypsiboas albopunctatus</i> (Figura 1-45)	AC, FE	V, NL	GUA	Não ameaçado	CO, VO	+++
21	<i>Hypsiboas boans</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
22	<i>Hypsiboas fasciatus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
23	<i>Hypsiboas</i> aff. <i>geographicus</i>	-	-	GUA, VB	Não ameaçado	-	-
24	<i>Hypsiboas punctatus</i> (Figura 1-38)	AA, BR	V	GUA	Não ameaçado	CO	++
25	<i>Hypsiboas raniceps</i>	BR	SD	GUA, VB	Não ameaçado	CO, VO	++
26	<i>Lisapsus limellum</i>	-	-	VB	Não ameaçado	-	-
27	<i>Osteocephalus</i> sp. (Figura 1-44)	AC, FE	SD	-	Não ameaçado	CO	++
28	<i>Osteocephalus buckleyi</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
29	<i>Osteocephalus</i> cf. <i>leprieurii</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
30	<i>Osteocephalus taurinus</i> (Figura 1-85)	AC, FE	SD	GUA, VB	Não ameaçado	CO	++
31	<i>Phyllomedusa camba</i> (Figura 1-81)	AC, BR	SD	-	Não ameaçado	CO, VO, AV	+++
32	<i>Phyllomedusa</i> cf. <i>boliviana</i>	-	-	GUA, VB	Não ameaçado	-	-
33	<i>Phyllomedusa hypocondrialis</i> (Figura 1-82)	AA, AC, BR	SD	GUA	Não ameaçado	CO, VO, AV	+++
34	<i>Phyllomedusa vaillanti</i> (Figura 1-83)	AC	SD	GUA	Não ameaçado	CO	+

Categoria Taxonômica		Habitat	Área	Dados secundários	Status de Conservação	Evidência	Abundância Relativa
34	<i>Scinax fuscovarius</i> (Figura 1-62)	AA, AC, BR	V, NL	GUA	Não ameaçado	CO, VO	++
35	<i>Scinax cf. fuscomarginatus</i> (Figura 1-40)	BR	V	-	Não ameaçado	CO, VO	+++
36	<i>Scinax aff. nebulosus</i> (Figura 1-41)	AA, AC	V, SD	GUA	Não ameaçado	CO, VO	++
37	<i>Scinax aff. ruber</i>	BR	NL	GUA, VB	Não ameaçado	CO	+
38	<i>Trachycephalus resinifictrix</i> (Figura 1-55)	CE	NL	-	Não ameaçado	CO, VO	++
39	<i>Trachycephalus venulosus</i>	AA	SD	GUA	Não ameaçado	CO, VO, AV	+++
Família LEIUPERIDAE							
40	<i>Eupemphix nattereri</i> (Figura 1-78)	BR	SD	GUA, VB	Não ameaçado	CO, VO, AV	+++
41	<i>Physalaemus cuvieri</i> (Figura 1-52)	AA, BR	V, NL	VB	Não ameaçado	CO, VO, AV	+++
42	<i>Physalaemus albonotatus</i> (Figura 1-73)	AA, AC, BR, FE	SD	GUA	Não ameaçado	CO, VO, AV	+++
43	<i>Pseudopaludicola aff. mystacalis</i> (Figura 1-84)	BR	SD	GUA, VB	Não ameaçado	CO, VO	+++
44	<i>Pseudopaludicola saltica</i> (Figura 1-54)	BR	NL	-	Não ameaçado	CO, VO	+++
Família LEPTODACTYLIDAE							
45	<i>Leptodactylus aff. andreae</i> (Figura 1-35 e Figura 1-72)	FE	V	GUA, VB	Não ameaçado	CO, VO	+++
46	<i>Leptodactylus chaquensis</i>	AA, BR	SD	GUA, VB	Não ameaçado	CO	++
47	<i>Leptodactylus cf. chaquensis</i> (Figura 29)	AA	NL	-	Não ameaçado	CO	+
48	<i>Leptodactylus elenae</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
49	<i>Leptodactylus fuscus</i> (Figura 1-80)	AA, BR	SD	GUA	Não ameaçado	CO, VO	++
50	<i>Leptodactylus cf. hylaedactylus</i>	-	-	GUA, VB	Não ameaçado	-	-
51	<i>Leptodactylus labyrinthicus</i> (Figura 1-59)	AA, AC, BR	NL, SD	GUA	Não ameaçado	CO, VO	++

Categoria Taxonômica		Habitat	Área	Dados secundários	Status de Conservação	Evidência	Abundância Relativa
52	<i>Leptodactylus cf. labyrinthicus</i>	BR	NL	-	Não ameaçado	CO	+
53	<i>Leptodactylus lineatus</i>	-	-	GUA, VB	Não ameaçado	-	-
54	<i>Leptodactylus cf. mystaceus</i>	FE	SD	GUA, VB	Não ameaçado	CO	+
55	<i>Leptodactylus mystacinus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
56	<i>Leptodactylus petersii</i> (Figura 1-74)	AA, BR	SD	-	Não ameaçado	CO	++
57	<i>Leptodactylus podicipinus</i>			GUA, VB	Não ameaçado		
58	<i>Leptodactylus rhodomystax</i> (Figura 1-58)	AC, FE	V, NL	GUA	Não ameaçado	CO, VO	+++
59	<i>Leptodactylus sypfax</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
60	<i>Leptidactylus cf. wagneri</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
61	<i>Leptodactylus sp. 1</i> (Figura 1-53)	FE	NL	-	Não ameaçado	CO	+
62	<i>Leptodactylus sp. 2</i> (Figura 1-34 e Figura 1-60)	FE	SD	-	Não ameaçado	CO	+
Família MICROHYLIDAE							
63	<i>Chiasmocleis cf. albobnctata</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
64	<i>Chiasmocleis sp.</i> (Figura 1-76)	AA, BR	SD	-	Não ameaçado	CO, VO	+++
65	<i>Ctenophryne geayi</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
66	<i>Elachistocleis cf. ovalis</i> (Figura 1-77 e Figura 1-56)	AA, BR	NL, SD	GUA, VB	Não ameaçado	CO, VO	+++
Família RANIDAE							
67	<i>Rana palmipes</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-

Categoria Taxonômica	Habitat	Área	Dados secundários	Status de Conservação	Evidência	Abundância Relativa	
ORDEM GYMNOPIHIONA (Cecílias)							
68	<i>Caecilia sp.</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-

Categoria Taxonômica	Habitat	Área	Dados secundários	Status de Conservação	Evidência	Abundância Relativa	
ORDEM TESTUDINES (cágados e jabotis)							
SUBORDEM CRYPTODIRA							
Família TESTUDINIDAE							
69	<i>Geochelone deticulata</i>	-	-	GUA	CITES Ap. II	-	-
SUBORDEM PLEURODIRA							
Família CHELIDAE							
70	<i>Platemys platycephala</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
71	<i>Phrynops sp.</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-

Categoria Taxonômica	Habitat	Área	Dados secundários	Status de Conservação	Evidência	Abundância Relativa	
ORDEM SQUAMATA (cobras de duas cabeças, lagartos e serpentes)							
SUBORDEM AMPHISBAENIANS (lagartos)							
Família AMPHISBAENIDAE							
72	<i>Amphisbaena alba</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
73	<i>Amphisbaena silvestrii</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
74	<i>Leposternon infraorbitale</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-

Categoria Taxonômica	Habitat	Área	Dados secundários	Status de Conservação	Evidência	Abundância Relativa	
SUBORDEM SAURIA (lagartos)							
Família GEKKONIDAE							
75	<i>Coleodactylus amazonicus</i> (Figura 1-49)	FE	V		Não ameaçado	CO, AV	++
76	<i>Gonatodes hasemani</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
77	<i>Gonatodes humeralis</i>	-	-	VB	Não ameaçado	-	-
78	<i>Hemidactylus mabouia</i>	AA	V	GUA, VB	Não ameaçado	CO	++
79	<i>Thecadactylus rapicauda</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
Família GYMNOPHTALMIDAE							
80	<i>Alopoglossus angulatus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
81	<i>Bachia dorbignyi</i> (Figura 1-64)	AC, FE, CE	NL, SD	GUA	Não ameaçado	CO	++
82	<i>Bachia bresslaui</i> (Figura 1-65)	CE	NL		Não ameaçado	CO	+
83	<i>Cercosaura eigenmanni</i> (Figura 1-71)	FE, CE	NL, SD	VB	Não ameaçado	CO	++
84	<i>Iphisa elegans</i>	FE	V	GUA	Não ameaçado	CO	+
85	<i>Prionodactylus eigenmanni</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
86	<i>Prionodactylus cf. argulus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
Família LEIOSAURIDAE							
87	<i>Enyalius leechii</i> (Figura 1-48)	FE	V		Não ameaçado	CO	+
Família POLYCHROTIDAE							
88	<i>Anolis auratus</i> (Figura 1-68 e Figura 1-69)	BR	NL	-	Não ameaçado	CO	+
89	<i>Anolis fuscoauratus</i>	-	-	GUA, VB	Não ameaçado	-	-
90	<i>Anolis cf. punctatus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
91	<i>Anolis transversalis</i> (Figura 1-70)	AC, FE	NL	GUA	Não ameaçado	CO	+
92	<i>Polychrus marmoratus</i>	-		GUA	Não ameaçado	-	-

Categoria Taxonômica	Habitat	Área	Dados secundários	Status de Conservação	Evidência	Abundância Relativa
Família SCINCIDAE						
93	<i>Mabuya bistrriata</i>	-	-	VB	Não ameaçado	-
94	<i>Mabuya frenata</i>	-	-	VB	Não ameaçado	-
95	<i>Mabuya nigropunctata</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-
Família TEIIDAE						
96	<i>Ameiva ameiva</i>	CE	NL	GUA, VB	Não ameaçado	AV
97	<i>Kentropyx altamazonica</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-
98	<i>Kentropyx calcarata</i> (Figura 1-67)	CE	NL	GUA, VB	Não ameaçado	CO
99	<i>Tupinambis merianae</i>	CE	SD	GUA	Não ameaçado	AV
100	<i>Tupinambis teguixin</i>	-	-	GUA, VB	Não ameaçado	-
Família TROPIDURIDAE						
101	<i>Plica umbra</i>	-	-	GUA, VB	Não ameaçado	-
102	<i>Stenocercus</i> sp. (Figura 1-86)	FE	SD	-	Não ameaçado	CO
103	<i>Stenocercus</i> cf. <i>caducus</i>			GUA	Não ameaçado	
104	<i>Stenocercus roseiventris</i>	FE	V	-	Não ameaçado	CO
105	<i>Tropidurus spinulosus</i>	-	-	VB	Não ameaçado	-
SUBORDEM SERPENTES (serpentes)						
Família ANILIIDAE						
106	<i>Anilius scytale</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-
Família ANOMALEPIDIDAE						
107	<i>Liotyphlops</i> sp.	-	-	GUA	Não ameaçado	-
Família BOIDAE						
108	<i>Boa constrictor constrictor</i>	-	-	GUA	CITES Ap. II	-
109	<i>Corallus hortulanus</i>	-	-	GUA	CITES Ap. II	-

Categoria Taxonômica		Habitat	Área	Dados secundários	Status de Conservação	Evidência	Abundância Relativa
110	<i>Epicrates cenchria</i>	-	-	GUA	CITES Ap. II	-	-
Família COLUBRIDAE							
111	<i>Apostolepis pymi</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
112	<i>Chironius exoletus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
113	<i>Chironius fuscus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
114	<i>Chironius scurrulus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
115	<i>Clelia clelia</i>	-	-	GUA	CITES Ap. II	-	-
116	<i>Dendrophidion dendrophis</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
117	<i>Dipsas catesbyi</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
118	<i>Dipsas indica</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
119	<i>Dipsas pavonina</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
120	<i>Drepanoides anomalus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
121	<i>Drymarchon corais</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
122	<i>Drymoluber dichrous</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
123	<i>Helicops angulatus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
124	<i>Hydrodynastes gigas</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
125	<i>Imantodes cenchoa</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
126	<i>Leptodeira annulata</i>	-	-	GUA, VB	Não ameaçado	-	-
127	<i>Leptophis ahaetulla</i>	-	-	GUA, VB	Não ameaçado	-	-
128	<i>Liophis almadensis</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
129	<i>Liophis reginae</i> (Figura 1-47)	AA	V	GUA	Não ameaçado	CO	+
130	<i>Liophis typhlus elaeoides</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
131	<i>Liophis typhlus typhlus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
132	<i>Mastigodryas bifossatus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
133	<i>Oxybelis fulgidus</i>	-	-	VB	Não ameaçado	-	-

Categoria Taxonômica		Habitat	Área	Dados secundários	Status de Conservação	Evidência	Abundância Relativa
134	<i>Oxyrhopus melanogenys</i> (Figura 1-46)	FE	V	-	Não ameaçado	CO	+
135	<i>Oxyrhopus petola</i>	-	-	GUA, VB	Não ameaçado	-	-
136	<i>Oxyrhopus aff. trigeminus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
137	<i>Phalotris nasutus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
138	<i>Philodryas olfersii</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
139	<i>Philodryas viridissima</i>	-	-	GUA, VB	Não ameaçado	-	-
140	<i>Pseudoboa nigra</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
141	<i>Pseustes cf. sexcarinatus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
142	<i>Pseustes sulphureus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
143	<i>Sibynomorphus turgidus</i> cf.	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
144	<i>Siphlophis compressus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
145	<i>Spilotes pullatus</i>	FE	SD	GUA	Não ameaçado	CO	+
146	<i>Waglerophis merremii</i>	-	-	GUA, VB	Não ameaçado	-	-
147	<i>Xenodon rhabdocephalus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
148	<i>Xenodon severus</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
Família ELAPIDAE							
149	<i>Micrurus paraensis</i> (Figura 1-87)	FE	SD	GUA	Não ameaçado	CO	+
150	<i>Micrurus spixii</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
151	<i>Micrurus surinamensis</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
Família LEPTOTYPHLOPIDAE							
152	<i>Leptotyphlops</i> sp.	-	-	GUA	Não ameaçado	-	-
Família TYPHLOPIDAE							
153	<i>Typhlops</i> sp. (Figura 1-88)		NL, SD	-	Não ameaçado	CO	+++
154	<i>Typhlops reticulatus</i>		V	-	Não ameaçado	CO	+

Categoria Taxonômica	Habitat	Área	Dados secundários	Status de Conservação	Evidência	Abundância Relativa
Família VIPERIDAE						
155	<i>Bothrops cf. atrox</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-
156	<i>Bothrops moojeni</i>	-	-	GUA	Não ameaçado	-
157	<i>Crotalus durissus</i>	-	-	GUA	CITES Ap. III	-

Categoria Taxonômica	Habitat	Área	Dados secundários	Status de Conservação	Evidência	Abundância Relativa
ORDEM CROCODYLIA (jacarés)						
Família ALLIGATORIDAE						
158	<i>Paleosuchus cf. palpebrosus</i> (Figura 1-66)	AC	NL		CITES Ap. II	CO
159	<i>Paleosuchus trigonatus</i>	-	-	GUA	CITES Ap. II	-

¹ Abreviações e simbologia:

Habitats: AA - ambientes periantrópicos e áreas de pastagens; AC - ambientes ciliares, incluindo florestas; BR - áreas brejosas abertas; FE - floresta estacional; CE - cerrado; LA - lajeiros próximo a margem do rio Apiacás.

Área: NL - Nova Lacerda; SD - Vale de São Domingos; V - Vilhena.

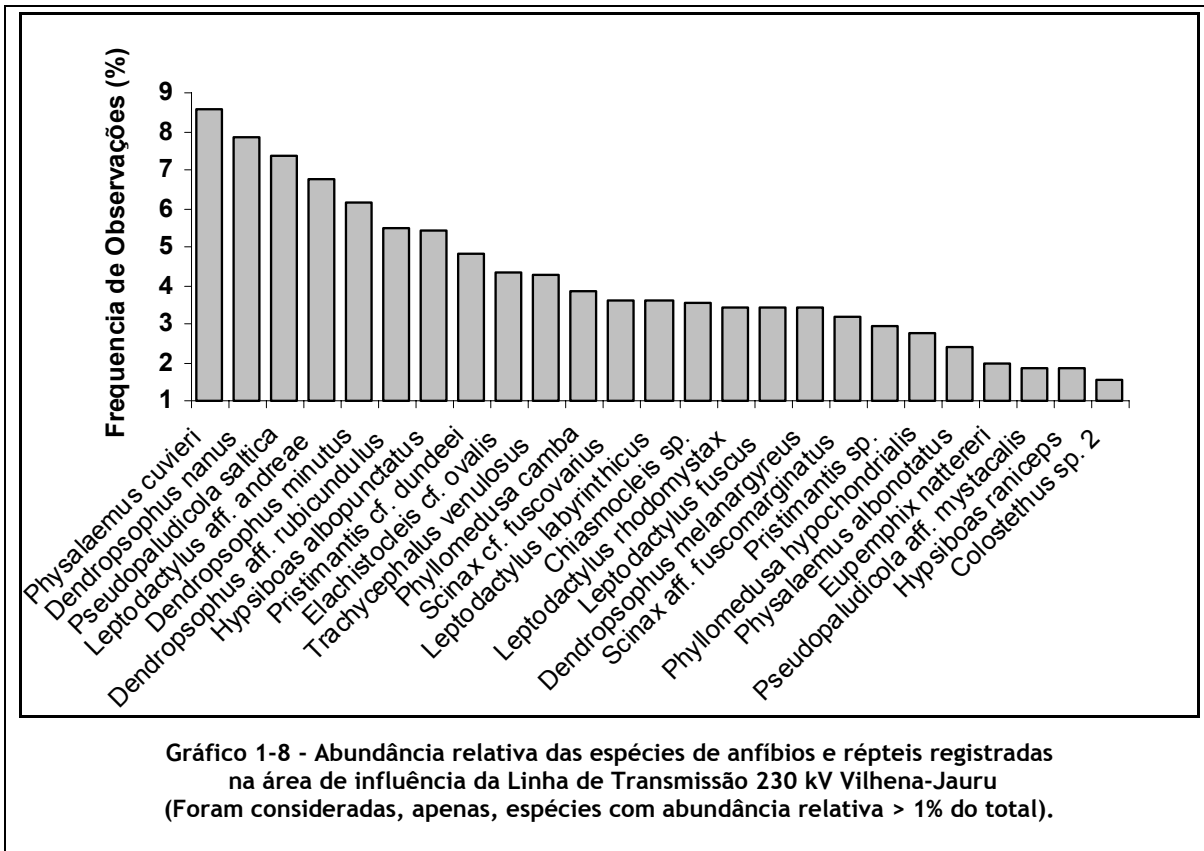
Dados secundários: GUA - Levantamento e Monitoramento da Fauna na Área do Reservatório da UHE Guaporé (Vale de São Domingos); VB - Vila Bela (Diagnóstico Sócio Econômico Ecológico do Estado de Mato Grosso).

Status de Conservação: CITES Ap.I - listado no Apêndice I da CITES, que inclui espécies ameaçadas de extinção; CITES Ap.II - listado no Apêndice II da CITES, que inclui espécies vulneráveis; CITES Ap.III - listado no Apêndice III da CITES, que inclui espécies em Baixo Risco dependendo de conservação, Não ameaçado - espécie não incluídas nas listas do IBAMA, IUCN e CITES

Evidência: CO - Colecionamento; VO - vocalização e AV - Avistamento.

Abundância relativa: + raro: somente um indivíduo avistado e/ou ouvido; ++ comum: entre cinco e dez indivíduos avistados e/ou ouvidos; +++ abundante: mais de dez indivíduos registrados.

As espécies de anfíbios mais freqüentemente registradas nas três áreas foram *Physalaemus cuvieri* (Figura 1-52), *Dendropsophus nanus* (Figura 1-51) e *Pseudopaludicola saltica* (Figura 1-54) (Gráfico 1-8). As elevadas taxas de abundância relativa destas espécies se devem, provavelmente, à sua intensa atividade reprodutiva por ocasião das amostragens.



Para a Região 1, foram feitos 411 registros, dos quais 53 corresponderam a espécimes coletados, 31 a avistamentos, 311 a vocalizações e 16 a capturas em *pitfalls*. Um número total de 31 espécies dos quais 76,96% (n=389; 22 espécies distintas) corresponderam a anfíbios e 29,03% (n=10; nove espécies distintas) a répteis. O índice de registros por unidade de esforço obtido corresponde a 4,9 registros por hora de amostragem em PVLT e 0,13 indivíduos por dia e por armadilha nas amostragens com pitfall.

O presente levantamento registrou, para esta localidade 22 espécies de anfíbios (10 gêneros, seis famílias), cinco espécies de lagartos (cinco gêneros, três famílias) e três de serpentes (três gêneros, duas famílias).

No Gráfico 1-9 são apresentadas as abundâncias relativas das espécies de anfíbios e répteis encontradas na Região 1.

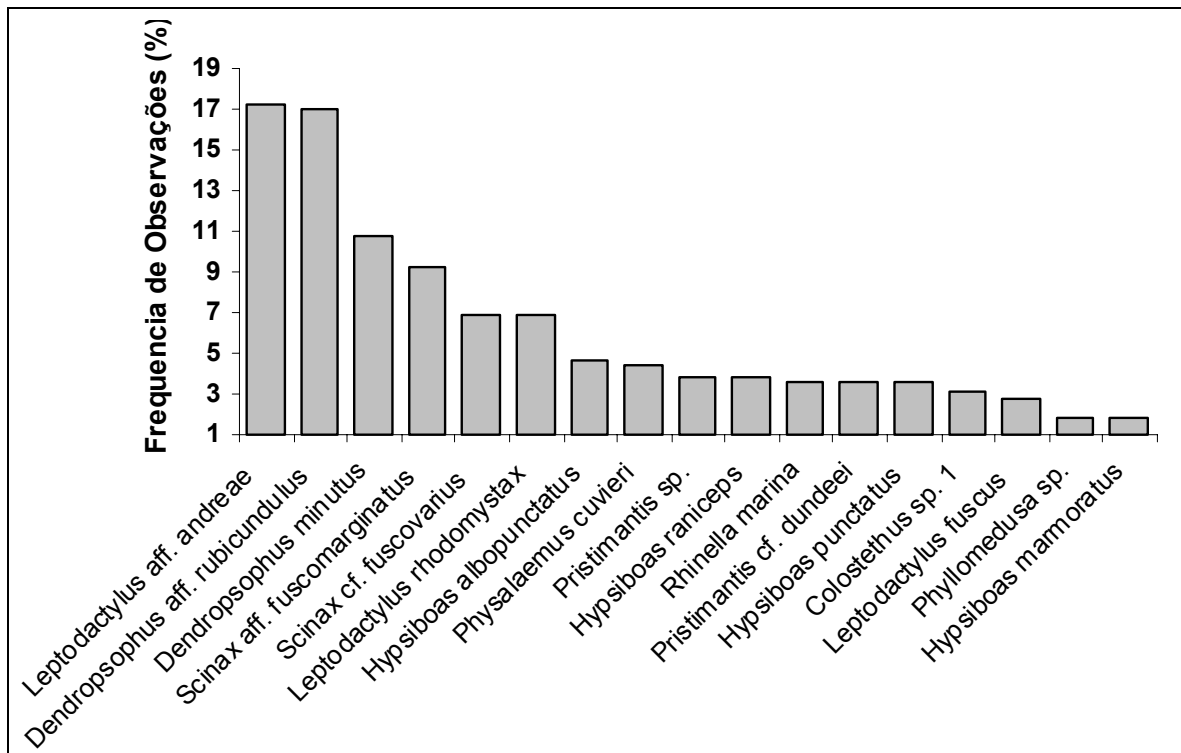


Gráfico 1-9 - Abundância relativa de todas as espécies de anfíbios e répteis registradas na Região 1 (Foram consideradas, apenas, espécies com abundância relativa > 1% do total).

Para a Região 2 foram feitos 485 registros: 49 coletas, 73 avistamentos, 350 registros de vocalizações e 11 capturas em *pitfalls*. Um número total de 29 espécies dos quais 65,51% (n=470; 19 espécies distintas) corresponderam a anfíbios e 34,48% (n=16; 10 espécies distintas) a répteis. O índice de registros por unidade de esforço obtido corresponde a 4,38 registros por hora de amostragem em PVLV e 0,09 indivíduos por dia e por armadilha nas amostragens com pitfall.

O presente levantamento registrou, para esta localidade, a existência de 19 espécies de anfíbios (12 gêneros, sete famílias), sete espécies de lagartos (quatro gêneros, duas famílias), duas de serpentes (um gênero, uma famílias) e uma espécie de jacaré (um gênero, uma família).

Entre as espécies mais abundantes na região de Nova Lacerda estão *Pseudopaludicola saltica* (Figura 1-54) e *Physalaemus cuvieri* (Figura 1-52), que apresentaram o mesmo índice de abundância relativa (Gráfico 1-10). Essas espécies foram registradas em uma área de vereda de buritis represada por estrada (Quadro 1-4, Sítio II), onde a disponibilidade de área alagada era a maior entre todos os pontos amostrados na mesma localidade.

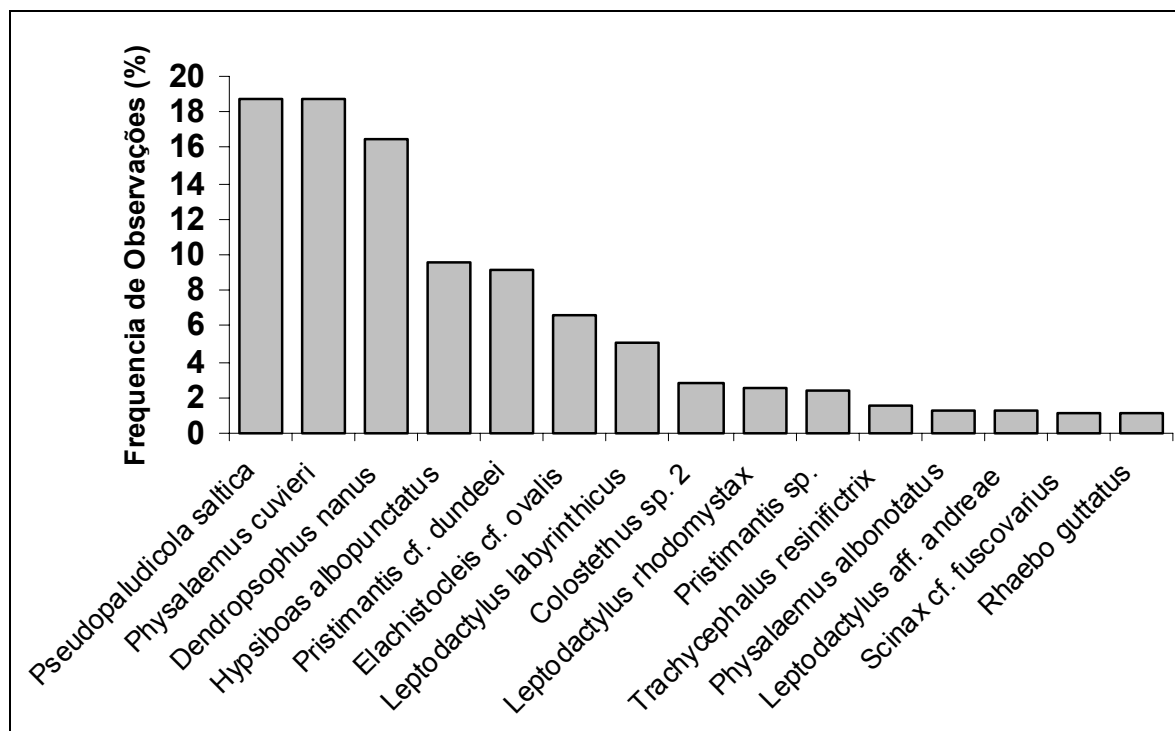


Gráfico 1-10 - Abundância relativa de todas as espécies de anfíbios e répteis registradas na Região 2. Foram consideradas, apenas, espécies com abundância relativa > 1% do total.

Para a região 3 foram feitos 460 registros: 58 coletas, 106 avistamentos, 260 registros de vocalizações e 34 capturas em *pitfalls*. Um número total de 42 espécies dos quais 78,57% (n=393; 33 espécies distintas) corresponderam a anfíbios e 29,03% (n=24; oito espécies distintas) a répteis. O índice de registros por unidade de esforço obtido corresponde a 6,62 registros por hora de amostragem em PVLTL e 0,31 indivíduos por dia e por armadilha nas amostragens com pitfall.

O presente levantamento registrou, para essa localidade, a existência de 33 espécies de anfíbios (16 gêneros, sete famílias), cinco espécies de lagartos (cinco gêneros, três famílias) e duas de serpentes (dois gênero, duas famílias).

O Gráfico 1-11 mostra as abundâncias relativas das espécies de anfíbios e répteis registradas na região 3 durante o período da avaliação e evidencia o anuro *Trachycephalus venulosus* (Figura 1-90) como sendo uma das espécies localmente mais abundantes.

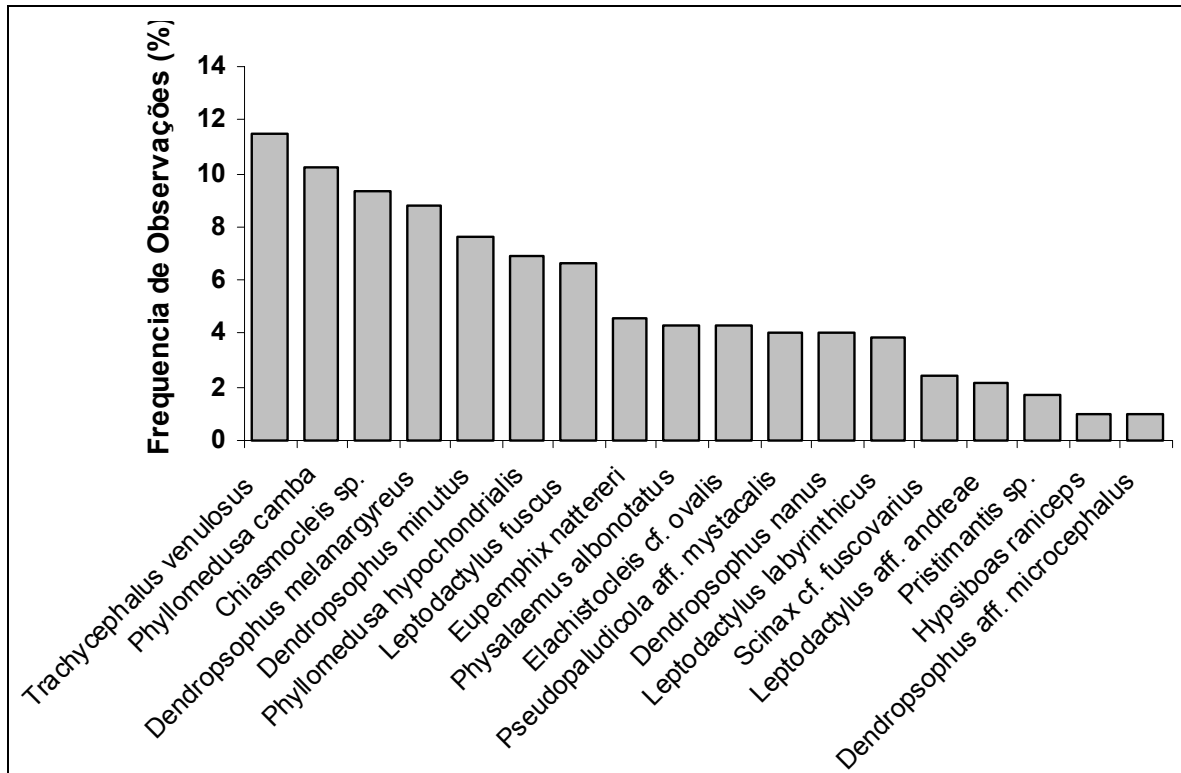


Gráfico 1-11 - Abundância relativa de todas as espécies de anfíbios e répteis registradas na Região 3 (Foram consideradas, apenas, espécies com abundância relativa > 1% do total).

Embora as atividades de inventário na região 1 tenham sido realizadas por ocasião do início da época de reprodução dos anfíbios (período chuvoso), o que certamente colaborou para que um elevado número de indivíduos e de espécies fosse registrado, a curva de rarefação de espécies de anfíbios e répteis gerada pelo o método de PVL (Gráfico 1-12) e a curva de coletor (Gráfico 1-13) não apresentaram tendência à estabilização. Este tipo de curva é comum em trabalhos de curto prazo e sugere que há necessidade de mais esforço para amostrar a totalidade de espécies possíveis de serem registradas nos pontos trabalhados. Vale ressaltar que o presente estudo confere um primeiro levantamento de dados primários na área de influência da LT Vilhena-Jauru para elaboração do Diagnóstico de Fauna. Com a implementação do Programa de Monitoramento de Fauna na região, espera-se que as curvas alcancem a sua estabilização.

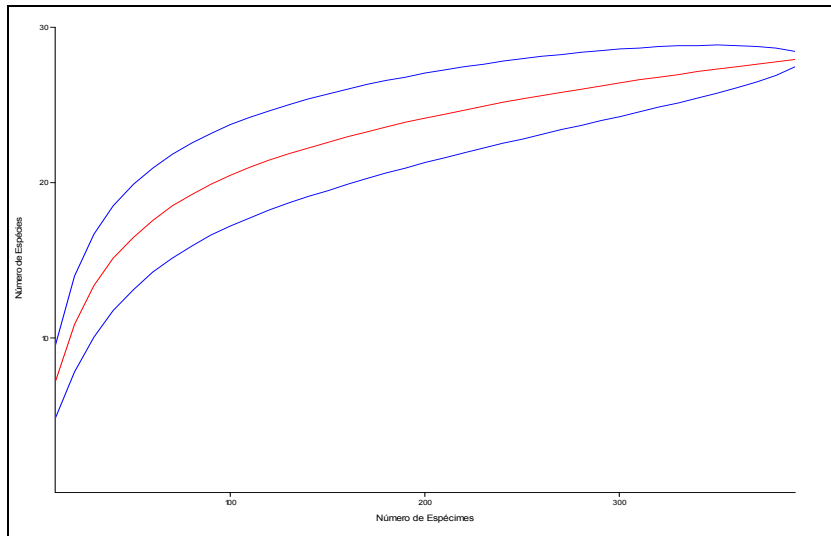


Gráfico 1-12 - Curva de rarefação de "Coleman" para as espécies de anfíbios e répteis registrados para a Região 1. A linha contínua vermelha representa os pontos médios e as linhas azuis, o desvio-padrão associado a cada ponto.

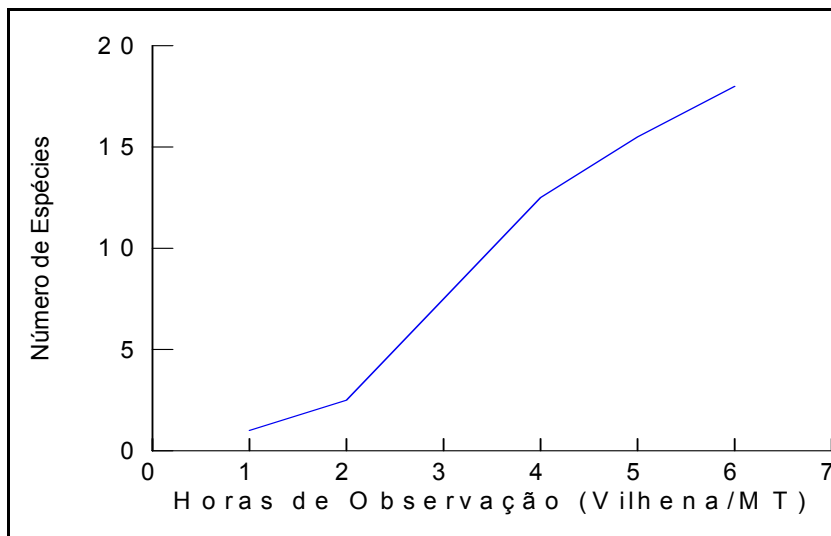


Gráfico 1-13 - Curva de coletor para o levantamento realizado na Região de Amostragem 1 na LT Vilhena-Jauru.

As curvas de rarefação de espécies de anfíbios e répteis e de coletor geradas para a região 2 apresentam o mesmo padrão que aquelas gerada para Vilhena (Gráfico 1-14 e Gráfico 1-15), evidenciando, entretanto, menor número de espécies e maior número de indivíduos registrados, sugerindo que a abundância dos indivíduos seja maior nesta área.

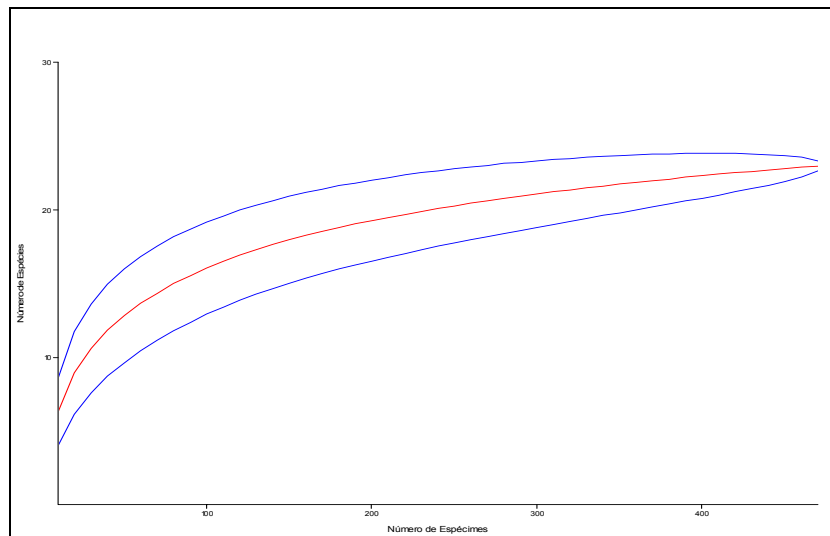


Gráfico 1-14 - Curva de rarefação de “Coleman” para as espécies de espécies de anfíbios e répteis registradas na Região 2. A linha contínua vermelha representa os pontos médios e as linhas azuis, o desvio-padrão associado a cada ponto.

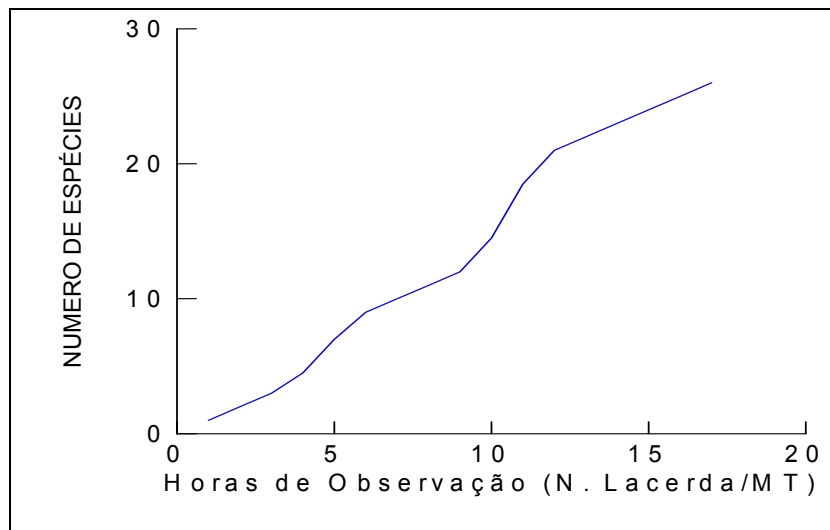


Gráfico 1-15 - Curva de coletor para o levantamento realizado na Região de Amostragem 2 na LT Vilhena-Jauru.

Para a Região 3, as curvas de rarefação e de coletor mostraram o mesmo padrão que aquelas geradas para os pontos anteriores, sem tendência à estabilização (Gráfico 1-16 e Gráfico 1-17). É esperado que com os estudos a serem realizados posteriormente, com a implantação do programa de Monitoramento da Fauna, ocorra a estabilização da curva.

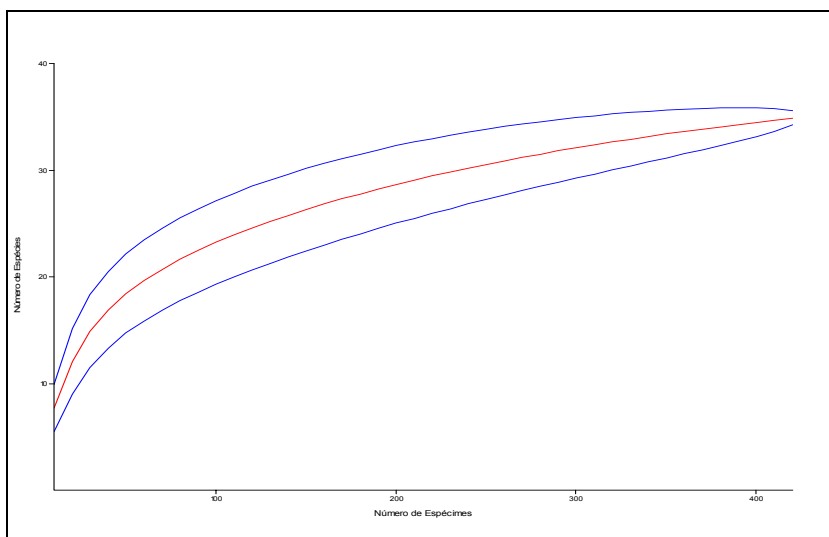


Gráfico 1-16 - Curva de rarefação de “Coleman” para as espécies de anfíbios e répteis registradas na Região 3. A linha contínua vermelha representa os pontos médios e as linhas azuis, o desvio-padrão associado a cada ponto.

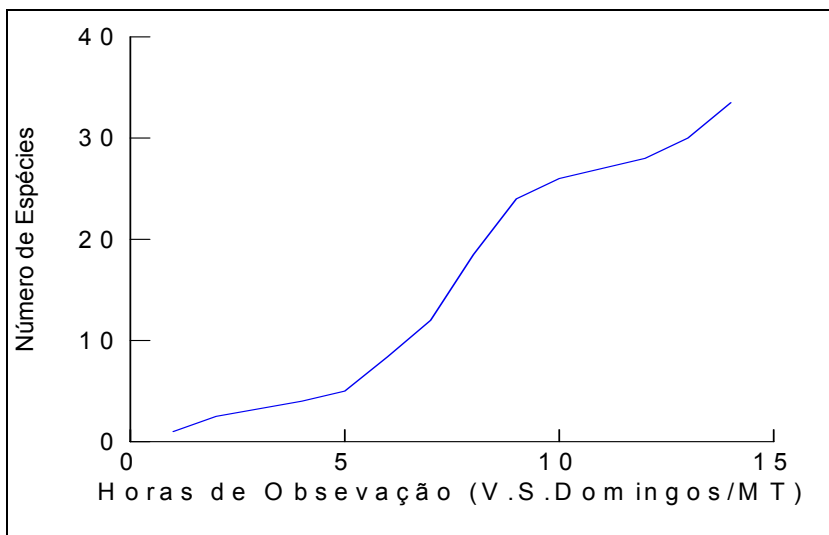


Gráfico 1-17 - Curva de coletor para o levantamento realizado na Região de Amostragem 3 na LT Vilhena-Jauru.

As curvas de acumulação geradas para cada localidade, indicam a necessidade de esforço adicional para o registro de anfíbios e répteis em cada localidade. Considerando-se que o presente estudo confere o primeiro levantamento de dados primários na área de influência da LT Vilhena-Jauru e que o Programa de Monitoramento da Fauna incluíra campanhas contínuas na área, espera-se que ocorra a estabilização das curvas de rarefação e de coletor.

Na análise de similaridade gerada para as três regiões amostradas (**Gráfico 1-18**), as Regiões 2 e 3 apresentaram maior similaridade entre si, quando comparadas com a Região 1. Esse resultado pode ser creditado à proximidade entre as duas primeiras regiões e a maiores semelhanças nas fitofisionomias amostradas em ambas.

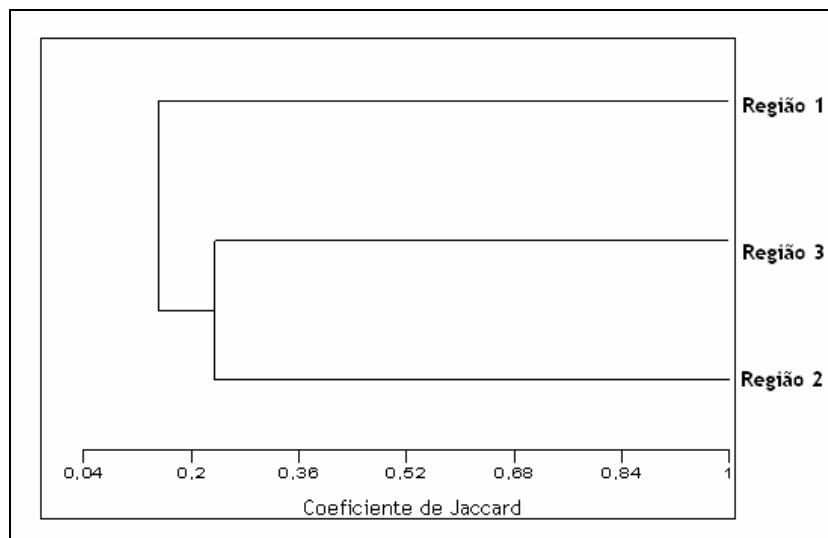


Gráfico 1-18 - Dendrograma de similaridade entre a composição de espécies de répteis e anfíbios nas três Regiões de Amostragem na área de influência na LT 230 kV Vilhena-Jauru.

1.5.3.2 - Considerações sobre Espécies ainda não Identificadas e Potencialmente Novas para a Ciência

Dos anfíbios registrados para as três localidades, alguns indivíduos não puderam ser identificados, até o momento, no nível de espécie. Algumas destas espécies podem constituir táxons ainda não descritos e mesmo endêmicos, mas não parece haver a possibilidade de que alguma destas espécies esteja localmente ameaçada.

Alguns dos grupos aos quais pertencem espécies de anfíbios não identificados estão mal estudados e necessitam de amplo trabalho de revisão taxonômica. É o caso dos táxons *Colostethus* sp. 1 e *Colostethus* sp. 2 (Figura 1-50), pertencentes a um gênero com poucas espécies descritas até o momento e com muitas variações morfológicas entre as localidades de ocorrência. O trabalho de identificação dessas espécies irá requerer a comparação com material de espécies semelhantes, depositado em coleções de referência como as do Museu de Zoologia da USP e Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Podemos destacar ainda, duas espécies da família Leptodactylidae: *Leptodactylus* sp. 1 (Figura 1-53), provavelmente, trata-se de espécie nova, por não se encaixar nos padrões de nenhuma das espécies atualmente conhecidas; *Leptodactylus* sp. 2, anteriormente incluído no gênero “*Adenomera*”, um táxon com muitos problemas taxonômicos pendentes.

A rã *Pseudopaludicola* aff. *mystacalis* (Figura 1-84) foi registrada em áreas de contato de floresta e cerrado. Este pequeno anfíbio, de identificação complexa, está sendo alvo de investigações em nível genético por pesquisadores na UNICAMP e diversas novas espécies estão por ser descritas (Strussmann, com. pessoal). A hipótese de que o registro deste táxon se trate de uma espécie ainda não descrita pela ciência não pode ser descartada.

Outras espécies não puderam ter sua identificação confirmada por pertencerem a grupos, também, com sérios problemas taxonômicos (caso de *E. cf. ovalis*, *Chiasmocleis* sp.), ou por estarem representadas, na amostra obtida durante o estudo, por um único exemplar (e.g., *L. cf. chaquensis*, *L. cf. labyrinthicus*, *L. aff. andreae*).

Entre os répteis que não foram identificados até o momento, podemos destacar o lagarto da família Tropiduridae, *Stenocercus* sp. (Figura 1-86, que não se encaixa em nenhuma das espécies descritas até o momento para o gênero, podendo, provavelmente, tratar-se de nova espécie, merecendo maior atenção durante o monitoramento a ser realizado posteriormente).

Outra espécie ainda não identificada é a serpente da família Typhlopidae, *Typhlops* sp. (Figura 1-88). Trata-se de espécie de comportamento fossorial, difícil de ser capturada, exceto ocasionalmente, em armadilhas de queda. Obtivemos exemplares dessa serpente em duas das três localidades amostradas (Regiões 2 e 3).

1.5.3.3 - Espécies Ameaçadas, Exclusivas, Endêmicas, Raras, Cinegéticas e Xerimbabos

Entre as espécies constantes no **Quadro 1-6**, os jacarés *Paleosuchus palpebrosus* (**Figura 1-66**) e *P. trigonatus* e o jabuti *Geochelone denticulata* não constam na lista da IUCN como ameaçados, mas estão classificados como quase ameaçados. Isso significa que tais espécies enfrentam riscos de extinção em médio prazo, seja devido à redução de seus habitats naturais, seja devido aos níveis atuais ou potenciais de exploração.

Há também, entre os anfíbios e répteis listados no **Quadro 1-6**, espécies que constam dos Apêndices II e III da Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Fauna e Flora Silvestre Ameaçada (CITES). Neles estão incluídas, basicamente, “todas as espécies que, embora atualmente não se encontrem necessariamente em perigo de extinção, poderão chegar a esta situação, a menos que o comércio de espécimes de tais espécies esteja sujeito à regulamentação rigorosa a fim de evitar exploração incompatível com sua sobrevivência” (Moura, 1979).

A maior parte das espécies oficialmente consideradas como ameaçadas, presentes no **Quadro 1-6**, estão incluídas no Apêndice II da CITES de modo apenas genérico, isto é, as famílias incluídas como um todo. É o caso das serpentes Boidae, dos Jabutis Testudinidae e dos jacarés da família Alligatoridae.

Os sapos da família Dendrobatidae também constam no Apêndice II da CITES, possivelmente devido à intensa apanha e tráfico ilegal de exemplares, em algumas regiões da América do Sul, para abastecer o mercado de animais de companhia (*pets*) e/ou de peles e subprodutos. Embora sapos dessa família sejam, geralmente, abundantes nos locais onde ocorrem, apenas três indivíduos de *Ameerega cf. picta* (**Figura 1-75**) foram capturados durante toda a campanha de inventários da herpetofauna nas áreas de influência da LT Vilhena-Jauru.

Nenhuma das espécies registradas e/ou obtidas através de dados secundários estão incluídas nas “Lista de Fauna Ameaçada de Extinção” do IBAMA e “Lista da Fauna Silvestre Brasileira Ameaçada de Extinção” do Ministério do Meio Ambiente.

Apesar de não apresentar espécies efetivamente ameaçadas, a lista de anfíbios e répteis apresentada no presente relatório inclui algumas formas consideradas raras, conhecidas a partir de alguns pouco exemplares em coleções, e outras, ainda, as quais não foram possíveis identificar até o nível de espécies.

A presença de espécies endêmicas não pode ser definitivamente assegurada, por faltarem tanto identificações definitivas para algumas das formas registradas nas áreas amostradas, como pela carência de investigações mais completas dos distintos habitats existentes na região. Em alguns casos, essa identificação prescinde de melhores séries de exemplares e/ou de revisão taxonômica e comparações com exemplares em coleções mais representativas da fauna amazônica.

Colostethus, gênero de pequenos sapos de áreas florestadas cuja maior parte das espécies tem distribuições bastante restritas, esteve representado ao longo da área de influência da LT Vilhena-Jauru, por duas espécies, ainda não identificadas, registradas em habitats de floresta estacional, em margens de córregos.

Algumas espécies registradas para a área do empreendimento são de ampla distribuição e suas populações são, geralmente, numerosas, tais como os anfíbios *Dendropsophus minutus*, *Hypsiboas albopunctatus*, *Scinax fuscovarius*, *Trachycephalus venulosus*, *Leptodactylus labyrinthicus* e as serpentes *Liophis reginae* e *Spilotes pullatus*. Outras, entretanto, são mais raras tanto na natureza como em coleções, a exemplo dos lagartos *Enyalius leechii* e *Anolis transversalis*.

O registro do lagarto *Stenocercus roseiventris*, para a Região 1, é o segundo da espécie no Brasil e o primeiro para Rondônia, havendo apenas um registro anterior para a região do rio Purus, no Acre (Nogueira & Rodrigues, 2006). O registro de *Anolis auratus* (Figura 1-68) pode ser considerado como o primeiro para o estado de Mato Grosso. Segundo Ávila-Pires (1995) esta espécie só foi registrada para estados do norte do Brasil, acima do rio Amazonas.

As espécies de serpentes peçonhentas (Viperidae e Elapidae) são alvo de bioprospecção, sendo criadas em cativeiro para produção de peçonha, a qual é comercializada principalmente para a indústria de fármacos. A espécie atualmente mais utilizada para esse fim é a cascavel (*Crotalus durissus*). Poucos criatórios legalizados estão em atividade no Brasil e o mercado de peçonha é direcionado para os países europeus. A cotação do grama da peçonha no mercado exterior já atingiu os US\$ 3 mil, mas, em decorrência de uma brusca queda, hoje gira em torno de US\$ 100 (Bellini, 2005). Devido ao pequeno número de criadouros comerciais, as serpentes peçonhentas são aqui consideradas de pequena importância econômica.

A toxina de alguns anfíbios também têm sido estudada, em busca de compostos medicinais. Estão inclusos nesse grupo as espécies do gênero *Ameerega* e *Phyllomedusa*. Entretanto, sua importância econômica ainda não é significativa.

A caça para a alimentação humana, obtenção de compostos utilizados na medicina popular ou obtenção de couro também gera impacto negativo em algumas espécies da herpetofauna, porém em menores proporções. As principais espécies caçadas são os jacarés, quelônios em geral (jabutis e cágados), as cobras de grande porte (Boidae), os teiús (*Tupinambis* spp.), a rã-pimenta (*Leptodactylus labyrinthicus*) e o caçote (*Leptodactylus chaquensis*). Como produto utilizado na medicina popular cita-se a gordura extraída da sucuri (*Eunectes murinus*) e da jibóia (*Boa constrictor*), utilizada em algumas comunidades tradicionais, mesmo que não haja estudos comprovando sua eficácia.

Algumas espécies da fauna de répteis e anfíbios locais têm sido historicamente utilizadas como xerimbabos (animais de estimação). As mesmas são criadas não só pelas comunidades humanas locais, mas também são alvo do tráfico de animais silvestres, sendo vendidas ilegalmente em feiras livres e lojas de grandes cidades brasileiras ou destinadas para o exterior. As principais espécies traficadas são os jabutis (*Chelonoidea carbonaria* e *C. denticulata*); cobras de grande porte da família Boidae, como a ararambóia (*Corallus caninus*), jibóia (*Boa constrictor*) e jibóia-vermelha (*Epicrates cenchria*); teiús (*Tupinambis* spp.) e pequenos sapos coloridos da família Dendrobatidae (*Ameerega* spp.). A maioria dos exemplares retirados da natureza destina-se à criação doméstica como animais de estimação.



Figura 1-34 - *Leptodactylus* sp. 2
(Região 3/MT).



Figura 1-35 - *Leptodactylus* aff. *andreae*
(Região 1/RO).



Figura 1-36 - *Dendropsophus* aff. *rubicundulus* (Região 1/RO).



Figura 1-37 - *Hypsiboas* *marmoratus* (Região 1/RO).



Figura 1-38 - *Hypsiboas* *punctatus* (Região 1/RO).



Figura 1-39 - *Rhinella* aff. *margaritifera* (Região 1/RO).



Figura 1-40 - *Scinax* aff. *fuscumarginatus* (Região 1/RO)



Figura 1-41 - *Scinax* aff. *nebulosus* (Região 1/RO)



Figura 1-42 - *Dendropsophus* aff. *minutus*
(Região 1/RO).



Figura 1-43 - *Pristimantis* aff. *dundeei*
(Região 1/RO).



Figura 1-44 - *Osteocephalus* sp. (Região 1/RO)



Figura 1-45 - *Hypsiboas albopunctatus*
(Região 1/RO).



Figura 1-46 - *Oxyrhopus melanogenys*
(Região 1/RO).



Figura 1-47 - *Liophis reginae* (Região 1/RO)



Figura 1-48 - *Enyalius leechii*
(Região 1/RO)



Figura 1-49 - *Coleodactylus amazonicus*
(Região 1/RO).



Figura 1-50 - *Colostethus* sp.
(Região 2/MT)



Figura 1-51 - *Dendropsophus nanus*
(Região 2/MT).



Figura 1-52 - *Physalaemus cuvieri*
(Região 2/MT)



Figura 1-53 - *Leptodactylus* sp. 1
(Região 2/MT)



Figura 1-54 - *Pseudopaludicola saltica*
(Região 2/MT)



Figura 1-55 - *Trachycephalus resinifictrix*
(Região 2/MT)



Figura 1-56 - *Elachistocleis* cf. *ovalis*
(Região 2/MT)



Figura 1-57 - *Pristimantis* cf. *dundeei*
(Região 2/MT)



Figura 1-58 - *Leptodactylus rodomystax*
(Região 2/MT)



Figura 1-59 - *Leptodactylus labyrinthicus*
(Região 2/MT)



Figura 1-60 - *Leptodactylus* sp. 2
(Região 2/MT)



Figura 1-61 - *Leptodactylus chaquensis*
(Região 2/MT)



Figura 1-62 - *Scinax* cf. *fuscovarius* (Região 2/MT)



Figura 1-63 - *Rhinella marina* (Região 2/MT)



Figura 1-64 - *Bachia dorbignyi*
(Região 2/MT)



Figura 1-65 - *Bachia bresslaui*
(Região 2/MT)



Figura 1-66 - *Paleosuchus palpebrosus*
(Região 2/MT) - Jovem



Figura 1-67 - *Kentropyx calcarata*
(Região 2/MT)



Figura 1-68 - *Anolis auratus* (Região 2/MT)



Figura 1-69 - *Anolis auratus* (Região 2/MT),
detalhe do “papo”.



Figura 1-70 - *Anolis transversalis*
(Região 2/MT) - Fêmea.



Figura 1-71 - *Cercosaura eigenmanni*
(Região 2/MT)



Figura 1-72 - *Leptodactylus* aff. *andreae*
(Região 3/MT)



Figura 1-73 - *Physalaemus albonotatus*
(Região 3/MT)



Figura 1-74 - *Leptodactylus* cf. *petersii*
(Região 3/MT)



Figura 1-75 - *Ameerega* cf. *picta*
(Região 2/MT)



Figura 1-76 - *Chiasmocleis* sp (Região 3/MT)



Figura 1-77 - *Elachistocleis* cf. *ovalis*
(Região 3/MT)



Figura 1-78 - *Eupemphix nattereri*
(Região 3/MT) - Amplexo



Figura 1-79 - *Pristimantis* sp. (Região 3/MT)



Figura 1-80 - *Leptodactylus fuscus*
(Região 3/MT)



Figura 1-81 - *Phyllomedusa camba*
(Região 3/MT)



Figura 1-82 - *Phyllomedusa hypochondrialis*
(Região 3/MT)



Figura 1-83 - *Phyllomedusa vaillantii*
(Região 3/MT)



Figura 1-84 - *Pseudopaludicola* aff. *mystacalis*
(Região 3/MT)



Figura 1-85 - *Osteocephalus taurinus*
(Região 3/MT)



Figura 1-86 - *Stenocercus* sp (Região 3/MT)



Figura 1-87 - *Micrurus paraensis* (Região 3/MT)



Figura 1-88 - *Typhlops* sp. (Região 3/MT)



Figura 1-89 - *Dendropsophus melanargyreus*
(Região 3MT)



Figura 1-90 - *Trachycephalus venulosus*
(Região 3MT)

1.6 - LEVANTAMENTO DA MASTOFAUNA

1.6.1 - Preliminares

As espécies biológicas são formadas por conjuntos de populações naturais intercruzantes que apresentam estrutura, variação geográfica, variação sazonal e mudam ao longo do tempo, tanto em função de processos naturais como de alteração do ambiente causados pelo homem. Estes processos são ainda mais preocupantes em um país como o Brasil que detém uma das maiores diversidades de mamíferos no mundo, com mais de 530 espécies descritas (e ainda outras a serem descritas). Apesar deste quadro, ainda restam várias regiões amostradas insuficientemente, ou inadequadamente. De acordo com o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente), sessenta e seis espécies estão ameaçadas de extinção, sendo os primatas o grupo em maior risco. Considerando os biomas brasileiros, a Mata Atlântica apresenta o maior percentual de espécies ameaçadas (18%), enquanto o Cerrado tem 12% e a Amazônia tem 7% de seus mamíferos ameaçados de extinção. A perda e a fragmentação do hábitat induzidos pelos seres humanos são consideradas as maiores ameaças aos mamíferos terrestres no Brasil: enquanto os mamíferos de médio e grande porte são caçados, o escasso conhecimento científico - como taxonomia, sistemática, distribuição geográfica e história natural - ameaça os pequenos mamíferos voadores e não voadores (COSTA *et al.*, 2005).

O registro de mamíferos, em especial os de médio e grande porte, em determinada região aponta para a existência e sugere uma manutenção de cadeias tróficas além de outros relacionamentos ecológicos com a biota, assim como reflete um estado de conservação não só em relação ao tamanho da área disponível, mas também à qualidade dos remanescentes florestais mesmo que possam ser fragmentos relictuais. Em virtude da lacuna de conhecimentos taxonômicos e de história natural que caracterizam a fauna dessas regiões, as implicações dessas modificações para a mastofauna nativa permanecem, muitas vezes, desconhecidas.

1.6.2 - Metodologia

1.6.2.1 - Revisão Bibliográfica

A mastofauna dos estados de Mato Grosso e de Rondônia apresenta-se insuficientemente estudada em função de diversos fatores, tais como a grande distância destes estados em relação aos principais centros de pesquisa do país. Embora incipiente, a maior parte dos estudos ocorreram na região central do Mato Grosso (Cerrado), na região norte do Pantanal e na porção norte nos limites com os estados do Amazonas e Pará, já no domínio amazônico. A região oeste destes estados representa uma extensa faixa de transição entre os domínios da Amazônia e do Cerrado e tem sido pouco amostrada. Apresenta-se abaixo um histórico dos estudos previamente realizados nesta região:

1789 - 1791: A Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira parte de Cuiabá passando por localidades ao longo dos rios Madeira, Guaporé e Jauru.

1824 - 1830: O naturalista Johann Natterer percorre o estado do Mato Grosso colecionando material botânico e zoológico. Os mamíferos coletados durante essa expedição foram descritos por Andreas Wagner em trabalhos publicados entre os anos de 1845 e 1847.

1882 - 1886: H. Smith faz uma viagem do Rio de Janeiro a Cuiabá subindo o Rio Paraguai, o material coletado por este naturalista foi enviado para o American Museum of Natural History. COPE (1889) lista as espécies de mamíferos capturadas nessa expedição.

1913 - 1914 (Comissão Rondon ou Roosevelt-Rondon Expedition): A equipe chefiada pelo Marechal Rondon e pelo Coronel do Exército americano Theodore Roosevelt realizou uma expedição por diversas localidades do então Estado do Mato Grosso, hoje incluídas nos Estados do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Rondônia. Parte do material mastozoológico coletado durante essa expedição encontra-se depositado no Brasil (Museu Nacional e Museu de Zoologia da USP) e

nos Estados Unidos (American Museum). Pelo menos quatro artigos foram produzidos com a listagem dos mamíferos colecionados por essa expedição: Miranda-Ribeiro (1914), Miller (1915) e Allen (1916, 1916a).

1980 - 1985: Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico financia a coleta de dados necessários para avaliar o impacto ambiental decorrente das atividades econômicas (agropecuárias e industriais) do Programa **POLONOROESTE**. Parte do material coletado durante este estudo foi depositado nas coleções do Museu Nacional (MN), Museu de Zoologia da USP (MZUSP) e Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).

1999 - 2002: Inventariamento da mastofauna da Reserva Particular do Patrimônio Natural SESC/Pantanal, localizada no município de Barão de Melgaço. Este estudo foi desenvolvido com a participação de uma equipe do setor de Mastozoologia do Museu Nacional/UFRJ, onde está tombado o material colecionado durante esse período. Listagens dos mamíferos dessa unidade de conservação foram publicadas por Oliveira *et al* (2002), Escarlata-Tavares & Pessoa (2005) e Trolle & Kéry (2005).

2002 - 2004: Estudos de inventariamento voltados para diferentes grupos de mamíferos foram realizados na Estação Ecológica Serra das Araras, Porto Estrela. Os dados levantados para cada grupo foram separadamente publicados: quirópteros (Gonçalves & Gregorin, 2004), mamíferos de médio e grande porte (Santos-Filho & Silva, 2002), pequenos mamíferos (Carmignotto, 2004).

2002 - 2004: Estudo realizado na Microbacia dos Rios Jauru e Cabaçal. A fase de campo deste estudo estendeu-se de novembro de 2002 a agosto de 2004 com um esforço de captura de 33800 armadilhas-noite. A listagem das espécies foi publicada por Santos-Filho *et al.* (2006) e Santos-Filho *et al.* (2007).

2007: Levantamento de dados secundários realizado em junho de 2007, incluindo levantamentos de dados publicados, busca ativa por pegadas, animais atropelados, e entrevistas com moradores locais feito durante a elaboração do Diagnóstico do Meio Biótico do EA da LT 230 kV Vilhena-Jauru.

1.6.2.2 - Regiões de Amostragem

Durante o Levantamento da mastofauna através de dados primários foram abrangidas as três regiões de amostragem descritas previamente, visando estudar os diferentes habitats e fitofisionomias existentes na área de influência do empreendimento (Apêndice 2).

1.6.2.2.1 - Região 1

Na Região de amostragem 1 foram definidos, no total, 2 transectos para amostragem de pequenos mamíferos não voadores (Quadro 1-7) e nove sítios para amostragem de quirópteros e mamíferos de médio e grande porte (Quadro 1-8) (Apêndice 3). A Figura 1-91 apresenta diferentes aspectos dessa região de amostragem. Esta região foi amostrada entre os dias 30 de novembro e 04 de dezembro.

Quadro 1-7 - Descrição e localização dos transectos realizados para amostragem de pequenos mamíferos não voadores (armadilhas dos tipos shermann e tomahawk) e vestígios de mamíferos de médio de grande porte nas três Regiões de Amostragem durante o Levantamento da Mastofauna na área de influência da LT Vilhena-Jauru.

Região	Transecto	Direcionamento (azimute)	Ponto inicial		Ponto Final		Fitofisionomia
			S	W	S	W	
Região 1	A	40° / 220°	12,71621°	60,25000°	12,71340°	60,24933°	FES
Região 1	B	40° / 220°	12,71506°	60,25199°	12,71833°	60,25330°	FES
Região 2	A	90° / 270°	14,18731°	59,46759°	14,18827°	59,47035°	MG
Região 2	B	90° / 270°	14,18736°	59,46957°	14,18629°	59,46663°	MG
Região 3	A	140° / 320°	12,71621°	60,25000°	12,71340°	60,24933°	SF
Região 3	B	140° / 320°	12,71506°	60,25199°	12,71833°	60,25330°	SF

Fitofisionomia: SF - Savana Florestada; MG - Mata de Galeria; FES - Floresta Estacional Semidecidual.

Quadro 1-8 - Descrição e localização dos sítios de amostragem de quirópteros (pequenos mamíferos voadores) e mamíferos de médio e grande porte na Região de Amostragem 1 durante o Levantamento da Mastofauna na área de influência da LT Vilhena-Jauru.

Sítio	Método de amostragem	Grupo amostrado	Localização		Fitofisionomia
			S	W	
1	Rede de neblina	Pequenos mamíferos voadores	12,71506°	60,24920°	FES
2	Rede de neblina	Pequenos mamíferos voadores	12,71530°	60,24925°	FES
3	Rede de neblina	Pequenos mamíferos voadores	12,71453°	60,24960°	FES
4	Rede de neblina	Pequenos mamíferos voadores	12,71588°	60,24906°	FES
5	Armadilha fotográfica	Mamíferos de médio e grande porte	12,49466°	60,45429°	FES
6	Armadilha fotográfica	Mamíferos de médio e grande porte	12,71773°	60,25308°	FES

Sítio	Método de amostragem	Grupo amostrado	Localização		Fitofisionomia
			S	W	
7	Armadilha fotográfica	Mamíferos de médio e grande porte	12,51477°	60,46697°	FES
8	Armadilha de pegadas	Mamíferos de médio e grande porte	14,18722°	59,46806°	FES
9	Armadilha de pegadas	Mamíferos de médio e grande porte	14,18727°	59,46770°	FES

Fitofisionomia: FES - Floresta Estacional Semidecidual.



Figura 1-91 - Região 1 - Município de Vilhena - RO. Vistas parciais da área amostrada.

1.6.2.2.2 - Região 2

Na Região de amostragem 2 foram definidos, no total, 2 transectos (Quadro 1-7) para amostragem de pequenos mamíferos não voadores e busca por vestígios de mamíferos de médio e grande porte e nove sítios para amostragem de quirópteros e mamíferos de médio e grande porte Quadro 1-9 (Apêndice 4). A Figura 1-92 apresenta diferentes aspectos dessa região de amostragem. Esta região foi amostrada entre os dias 24 e 28 de novembro.

Quadro 1-9 - Descrição e localização dos sítios de amostragem de quirópteros (pequenos mamíferos voadores) e mamíferos de médio e grande porte na Região de Amostragem 2 durante o Levantamento da Mastofauna na área de influência da LT Vilhena-Jauru.

Sítio	Método de amostragem	Grupo amostrado	Localização		Fitofisionomia
			S	W	
1	Rede de neblina	Pequenos mamíferos voadores	14,18732°	59,46807°	MG
2	Rede de neblina	Pequenos mamíferos voadores	14,18697°	59,46868°	MG
3	Rede de neblina	Pequenos mamíferos voadores	14,18709°	59,46762°	MG
4	Rede de neblina	Pequenos mamíferos voadores	14,18753°	59,46745°	MG
5	Rede de neblina	Pequenos mamíferos voadores	14,18662°	59,46689°	MG

Sítio	Método de amostragem	Grupo amostrado	Localização		Fitofisionomia
			S	W	
6	Armadilha fotográfica	Mamíferos de médio e grande porte	14,20784°	59,45326°	MG
7	Armadilha fotográfica	Mamíferos de médio e grande porte	14,18732°	59,46807°	MG
8	Armadilha de pegadas	Mamíferos de médio e grande porte	14,18722°	59,46806°	MG
9	Armadilha de pegadas	Mamíferos de médio e grande porte	14,18727°	59,46770°	MG

Fitofisionomia: MG - Mata de Galeria.



Figura 1-92 - Região 2 - Município de Nova Lacerda - MT. Vistas parciais da área amostrada.

1.6.2.2.3 - Região 3

Na Região de amostragem 3 foram definidos, no total, 2 transectos para amostragem de pequenos mamíferos não voadores e busca por vestígios de mamíferos de médio e grande porte (Quadro 1-7), e onze sítios para amostragem de quirópteros e mamíferos de médio e grande porte (Quadro 1-10) (Apêndice 5). A Figura 1-93 apresenta diferentes aspectos dessa região de amostragem. Esta região foi amostrada entre os dias 18 e 22 de novembro.

Quadro 1-10 - Descrição e localização dos sítios de amostragem de quirópteros (pequenos mamíferos voadores) e mamíferos de médio e grande porte na Região de Amostragem 3 durante o Levantamento da Mastofauna na área de influência da LT Vilhena-Jauru.

Sítio	Método de amostragem	Grupo amostrado	Localização		Fitofisionomia
			S	W	
1	Rede de neblina	Pequenos mamíferos voadores	15,04371°	59,01354°	SF
2	Rede de neblina	Pequenos mamíferos voadores	15,04447°	59,01394°	SF

Sítio	Método de amostragem	Grupo amostrado	Localização		Fitofisionomia
			S	W	
3	Rede de neblina	Pequenos mamíferos voadores	15,04457°	59,01511°	SF
4	Rede de neblina	Pequenos mamíferos voadores	15,04613°	59,02567°	SF
5	Rede de neblina	Pequenos mamíferos voadores	15,04669°	59,02523°	SF
6	Rede de neblina	Pequenos mamíferos voadores	15,04317°	59,02378°	SF
7	Armadilha fotográfica	Mamíferos de médio e grande porte	15,04447°	59,01394°	SF
8	Armadilha de pegadas	Mamíferos de médio e grande porte	15,03261°	59,03310°	SF
9	Armadilha de pegadas	Mamíferos de médio e grande porte	15,01103°	59,03552°	SF
10	Armadilha de pegadas	Mamíferos de médio e grande porte	15,04481°	59,02277°	SF
11	Armadilha de pegadas	Mamíferos de médio e grande porte	15,04479°	59,02181°	SF

Fitofisionomia: SF - Savana Florestada.

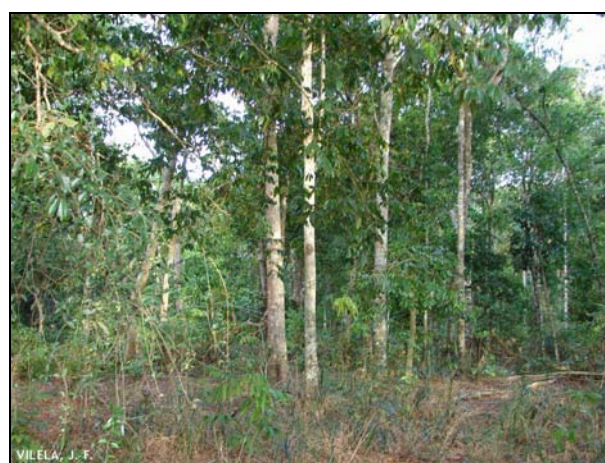


Figura 1-93 - Região 3 - Município de Jauru - MT. Vistas parciais da área amostrada.

1.6.2.3 - Coleta e Análise dos Dados

O presente levantamento de mamíferos na área de influência da LT 230 kV Vilhena-Jauru incluiu o levantamento de mamíferos de pequeno porte não voadores, quirópteros e mamíferos de médio e grande porte. A campanha de campo foi realizada de 16 de novembro a 06 de dezembro de 2007.

As atividades de captura e coleta de exemplares da avifauna, necessárias ao desenvolvimento do presente levantamento, foram autorizadas pela CGFAP/IBAMA através da Autorização nº. 070/2007 - CGFAP, emitida em 05 de novembro de 2007 (**Apêndice 6**).

As metodologias utilizadas para o levantamento de mamíferos foram as mesmas para as três regiões de forma a possibilitar comparação e repetição no monitoramento futuro. O presente levantamento teve o objetivo de identificar as espécies de mamíferos que ocorrem na área, de forma a possibilitar a identificação de impactos potenciais decorrentes da implantação da LT 230 kV Vilhena Jauru. Considerando-se o objetivo de amostrar a maioria das espécies existentes nos ambientes florestais da região, que são aqueles que sofrem maiores riscos de impactos durante a implantação de empreendimentos dessa natureza, buscou-se amostrar a maioria dos ambientes florestais de cada uma das regiões amostradas. Vale ressaltar que dentro do possível buscou-se manter um esforço semelhante nas três regiões de amostragem, entretanto com o objetivo de registrar um maior número de espécies, a padronização do esforço amostral não foi uma das premissas adotadas.

1.6.2.3.1 - Pequenos Mamíferos Não Voadores

Para os pequenos mamíferos não voadores foram utilizados dois modelos de armadilhas para captura de animal vivo, sherman de alumínio (25 cm de comprimento x 9,5 cm de altura x 7,5 cm de largura - **Figura 1-94**), e tomahawk (gaiola de arame galvanizado de 34,5 cm de comprimento x 16,5 cm de altura x 16,5 cm de largura) - **Figura 1-95**). A utilização de armadilhas de modelos e tamanhos diferentes visa evitar a seleção de determinadas espécies devido a seus hábitos e tamanhos específicos. O local de colocação de cada armadilha foi identificado por meio de uma fita de marcação, a qual foi retirado no recolhimento das armadilhas. As trilhas e cada ponto foi identificado seguindo uma numeração crescente. (**Figura 1-96**). As armadilhas foram dispostas em transectos lineares perpendiculares à futura faixa de servidão guardando uma equidistância mínima de 50 metros, garantindo assim a independência amostral. O posicionamento das trilhas foi definido através de mapa da área e com auxílio de uma bússola (**Figura 1-97**).



Figura 1-94 - Armadilha para captura de animal vivo de alumínio (25cm de comprimento x 9,5cm de altura x 7,5cm de largura)



Figura 1-95 - Armadilha para captura de animal vivo de arame galvanizado (34,5cm de comprimento x 16,5cm de altura x 16,5cm de largura).



Figura 1-96 - Identificação do ponto de armadilhagem



Figura 1-97 - Preparação das trilhas de armadilhas: a. abertura da trilha; b. medida entre os pontos de armadilha; c. orientação pelo azimute usando a bússola.

Para cada região de amostragem foram implementados dois transectos (denominados A e B) com 30 pontos de captura, com equidistância média de 15 metros, perfazendo 450 metros de trilha. Em cada ponto foi instalada uma armadilha, totalizando 60 armadilhas por região. Destas, 40 armadilhas eram do tipo sherman e 20 de arame galvanizado.

As armadilhas foram em grande parte posicionadas no solo para explorar a vegetação herbácea, o folhíço e o próprio solo descoberto para amostragem de espécies semi-escansoriais, cursoriais e semi-fossóreas. Algumas armadilhas foram dispostas no estrato arbóreo, entre 1 e 2 metros de altura, em busca da amostragem de espécies arborícolas ou semi-escansoriais.

Cada trilha foi armada durante o dia e suas armadilhas permaneceram no local por quatro noites consecutivas (totalizando um esforço de captura de 240 armadilhas-noite por área) sendo vistoriadas todos os dias pela manhã e tendo sua sensibilidade de fechamento testada e sua isca repostada ou trocada dependendo da ocasião. As iscas foram preparadas com farinha de milho

grossa, sardinha com óleo, banana e paçoca de amendoim. Este tipo de isca mista visa atrair, pelo olfato, pequenos mamíferos de preferências alimentares diversas. No caso de captura, o animal era imediatamente transferido para um saco de contenção de algodão para manuseio, pré-identificação e transporte a base de campo para processamento. Os roedores e marsupiais capturados foram fotografados e então identificados em termos de gênero, sexados, pesados e tiveram as seguintes medidas tomadas: comprimento total (CT); comprimento da cauda (CA); comprimento entre a porção inferior do meato auditivo e a extremidade superior do ouvido externo, medida essa conhecida como orelha interna (OI); comprimento da pata posterior sem considerar a unha, conhecida como pé sem unha (PSU) e comprimento da pata posterior considerando a unha, conhecida como pé com unha (PCU). Até seis indivíduos por espécie por área foram coletados e os demais e todos aqueles de espécies ameaçadas foram soltos no local de captura. As buscas ativas por roedores e marsupiais foram feitas de forma indireta, ao se buscar egagrópilas em ninhos de coruja-buraqueira (*Speotyto cunicularia*) que podem conter restos ósseos destes pequenos mamíferos, que fazem parte do hábito alimentar destas aves de rapina (Figura 1-98).



Figura 1-98 - Busca por vestígios em ninhos de *Speotyto cunicularia*.

A fim de se permitir a identificação taxonômica inequívoca e garantir a documentação científica do levantamento faunístico realizado nas três regiões amostrais os exemplares coletados foram preparados como espécimes testemunho (Moojen, 1943) e depositados na coleção de mamíferos do Museu Nacional/UFRJ (Figura 1-99). A nomenclatura para os pequenos mamíferos segue Musser & Carleton, 2005 com exceção para o caso de novos gêneros de orizominos que baseou-se em Weksler *et al.*, 2006.

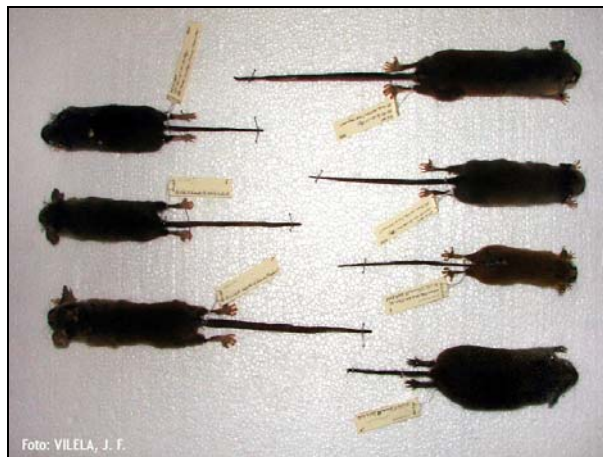


Figura 1-99 - Pequenos mamíferos taxidermizados para serem depositados na Coleção de Mamíferos do Museu Nacional - UFRJ

1.6.2.3.2 - Pequenos Mamíferos Voadores (quirópteros)

Para a captura dos morcegos foram utilizadas redes de neblina armadas no sub-bosque (até 3 metros de altura) ao longo de trilhas previamente abertas em diferentes ambientes além de bordas de mata e clareiras, com exceção de uma rede suspensa que foi montada acima do sub-bosque na área 2, ficando à cerca de 8 metros de altura entre as duas margens de uma estrada de terra vicinal à BR 364. Em termos de posição e orientação, as trilhas foram dispostas com a intenção de amostrar uma maior diversidade de habitat. Foram utilizadas 10 redes, sendo 8 de 12 x 2,5 metros e 2 de 10 x 2,5 metros em cada noite, abertas às 18 horas e fechadas às 24 horas, durante 4 noites por área de amostragem. O esforço amostral foi calculado na forma de rede-horas, sendo que uma rede aberta por uma hora é igual a uma rede-hora. O esforço amostral em cada uma das regiões de amostragem foi de 240 redes-hora, totalizando 720 redes-hora nas 3 áreas de amostragem. O horário de abertura e fechamento das redes só variou nos dias em que choveu. Apesar das redes terem sido montadas durante as fases claras da lua, devido ao fato do tempo permanecer em grande parte dos dias nublado (e chuvoso) esta variável não foi levada em consideração bem como as densidades locais. A vistoria era feita em intervalos de 30

minutos. O número de pontos de redes variou em cada área, pois dependendo do tamanho da clareira ou dimensão da borda da mata, algumas redes eram montadas de forma contínua utilizando-se assim a mesma vara para mais de uma rede (**Figura 1-100**). A identificação dos espécimes no campo foi feita através das chaves taxonômicas de Vizotto & Tadei (1973) para famílias e espécies de quirópteros neotropicais. A nomenclatura das espécies segue Koopman (1994). Os indivíduos capturados tinham a rede e hora de captura anotados imediatamente após serem pré-identificados ainda na rede (**Figura 1-101**). Seguiam-se então os procedimentos de sexagem, pesagem e medição do comprimento do antebraço (An). Outra metodologia aplicada foi a busca ativa com coleta manual utilizando-se puçá. Estas buscas foram feitas em ocós de árvore (**Figura 1-102**) e galpões de fazendas (**Figura 1-103**). Exemplares testemunhos das espécies registradas foram coletados seguindo número máximo de seis indivíduos por espécie por área, fixados em formol (**Figura 1-104**), preservados em álcool 70% e depositados na Coleção de Mamíferos do Museu Nacional - UFRJ no Rio de Janeiro. Os demais exemplares foram soltos no local de captura.



Figura 1-100 - (A) Instalação de redes de neblina e (B) Rede de neblina armada no campo



Figura 1-101 - Animal capturado na rede de neblina.



Figura 1-102 - Busca ativa por quirópteros. Oco de árvores.



Figura 1-103 - Busca ativa por quirópteros. Galpões de fazendas.



Figura 1-104 - Quirópteros sendo preparados para deposição em de meio líquido na Coleção de Mamíferos do Museu Nacional - UFRJ.

1.6.2.3.3 - Mamíferos de Médio e Grande Porte

Para o levantamento de mamíferos de médio e grande porte, foi feita busca ativa pelos mesmos ou indícios de sua presença como pegadas (comparadas e confirmadas com Becker & Dalponte, 1991), fezes, vocalizações, e no caso especial dos felinos, marcas das unhas deixadas em árvores em procedimentos de afiação das mesmas. A nomenclatura utilizada segue Wilson & Reeder (2005). As buscas se deram percorrendo-se as estradas principais (de terra ou asfalto) e vicinais entre a base de campo e a área de interesse em horários diurnos, vespertinos e noturnos diariamente. Nas buscas ativas durante as noites não chuvosas era utilizado um holofote manual de grande potência (1.500.000 velas) por um dos membros da equipe que ficava na caçamba da caminhonete permitindo a observação de grandes distâncias em 360°. Em média eram percorridos 260 km por dia em cada região, totalizando cerca 4.700 km, incluídos os trajetos de deslocamento entre as áreas, que eram encarados também como busca ativa, descontando-se a quilometragem percorrida dentro dos centros urbanos. Além disso, durante as checagens de armadilhas e montagem de redes a busca ativa de indícios era feita a pé. Para complementar os inventários foram instaladas duas armadilhas fotográficas em pontos distintos de cada região (**Figura 1-105**) com exceção para a Região 3 (Jauru), onde apenas uma armadilha fotográfica foi instalada. Foram também preparadas armadilhas de pegadas (caixas de areia de 50 cm x 50 cm - **Figura 1-106**). Como iscas foram colocados pedaços de carne e/ou frutas para atrair os animais. As fezes e pegadas foram fotografadas (estas últimas em grande parte com escala milimetrada) para facilitar a identificação pelo tamanho. O ponto de amostragem de todas as observações foi

marcado com GPS. Foram realizadas, adicionalmente, entrevistas com moradores das três regiões visando extrair informações sobre a fauna local no momento e no passado.



Figura 1-105 - Armadilha fotográfica.



Figura 1-106 - Caixas de areia - armadilhas de pegada 50 cm x 50 cm

1.6.2.3.4 - Animais Encontrados Atropelados

Alguns animais encontrados mortos por atropelamento, de acordo com o seu estado de conservação, foram eviscerados e preservados inteiramente em álcool 70%, ou tiveram apenas sua cabeça (ou crânio) retirados e preservados em álcool 70%. Em última instância apenas amostra de tecido foi coletada. Em todos os casos o animal foi identificado, fotografado e o

ponto georreferenciado foi marcado. Em apenas um caso não houve coleta de material devido ao estado avançado de putrefação do animal sem contar pelo grau de deformação no crânio devido ao impacto do atropelamento.

1.6.2.3.5 - Procedimentos Comuns a Animais Coletados

Dos animais capturados vivos e coletados foi feito o cariótipo (exceto no caso de morte antes dos procedimentos laboratoriais) seguindo o seguinte protocolo:

- 1 - administração de colchicina 10^{-5} M (0,1 mL/g) cerca de 1 a 2 horas antes da eutanásia, após a qual foi realizada a retirada do fêmur (no caso dos roedores e marsupiais) ou do úmero (no caso dos morcegos);
- 2 - lavagem da medula com KCl 0,075 M (10 mL) utilizando uma seringa de 5 mL com agulha, em um copo plástico descartável de 50 mL (**Figura 1-107**) e posterior homogeneização do material;
- 3 - encubação por 15 a 30 minutos em temperatura ambiente;
- 4 - pré-fixação por 1 minuto com Carnoy (3:1 - Metanol:Ácido Acético) e centrifugação manual por 5 minutos;
- 5 - desprezo do sobrenadante, fixação e ressuspensão do material medular com Carnoy;
- 6 - a montagem das lâminas foi realizada no Laboratório de Mastozoologia da UFRJ, e a fotografia das células metafásicas para posterior montagem do cariótipo no Laboratório de Imagem do Instituto de Biologia da UFRJ.

Dos animais coletados (vivos ou mortos), ou ainda dos animais encontrados mortos por atropelamento, foram retiradas pequenas amostras de tecido hepático, muscular ou epitelial e preservados em álcool absoluto.



Figura 1-107 - Procedimentos para obtenção do cariótipo.
(A) administração de colchicina; (B) retirada da medula em KCI

1.6.2.3.6 - Análise dos Dados

Os dados foram organizados em planilhas foram preparadas utilizando-se o programa Microsoft Excel e as curvas do coletor, conhecidas como curvas de acumulação de espécies, que é a forma gráfica de se representar o número de espécies observadas como função de alguma medida de esforço de amostragem requerido para observá-las (Colwell *et al.*, 2004), foi calculada através do programa EstimateS versão 8.0 (Colwell, 2006) utilizando-se as matrizes de abundância para cada espécie observada diretamente nos casos de médios e grandes mamíferos ou capturada no caso de roedores, marsupiais e quirópteros.

Para classificação dos status de conservação das espécies inventariadas foram consultadas as listas oficiais disponibilizadas nos sítios do IBAMA, IUCN e CITES.

1.6.3 - Resultados Discutidos

1.6.3.1 - Mamíferos da Área de Influência

Apresenta a lista de mamíferos registrados na área de influência da LT Vilhena-Jauru durante a realização deste estudo, indicando a família e ordem as quais pertencem cada um dos táxons listados, bem como seus respectivos nomes comuns, fitofisionomia onde foram registrados, o tipo de registro e o status de conservação segundo as listas oficiais do IBAMA, IUCN e CITES. No total, foram registradas na Área de Influência da LT Vilhena-Jauru um total de 43 espécies de mamíferos.

Quadro 1-11 - Espécies de mamíferos registrados na área de influência da LT 230 kV Vilhena-Jauru.

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Fitofisionomia	Tipo de Registro	Status de Conservação IUCN - IBAMA - CITES	Interesse*	Registro em Imagem
Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Didelphis marsupialis</i>	gambá	MG/FES	C	LR/lc - NL - NL	Saúde	-
		<i>Gracilinanus agilis</i>	cuiquinha, catita	FES	EN	LR/nt - NL - NL	-	Figura 1-108
		<i>Marmosa murina</i>	cuíca, marmosa	FES	C	LR/lc - NL - NL	-	Figura 1-109
Xenarthra	Myrmecophagidae	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	tamanduá-bandeira	SF/MG	A/EN	NT - VU - APII	-	Figura 1-110
		<i>Tamandua tetradactyla</i>	tamanduá-mirim	SF/MG	A/EN	LC - NL - NL	Cinegética	Figura 1-111
	Dasypodidae	<i>Euphractus sexcinctus</i>	tatu-peba	SF/MG	OD/EN	LC - NL - NL	Saúde e Cinegética	Figura 1-112
		<i>Priodontes maximus</i>	tatu-canastra	MG	EN	VU - VU - API	Saúde e Cinegética	-
		<i>Dasybus septemcinctus</i>	tatuí	FES	OD	LC - NL - NL	Saúde e Cinegética	Figura 1-113
		<i>Dasybus novemcinctus</i>	tatu-galinha	SF/MG/FES	A/EN	LC - NL - NL	Saúde e Cinegética	-
Primates	Cebidae	<i>Cebus cay</i>	macaco-prego	SF/MG	EN	LC - NL - NL	Saúde	Figura 1-114
		<i>Cebus apella</i>	macaco-prego	FES	OD	LC - NL - NL	Saúde	Figura 1-115
		<i>Cebus sp.</i> (grupo sem tufo)	macaco-prego	FES	OD	LC - NL - NL	Saúde	Figura 1-116
		<i>Saimiri sp.</i>	mico-de-cheiro	FES	OD	LC - VU - API	Saúde	Figura 1-117
		<i>Callithrix sp.</i>	mico-estrela	SF	OI/A/EN	LC - VU - API	Saúde	-
	Pitheciidae	<i>Callicebus gr. moloch</i>	sauá	FES	OD	LC - NL - NL	Saúde	Figura 1-118
	Atelidae	<i>Ateles af. paniscus</i>	macaco-aranha	SF	OD	LC - NL - NL	Saúde	Figura 1-119
		<i>Alouatta sp.</i>	bugio	SF	EN	NT - CR - API	Saúde	-
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Carollia perspicillata</i>	morcego	SF/MG/FES	EN	LR/lc - NL - NL	Saúde	Figura 1-120
		<i>Artibeus cinereus</i>	morcego	FES	C	LR/lc - NL - NL	Saúde	Figura 1-121
		<i>Artibeus obscurus</i>	morcego	MG/FES	C	LR/nt - NL - NL	Saúde	Figura 1-122
		<i>Sturnira lilium</i>	morcego	FES	C	LR/lc - NL - NL	Saúde	Figura 1-123
	Molossidae	<i>Molossus molossus</i>	morcego	FES	C	LR/lc - NL - NL	Saúde	Figura 1-124
Carnivora	Felidae	<i>Leopardus wiedii</i>	jaguatirica	FES	EN	LC - VU - API	-	-
		<i>Leopardus sp.</i>	gato-domato	FES	OI	LC - VU - STI	-	Figura 1-125
		<i>Puma concolor</i>	onça-parda	SF/MG/FES	EN	NT - VU - API	Cinegética	-

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Fitofisionomia	Tipo de Registro	Status de Conservação IUCN - IBAMA - CITES	Interesse*	Registro em Imagem
		<i>Panthera onca</i>	onça-pintada	SF/MG/FES	OI/EN	NT - VU - API	Cinegética	Figura 1-126
	Canidae	<i>Cerdocyon thous</i>	cachorro-do-mato	SF/MG/FES	OD/OI/EN	LC - NL - APII	Saúde	Figura 1-127
		<i>Chrysocyon brachyurus</i>	lobo-guará	MG	OD/OI	NT - VU - APII	-	Figura 1-128
	Mustelidae	<i>Eira barbara</i>	irara	FES	EN	LR/lc - NL - APIII	-	-
	Procyonidae	<i>Nasua nasua</i>	quati	SF/FES	OD/EN	LR/lc - NL - NL	-	Figura 1-129
		<i>Procyon cancrivorus</i>	mão-pelada	SF/MG	OD/OI/EN	LR/lc - NL - NL	-	Figura 1-130
Perissodactyla	Tapiridae	<i>Tapirus terrestris</i>	anta	SF/MG/FES	C	VU - NL - APII	Cinegética	Figura 1-131
Artiodactyla	Tayassuidae	<i>Pecari tajacu</i>	cateto	SF/MG/FES	OI/EN	LR/lc - NL - APII	Cinegética	Figura 1-132
		<i>Tayassu pecari</i>	queixada	MG	EN	LR/lc - NL - APII	Cinegética	-
	Cervidae	<i>Mazama sp.</i>	veado-mateiro	SF/MG	EN	DD - NL - NL	Cinegética	Figura 1-133
		<i>Ozotoceros bezoarticus</i>	veado-campeiro	SF/MG/FES	OI/EN	NT - NL - API	Cinegética	Figura 1-134
Rodentia	Sciuridae	<i>Guerlignetus sp.</i>	esquilo	FES	EN	LR/lc - NL - NL	-	-
	Cricetidae	<i>Hylaeamys megacephalus</i>	rato-domato	FES	C	LR/lc - NL - NL	Saúde	Figura 1-135
		<i>Necronys lasiurus</i>	pixuna	FES	C	LR/lc - NL - NL	Saúde	Figura 1-136
	Caviidae	<i>Galea spixii</i>	preá	SF/MG	EN	LR/lc - NL - NL	Saúde	-
		<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	capivara	SF/MG/FES	OD/OI/EN	LR/lc - NL - NL	Saúde e Cinegética	Figura 1-137
	Cuniculidae	<i>Cuniculus paca</i>	paca	SF/MG/FES	OI/EN	LR/lc - NL - NL	Cinegética	Figura 1-138
	Ctenomyidae	<i>Ctenomys sp.</i>	curoro	SF	EN	LR/lc - NL - NL	-	-

Legendas:

Fitofisionomia: SF - Savana Florestada; MG - Mata de Galeria; FES - Floresta Estacional Semidecidual.

Tipo de registro: C - coleta; OD - observação direta; OI - observação indireta, A - atropelamento, EN - entrevista

Status de Conservação IBAMA: E - endêmico, DD - deficiente de dados, A - ameaçado de extinção (categorias: EX - extinto, EW - Extinto na natureza, CR - criticamente em perigo, EM - em perigo, VU - vulnerável), NL - não listada.

Status de Conservação IUCN - EX=Extinto; EW=Extinto na natureza; CR=Altamente ameaçado; EN=ameaçado; VU=Vulnerável; LR/cd=Baixo Risco dependendo de conservação; NT=Próximo à ameaça (LR/nt = Baixo risco próximo à ameaça); DD=dados deficientes; LC=Baixo conhecimento (LR/lc=Baixo Risco com pouco conhecimento)

Status de Conservação CITES - API= Ameaçado de extinção, APII= Vulnerável, APIII= Baixo Risco dependendo de conservação, NL= Não listado

*Fonte: Rey, L. Parasitologia Médica 3ªed. 2001. Coura, J.R. Dinâmica das Doenças Infeciosas e Parasitárias 1ªed. 2005.

Em termos de pequenos mamíferos voadores a espécie mais abundante durante a realização do estudo foi *Carollia perspicillata*, estando presente em todas as regiões amostradas. Considerando as três áreas esta, espécie foi responsável por 71,9% dos registros de quirópteros seguido de *Artibeus cinereus* com 12,5% que só ocorreu na área 1; *Artibeus obscurus* com 9,4% que o ocorreu nas áreas 2 e 3 e *Sturnira lilium* e *Molossus molossus* ambas com 3,1% só ocorrendo na área 1. Em relação aos pequenos mamíferos não voadores, a espécie mais representativa neste estudo

foi do marsupial *Marmosa murina* com 57,1% dos registros, seguida pelo marsupial *Gracilinanus agilis*, e pelos roedores *Necromys lasiurus* e *Hylaeamys megacephalus* cada uma representando 14,3% do sucesso. Vale ressaltar que só houve captura de pequenos mamíferos não voadores na área 1. O sucesso total de captura foi de 0,97% e o da área 1 (única área com captura nas armadilhas) foi de 2,92%.

As curvas do coletor para cada grupo amostrado (pequenos não voadores, quirópteros e médios e grandes) são representadas no Gráfico 1-19 e no Gráfico 1-20.

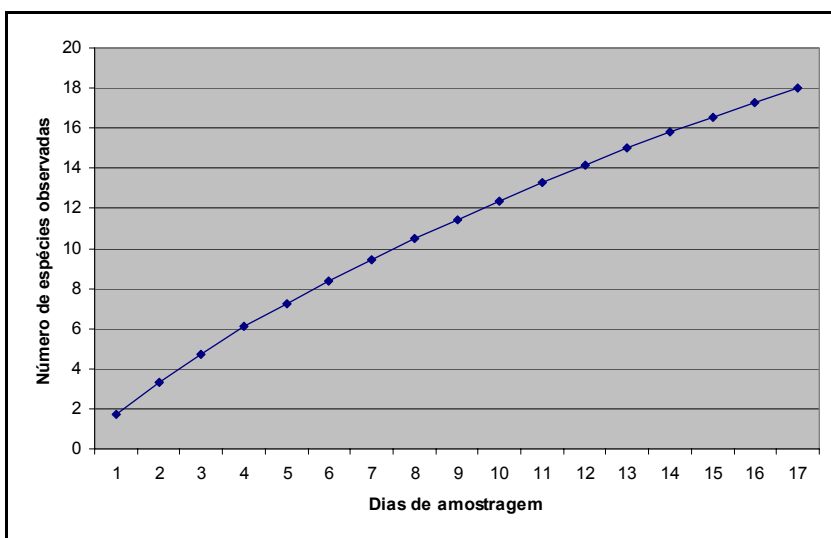


Gráfico 1-19 - Curva do coletor calculada a partir dos dados de abundância das espécies observadas vivas ou atropeladas de médios e grandes mamíferos nas três regiões amostradas na área de influência da LT 230 kV Vilhena-Jauru.

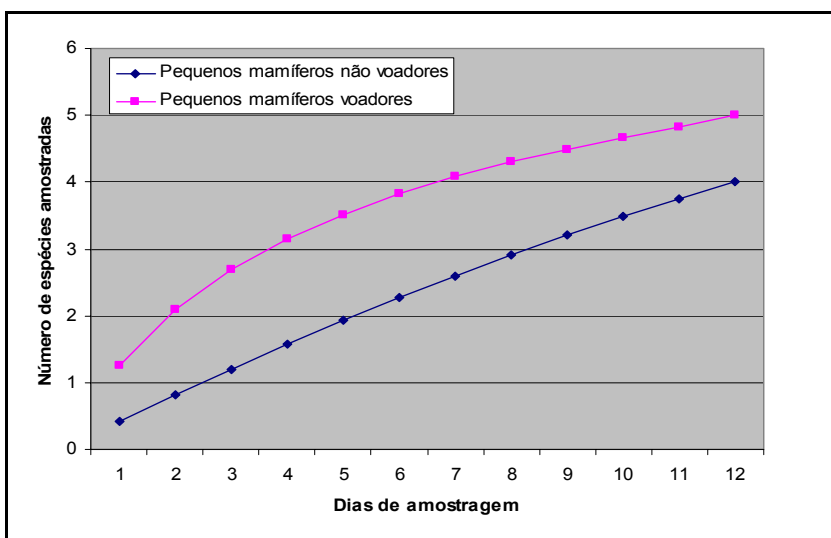


Gráfico 1-20 - Curvas do coletor calculadas a partir dos dados de abundância das espécies capturadas de pequenos mamíferos voadores

e não voadores (roedores, marsupiais e morcegos) nas três regiões amostradas na área de influência da LT 230 kV Vilhena-Jauru.

No levantamento prévio realizado através de dados secundários (pesquisas bibliográficas, registros visuais, de vocalização e de pegadas) na área de influência da LT Vilhena-Jauru (Ecology, 2007) foi identificado um total de 54 espécies de mamíferos, distribuídas em 10 ordens e 17 famílias. A ordem Rodentia apresentou a maior diversidade com 18 espécies registradas seguida pelas ordens Didelphimorphia (treze), Carnivora (nove), Cingulata (quatro) e Artiodactyla (três), Pilosa e Primates com duas espécies cada, e finalmente, Chiroptera, Perissodactyla e Lagomorpha com uma espécie. As famílias de roedores e marsupiais, que abrigam a fauna de pequenos mamíferos, foram as mais diversificadas com treze espécies cada uma.

Nosso estudo confirma a riqueza faunística da região, destacando-se o melhor conhecimento sobre a ordem Chiroptera e Primata, com 5 e 8 espécies, respectivamente. Dentre as três áreas amostradas, a região 1 foi a que apresentou maior riqueza de espécies (n=22) e o maior número de capturas de pequenos mamíferos (voadores ou não). Essa área parece sofrer maior pressão antrópica, tornando-a mais heterogênea quanto a sua paisagem, o que pode explicar a sua alta diversidade. Porém vale ressaltar que esta heterogeneidade de habitat pode favorecer, a curto prazo, a existência desta elevada diversidade local, porém os efeitos reais desta paisagem hiperdinâmica sobre a fauna só poderão ser medidos a longo prazo, com o estabelecimento das relações ecológicas. Além disso, a maior atividade humana nesta região (caça, exploração por recursos naturais, fragmentos de mata de tamanho cada vez menor) pode restringir a ocorrência de animais de médio e grande porte e favorecer as populações de pequenos mamíferos, por diminuir os efeitos controladores sobre as mesmas como predação e disponibilidade de recursos.

Esses efeitos podem ser diagnosticados quando analisamos as regiões 2 e 3, onde registraram-se 22 espécies de mamíferos igualmente. Nestas áreas localizadas no topo do planalto, o número de registros de mamíferos de médio e grande porte foi maior, possivelmente por sofrerem menor ação antrópica. Essa condição pode fazer delas refúgios para estas espécies.

Carollia perspicillata, a espécie mais abundante durante a realização do estudo, é comum nos ambientes naturais e rurais, e pouco freqüente nos ambientes urbanos, pois demonstra certa preferência pelos frutos de diversas espécies de *Piper* sp. (família Piperaceae), que são freqüentemente encontradas em áreas de crescimento secundário. Espécies de *Piper* sp. não são utilizadas em arborização urbana, restringindo a oferta de alimento à *C. perspicillata* nas cidades. A estruturação das comunidades de morcegos aqui encontradas, com maior riqueza na região 1 (n=5) e menor nas 2 (n=2) e 3 (n=1) era de se esperar. Segundo Gorresen & Willig (2003)

ambientes mais perturbados com a presença de remanescentes florestais com algum grau de perturbação parecem favorecer a ocorrência de um maior número de espécies, enquanto que em ambientes mais preservados a equidade e o menor número de espécies parece prevalecer.

Artibeus cinereus no Brasil só não foi registrada para a região sul. Alimenta-se de uma variedade de pequenos frutos, atuando como dispersora de sementes com “mata-paus” e outras figueiras (*Ficus* spp.). Esta espécie forma pequenos grupos que utilizam a vegetação como abrigo, incluindo modificação de folhas em tendas (Simmons & Voss 1998). Habita áreas de mata primária, fragmentos florestais, matas ripárias e cerrado (Zortéa 2007). *Artibeus obscurus*, encontrado em todas as macro-regiões do Brasil com ocorrência para 18 estados (Tavares *et al.*, no prelo), possui hábitos frugívoros e parece estar bem associado com florestas primárias e ambientes úmidos, embora haja registros para áreas urbanas de pequenos vilarejos costeiros do sudeste brasileiro (ZORTÉA 2007) e também para a Caatinga (MARES *et al.* 1981). Abriga-se sob folhagem e em saliências de cascas de troncos não totalmente desprendidas (SIMMONS & VOSS 1998). *Sturnira lilium* distribuída por todo território brasileiro com hábito predominantemente frugívoro (VIEIRA & CARVALHO-OKANO 1996) parece bem adaptada a modificações de hábitat sendo encontrada em ambientes alterados em toda sua distribuição incluindo fragmentos de florestas, campos e áreas desmatadas em estágio sucessional (BROSSET & CHARLES-DOMINIQUE 1990). Seus abrigos incluem grutas, edificações humanas, folhagem e ocos de árvores (GANNON *et al.* 1989, EVELYN & STILES 2003). *Molossus molossus* é amplamente distribuída, estando presente em praticamente todo o Brasil, pode ser encontrado também em áreas urbanas ocupando forros de residências ou outras construções ou áreas não urbanizadas ocupando ocos de árvores.

As espécies de roedores capturados, *Necromys lasiurus* e *Hylaeamys megacephalus*, são habitat generalistas, sendo que a primeira é cursorial e a segunda semi-escansorial. *N. lasiurus* é uma espécie que geralmente ocorre em altas densidades (Vieira *et al.*, 2005). Entre os marsupiais capturados, *Gracilinanus agilis* encontra-se geralmente associado a formações florestais típicas do bioma Cerrado (vê-se que a região 1 trata-se de uma zona de transição) e matas de galerias e florestas de encostas (Mares *et al.* 1986; Alho *et al.* 1986). Este marsupial explora primariamente o extrato arbóreo, sendo que 82% (n=192) das capturas realizadas por Nitikman & Mares (1987) foram obtidas neste estrato (até 3m acima do solo). A outra espécie de marsupial *Marmosa murina* é habitante de florestas primárias e secundárias (Emmons & Feer 1997) e é mais frequentemente capturada nos estratos arbustivo ou arbóreo (Voss *et al.* 2001) apesar de neste levantamento ter sido capturada apenas em armadilhas dispostas ao chão.

Comparando-se com o levantamento prévio de dados secundários, a fauna de pequenos mamíferos não-voadores identificada a partir dos dados primários coletados no presente levantamento (um total de 6 espécies de roedores e marsupiais) parece subestimar o real status da região. Vale ressaltar que o presente estudo enfocou a amostragem em áreas florestais, que são as potencialmente mais impactadas pela implantação de linhas de transmissão, deixando de realizar capturas em regiões de influência agrícola, o que poderia ter aumentado o número de espécies amostradas. Além disso o presente levantamento configura o primeiro levantamento de dados primários na área e é possível que com a implementação do programa de Monitoramento da fauna ocorra um aumento do número de espécies amostradas.

1.6.3.2 - Espécies ameaçadas, cinegéticas e xerimbabos

Das espécies de mamíferos registradas na área de estudo, 37% estão sob algum tipo de ameaça segundo as listas consultadas (IBAMA, IUCN e CITES). Todas essas são mamíferos de médio e grande porte, principalmente carnívoros e primatas. Para as demais ordens, principalmente as de pequenos mamíferos, ainda existe uma grande lacuna de conhecimento a ser preenchida. Entre as áreas estudadas não houve diferença quanto a número de espécies com algum tipo de ameaça que elas albergam (em média 10 espécies por região). Isto está especialmente relacionado ao tipo de amostragem realizada, onde foram avaliados os fragmentos florestais com melhores condições de conservação. Além disso, a maioria das espécies ameaçadas identificadas representam mamíferos de médio e grande porte, que possuem grandes áreas de vida, movendo-se por grandes áreas.

Algumas espécies da fauna silvestre do Brasil sofrem pressão de caça por parte da população local. Dez das espécies registradas na área de estudo apresentam potencial de caça: *Dasybus novemcinctus*, *Priodontes maximus*, *Hydrochoerus hydrochaeris*, *Cuniculus paca*, *Tapirus terrestris*, *Tayassu pecari*, *Pecari tajacu*, *Chrysocyon brachyurus*, *Panthera onca* e *Puma concolor*. As sete primeiras espécies são caçadas, principalmente, como fonte de proteína animal (carne) ao passo que os carnívoros lobo-guará, onça-pintada e onça-parda são mortos por servirem de ameaça aos animais domésticos causando prejuízos econômicos aos proprietários rurais.



Figura 1-108 - *Gracilinanus agilis*



Figura 1-109 - *Marmosa murina*



Figura 1-110 - *Myrmecophaga tridactyla*. Animal encontrado atropelado.



Figura 1-111 - *Tamandua tetradactyla*. a. animal encontrado atropelado; b. pegada registrada, note marcas da pata anterior e posterior.



Figura 1-112 - *Euphractus sexcinctus*. Animal encontrado atropelado.



Figura 1-113 - *Dasypus septemcinctus*.

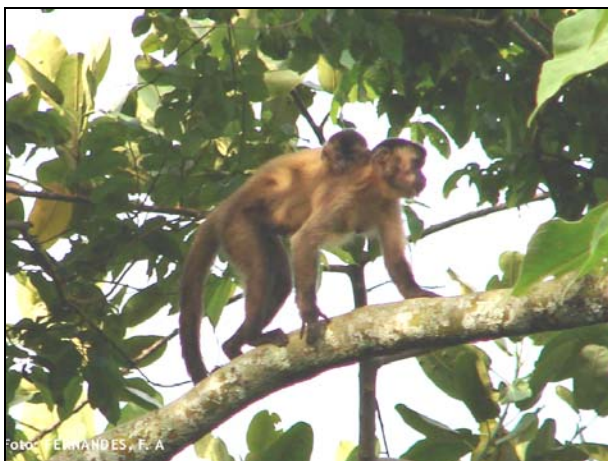


Figura 1-114 - *Cebus cay*.



Figura 1-115 - *Cebus apella*



Figura 1-116 - *Cebus* sp. (grupo sem tufo).



Figura 1-117 - *Saimiri* sp.



Figura 1-118 - *Callicebus* gr. *moloch*.



Figura 1-119 - *Ateles* af. *paniscus*



Figura 1-120 - *Carollia perspicillata*.



Figura 1-121 - *Artibeus cinereus*.



Figura 1-122 - *Artibeus obscurus*.



Figura 1-123 - *Sturnira lilium*.



Figura 1-124 - *Molossus molossus*.



Figura 1-125 - *Leopardus* sp. Afio da unha.



Figura 1-126 - *Panthera onca*



Figura 1-127 - *Cerdocyon thous*. a. animal encontrado atropelado; b. pegada.



Figura 1-128 - *Chrysocyon brachyurus*. (A). animal avistado; (B) pegada.



Figura 1-129 - Pegada de *Nasua nasua*.



Figura 1-130 - *Procyon cancrivorus* encontrado atropelado



Figura 1-131 - *Tapirus terrestris*. (A) animal encontrado atropelado; (B) pegada



Figura 1-132 - Vestígios de *Pecari tajacu* (A). Área chafurdada; (B) Pegadas.



Figura 1-133 - Pegadas de *Mazama* sp.



Figura 1-134 - Pegadas de *Ozotoceros bezoarticus*.
(A) Área de saltos; (B) Pegada.



Figura 1-135 - *Hylaeamys megacephalus*.



Figura 1-136 - *Necronys lasiurus*.



Figura 1-137 - *Hydrochoerus hydrochaeris*.
(A). Animal encontrado atropelado (B) Animal avistado na área



Figura 1-138 - *Cuniculus paca* registrado através de armadilha fotográfica.

1.7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora inserida em um pólo agropecuário a área de estudo abrange uma diversidade de ambientes relativamente bem preservados. A heterogeneidade da área aliada à manutenção de uma ocorrência de grandes fragmentos de vegetação preservada pode permitir a manutenção de populações de diversas espécies. O registro de animais de grande porte como capivara, cateto e anta possivelmente em alta densidade populacional, demonstram a conservação relativamente boa do ambiente nas áreas de influência e sua capacidade de manter populações de médios e grandes mamíferos bem como de seus predadores naturais (onça-pintada e onça-parda).

De forma geral, a região de amostragem 1 foi aquela que apresentou áreas mais degradadas, com mais número de perturbações antrópicas o que afetou a diversidade de espécies registradas nessa área. As Regiões de amostragem 2 e 3 estão localizadas em áreas menos afetadas pelas atividades humanas no que tange a exploração de madeira e atividades de caça dentro dos fragmentos florestais.

No total o presente Diagnóstico da Fauna, realizado a partir de dados primários foram registradas 229 espécies de aves, 159 de répteis e anfíbios e 43 de mamíferos na área de influência da LT 230 kV Vilhena-Jauru.

Dentre essas espécies, apenas 16 constam da Lista de Espécies Ameaçadas do IBAMA, 10 constam na lista da IUCN e 33 constam dos apêndices da CITES.

Algumas das espécies registradas apresentam forte dependência de ambientes florestais, que são aqueles que podem sofrer os principais impactos decorrentes da implantação da Linha de Transmissão, especialmente devido a perda de habitat, a fragmentação e ao efeito de borda. Entretanto, as características da paisagem na região, que encontra-se bastante fragmentada devido ao uso agrícola e para pastagem faz com que as espécies ali existentes já estejam, de certa forma adaptadas ao processo de fragmentação que é comum em diversas partes do país. Por outro lado as medidas tomadas atualmente durante a construção de linhas de transmissão já minimizam a perda de habitats e a fragmentação da paisagem, o que diminui os impactos potenciais para as espécies da fauna.

Apesar de a construção e operação da LT Vilhena-Jauru poder causar algumas modificações ambientais e nas espécies da fauna, os impactos poderão ser minimizados com ações que podem ser previstas e implementadas de forma simples, tais como o direcionamento das atividades de supressão de vegetação de forma a facilitar a fuga dos animais, evitando seu isolamento em pequenos fragmentos, a implementação de atividades que minimizem os riscos de acidentes com a fauna, as atividades de informação e educação de funcionários e moradores do entorno e as atividades de monitoramento da fauna. Tais atividades estão previstas nos Programas de Comunicação Social e de Prevenção a Acidentes com a Fauna (apresentados previamente) e no Programa de Monitoramento da fauna, apresentado no final do presente documento.

1.8 - REFERÊNCIAS

1.8.1 - Referências Avifauna

ALLEN, J.A. 1891. On a collection of birds from Chapada, Mato Grosso, Brasil, made by Mr. Herbert H. Smith. Part I. Oscines. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 3: 337-380.

ALLEN, J.A. 1892. Part II. Tyrannidae. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 4(1): 331-350.

ALLEN, J.A. 1893. Part III. Pipridae to Rheidae. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 5(10): 107-158.

CBRO - Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. 2006. *Lista das aves do Brasil*. Versão julho/2006. Disponível em: <<http://www.cbro.org.br>>. Acesso em: 30 jul. 2006.

CRACRAFT, J. 1985. Historical biogeography and patterns of differentiation within the South American Avifauna: Areas of Endemism. p. 49-84. In Buckley *et al.* (eds) *Neotropical Ornithology*. Ornithol. Monogr. n. 36.

- ERIZE, R.; MATA, J.R.R.; RUMBOLL, M. 2006. *Birds of South America Non-Passerines: Rheas to Woodpeckers*. Princeton University Press, Princeton.
- FERGUSON-LEES, J.; CHRISTIE, D.A. 2005. *Raptors of the world*. Princeton University Press, Princeton.
- HAFER, J. 1985. Avian zoogeography of neotropical lowlands. *Ornith. Monogr.* 36: 113-46.
- IBAMA 2003. Lista de espécies ameaçadas. Disponível em: www.ibama.gov.br.
- IUCN 2006. *IUCN Red List of Threatened Species*. In: www.iucnredlist.org. Acessado em 05 Junho de 2007.
- MEYER DE SCHAUENSEE, R. 1982. *A guide to the birds of South America*. Livingston, Wynnewood, Pennsylvania.
- NAUMBURG, E.M.B. 1930. The birds of Mato Grosso, Brazil. *Bull Am. Mus. Nat. Hist.*, 60: 1-432.
- PELZELN, A.V. 1868-71. *Zur Ornithologie Brasiliens. Resultate von Johann Natterers Reisen in der Jahren 1817 bis 1835*. Vienna, A. Pichler's Witwe und Sohn.
- RIBEIRO, B.; VERÍSSIMO, A.; PEREIRA, K. 2005. O Avanço do Desmatamento sobre as Áreas Protegidas em Rondônia. p. 1-4. In *Imazon. O Estado da Amazonia*. (disponível em www.imazon.org.br).
- RIDGELY, R.S. & TUDOR, G. 1989. *The birds of South America. Vol I*, Oxford Univ. Press, Tokyo.
- RIDGELY, R.S. & TUDOR, G. 1994. *The birds of South America. Vol II*, Univ. of Texas Press, Austin.
- SICK, H. 1997. *Ornitologia brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.
- SILVA, J.M.C. 1995a. Biogeographic analysis of the South American Cerrado avifauna. *Steentrupia* 21: 49-67.
- SILVA, J.M.C. 1995b. Birds of the Cerrado Region, South America. *Steentrupia* 21: 69-92.
- SILVA, J.M.C. 1996. Distribution of Amazonian and Atlantic Birds in the Gallery Forests of the Cerrado Region, South America. *Ornitologia Neotropical*, 7 (1):1-18.
- SILVEIRA, L. F. & D'HORTA, F.M. 2002. A Avifauna da região de Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso. *Papéis Avulsos de Zool.*, 42(10): 265-286.

STOTZ, D.F.; LANYON, S.M.; SCHULENBERG, T.S.; WILLARD, D.E.; PETERSON, A.T.; FITZPATRICK, J.W. 1997. An avifaunal survey of two tropical forest localities on the middle Rio Jiparaná, Rondônia, Brazil. FPAGE 763-781 in *Studies in Neotropical ornithology honoring Ted Parker*. (J. V. Remsen, Jr., Ed.). Ornithological Monographs No. 48.

STOTZ, S.F.; FITZPATRICK, J.W.; PARKER, T.A.III; MOSKOVITZ, D.K. 1996. *Neotropical birds: ecology and conservation*. University of Chicago Press, Chicago.

WILLIS, E.O. & ONIKI, Y. 1990. Levantamento preliminar das aves de inverno em dez áreas do sudoeste do Mato Grosso, Brasil. *Ararajuba*, 1:19-38.

1.8.2 - Referências Herpetofauna

ALHO, C. J. R.; STRÜSSMANN, C.; VASCONCELLOS, L. A. S. 2001. Indicadores da magnitude da diversidade e abundância de vertebrados silvestres do Pantanal num mosaico de habitats sazonais. In: III SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 2000, Corumbá. *Anais*. Corumbá: EMBRAPA Pantanal (CD-ROM).

ÁVILA-PIRES, T. C. S. 1995. Lizards of brasilian Amazônia (Reptilia: Squamata). *Zoologische Verhandelingen*, Leiden, n.299.

BELLINI, N. 2005. Veneno valioso. *Revista Problemas Brasileiros*, 271. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas_sesc/pb>.

CALLEFFO, M.E.V. 2002. Anfíbios. P. 45-74 in: AURICCHIO, P. & SALOMÃO, M.G. (Org.). Técnicas de coleta e preparação de vertebrados para fins científicos e didáticos. São Paulo, Arujá, Instituto Pau Brasil de História Natural. 350 pp.

CUNHA, O. R. & NASCIMENTO, F. P. 1978. Ofídios da Amazônia. X. As cobras da região Leste do Pará. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi* 31, 1–218.

ELETOBRÁS. VASCONCELOS, L. E. M. (coord.). 1999. **O tratamento do impacto das hidrelétricas sobre a fauna terrestre**. CENTRAIS ELÉTRICAS BRASILEIRA S.A.: Rio de Janeiro.

ELETOBRAS. 1993. **Plano Diretor do Meio Ambiente do Setor Elétrico**. Vol. I. Centrais Elétricas Brasileira. Ministério da Infraestrutura. Secretaria Nacional De Energia Elétrica.

FRANCO, F. L. *In*: AURICCHIO, P.; SALOÃO, M. G. 2002. **Técnicas de coleta e preparação de vertebrados para fins científicos e didáticos**. Arujá: Instituto de Pau Brasil de História Natural.

FRANCO, F. L. & SALOMÃO, M. G. 2002. Répteis. Coleta e preparação de répteis para coleções científicas: considerações iniciais. *In*: P. AURICCHIO & M. G. SALOMÃO (Eds.). **Técnicas de coleta e preparação de vertebrados para fins científicos e didáticos**. São Paulo. Instituto Pau Brasil de História Natural, 350 p.

HAMMER, Ø., HARPER, D.A.T., and P. D. RYAN, 2001. PAST: **Paleontological Statistics Software Package for Education and Data Analysis**. *Palaeontologia Electronica* 4(1): 9pp. http://palaeo-electronica.org/2001_1/past/issue1_01.htm.

MAGURRAN, A. E. **Measuring biological diversity**. Oxford: Blackwell Science, 2004, 256pp.

MARTINS, M. & OLIVEIRA, M.E. 1998. Natural History of snakes in forests of the Manaus region, Central Amazonia, Brazil. **Herpetological Natural History**, 6(2), 78-150.

MMA - MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE 2002. Biodiversidade Brasileira: avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade nos biomas brasileiros. Amazônia Brasileira: répteis e anfíbios. Pp. 34-39.

MORIARTY, J. J. (ed.); LIPS, K. R.; REASER, J. K.; YOUNG, B. E.; IBÁÑEZ, R. Amphibian monitoring in Latin America: a protocol manual / Monitoreo de anfíbios en América Latina: manual de protocolos. **Herpetological Circular**, Salt Lake City, n. 30, p. xi+1-115, 2001.

MOURA, V. 1979. **Natureza violentada: fauna e flora agredidas**. Porto Alegre, Agropecuária. 240 pp., il.

NOGUERA, C. & RODRIGUES, M. T. 2006. The genus *stenocercus* (Squamata :Tropiduridae) in Extra-Amazonian Brazil, with the description of two new species. **South American Journal of Herpetology**. 1(3):149-165.

SAWAYA, R. J. 2004. **História natural e ecologia das serpentes de Cerrado da região de Itirapina, SP**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

SEPLAN, Secretaria do Estado de Planejamento e Coordenação Geral. 2002 "2000". **Zoneamento Sócio-Ecnômico-Ecológico do Estado de Mato Grosso: diagnóstico sócio-econômico-ecológico e assistência técnica na formulação da 2º aproximação**. Projeto de Desenvolvimento Agroambiental do Estado de Mato Grosso - PRODEAGRO. Fauna . Parte 2.

Sistematização das informações temáticas, nível compilatório. Cuiabá, SEPLAN; BIRD. 154 pp. + anexos (Relatório não publicado).

STRÜSSMANN, C. 2000. Herpetofauna. Pp. 153-189, *in*: ALHO, C.J.R. *et al.* (Eds.). **Fauna silvestre da região do Rio Manso, MT**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente/Edições IBAMA/Centrals Elétricas do Norte do Brasil.

STRÜSSMANN, C. 2002. **Levantamento e Monitoramento da Fauna na Área do Reservatório da UHE Guaporé, Vale de São Domingos, Mato Grosso**. Relatório Parcial - 1º Campanha. Não Publicado.

STRUSSMANN, C. 2003. **Relatório de levantamento e monitoramento da fauna na área do reservatório da UHE Guaporé, Vale de São Domingos, MT**. Relatório Parcial 9º Campanha e Relatório Conclusivo do Monitoramento.

VANZOLINI, P.E. 1974. Ecological and geographical distribution of lizards in Pernambuco, northeastern Brasil (Sauria). *Papéis Avulsos de Zoologia*, 28: 61-90.

VANZOLINI, P.E. 1976. On the lizards of a Cerrado-Caatinga contact: evolutionary and zoogeographical implications (Sauria). *Papéis Avulsos de Zoologia*, 29: 111-119.

VANZOLINI, P. E; RAMOS-COSTA, A. M. M. & VITT, L. J. 1980. **Répteis das caatingas**. Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro. 161 pp.

VANZOLINI, P.E. 1988. Distribution patterns of South American lizards. *In*: Vanzolini, P. E. e Heyer, W. R. (Eds.). *Proceedings of a Workshop on Neotropical Distribution Patterns*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências. Pp. 317-343.

VITT, L.J. 1991. An introduction to the ecology of Cerrado lizards. *Journal of Herpetology*, 25:

1.8.3 - Referências Mastofauna

ALLEN, J.A.. 1916. New Mammals collected on the Roosevelt Brazilian Expedition. *Bulletin of the American Museum of Natural History. **35**: *523-530.

ALLEN, J. A. 1916a. Mammals collected on the Roosevelt Brazilian Expedition, with field notes by Leo E. Miller. *Bulletin of the American Museum of Natural History*. **35**: 559-610.

- ALHO, C.J.R.; PEREIRA, L.A. & PAULA, A.C. 1986. Patterns of habitat utilization by small mammals population in cerrado of central Brazil. *Mammalia*. 4(50): 447-460.
- ARAÚJO, M.A.R. 2000. *Conservação da biodiversidade em Minas Gerais: em busca de uma estratégia para o século XXI*. Belo Horizonte, Unicentro Newton Paiva. 36p.
- BECKER, M & DALPONTE, J.C. 1991. *Rastros de mamíferos silvestres brasileiros*. 2ª ed. Brasília, Editora UNB, 180pp. il.
- BROSSET, A. & CHARLES-DOMINIQUE, P. 1990. The bats from French Guiana: a taxonomic, faunistic and ecological approach. *Mammalia*. 54 (4):509-560.
- CARMIGNOTTO, A.P. 2004. *Pequenos mamíferos do bioma cerrado: padrões faunísticos locais e regionais*. 383p. Tese (Doutorado em Zoologia) Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo.
- CHEREM, J.J. 2005. Registros de mamíferos não voadores em estudos de avaliação ambiental no sul do Brasil. *Biotemas*, 18 (2): 169-202.
- COPE, E. D. 1889. On the Mammalia obtained by the naturalist exploring expedition in southern Brazil. *American Naturalist*. 23: 128-150.
- COSTA, L.P., LEITE, Y.L.R, MENDES, S.L. & DITCHFIELD, A.D. 2005. Mammal Conservation in Brazil. *Conservation Biology*, 19(3): 672-679.
- COLWELL, R.K; MAO, C.X. & CHANG, J. 2004. Interpolating, extrapolating, and comparing incidence-based species accumulation curves. *Ecology* 85 (10) 2717-2727.
- COLWELL, R.K. 2006. EstimateS: Statistical estimation of species richness and shared species from samples. Version 8. Persistent URL <purl.oclc.org/estimates>
- ECOLOGY AND ENVIRONMENT DO BRASIL. 2007. Estudo Ambiental - EA - da LT 230kV Vilhena Jauru.
- ESCARLATE-TAVARES, F. & PESSÔA, L.M. 2005. Bats (Chiroptera, Mammalia) in Barn Owl (*Tyto alba*) pellets in northern Pantanal, Mato Grosso, Brazil. *Mastozoología Neotropical*, 12(1): 61-68.
- EMMONS, L.H. & FEER, F. 1997. *Neotropical rainforest mammals - A field guide*. The University of Chicago Press. 281p.
- EVELYN, M.J. & STILES, D. 2003. Roosting requirements of two frugivorous bats (*Sturnira lilium* and *Artibeus intermedius*) in fragmented neotropical forest. *Biotropica*. 35 (3): 405-418.

- GANNON, M.R.; WILLIG, M.R., JONES JR, J.K. 1989. *Sturnira lilium*. *Mammalian Species*. **333**: 1-5.
- GONÇALVES, E. & GREGORIN, R. 2004. Quirópteros da Estação Ecológica da Serra das Araras, Mato Grosso, Brasil, com o primeiro registro de *Artibeus gnomus* e *A. anderseni* para o cerrado. *Lundiana*. **5** (2): 143-149
- GORRESEN, P.M. & WILLIG, M.R. 2003. Landscape responses of bats to habitat fragment in atlantic forest of Paraguay. *Journal of Mammalogy*. 688-697.
- KOOPMAN, K.F. 1994. *Chiroptera: Systematics. Handbook of Zoology, VIII (Mammalia)*. Berlin and New York: Walter de Gruyter, 217 pp.
- LACHER, T. E. & ALHO, C.J.R. 2001. Terrestrial small mammal richness and habitat associations in an Amazon Forest-Cerrado contact zone. *Biotropica*. **33**(1): 171-181.
- MARES, M.A.; WILLIG, M.R.; STREILEIN, K.E. & LARCHER JR, T.E. 1981. The mammals of north eastern Brazil: a preliminary assessment. *Annals of the Carnegie Museum*. **50**: 81-137.
- MARES, M.A.; ERNEST, K.A. & GETTINGER, D.D. 1986. Small mammal community structure and composition in the Cerrado Province of central Brazil. *Journal of Tropical Ecology* **2**: 289-300.
- MILLER. 1915 In Allen J.A. 1916. Mammal collected by the Roosevelt Brazilian Expedition with field notes by Leo E. Miller. *Bulletin of American Museum of Natural History*. **35**: 559-610.
- MIRANDA-RIBEIRO, A., 1914 - Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, 1914. Anexo nº 5, *História Natural-Zoologia* por Alípio de Miranda Ribeiro. Rio de Janeiro.
- MOOJEN, J. 1943. *Captura e preparação de pequenos mamíferos para coleções de estudo*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. 100p.
- MUSSER, G.G. & CARLETON, M.D. 2005. Superfamily Muroidea. In: WILSON, D.E. & REEDER, D.M. (Eds.). *Mammals species of the world, a taxonomic and geographic reference*. 3ª Edição, Vol.2. Baltimore, The John Hopkins University Press, p. 894-1531.
- NITIKMAN, L.Z. & MARES, M.A. 1987. Ecology of small mammals in a gallery forest of central Brazil. *Annals of Carnegie Museum*. **56**(2):75-95

- OLIVEIRA, J.A.; PESSÔA, L.M.; OLIVEIRA, L.F.B.; ESCARLATE-TAVARES, F.; CARAMASCHI, F.P.; SOUZA, A.L.G. & CORDEIRO, J.L.P. 2002. VI. *Mamíferos da RPPN SESC Pantanal. Conhecendo o Pantanal*. 1: 33-38.
- SANTOS-FILHO, M. & SILVA, M.N.F. 2002. Uso de habitats por mamíferos em área de Cerrado do Brasil Central: um estudo com armadilhas fotográficas. *Revista Brasileira de Zoociências*. 4 (1): 57-73.
- SANTOS-FILHO, M. dos; SILVA, D.J. da; SANAIOTTI, T. M., 2006 - Efficiency of four trap types in sampling small mammals in forest fragments, Mato Grosso, Brazil. *Mastozoología Neotropical*. 13(2):217-225
- SANTOS-FILHO, M.; SILVA, M.N.F.; COSTA, B.A.; BANTEL, C.G.; VIEIRA, C.LG; SILVA, D.J & FRANCO, A.M.R., 2007. New records of *Glironia venusta*, THOMAS, 1912 (Mammalia, Didelphidae), from Amazon and Paraguay basins, Brazil. *Mastozoología Neotropical*. 14(1):103-105.
- SOUZA, M.A.N. & GONÇALVES, M.F. 2004. Mastofauna terrestre de algumas áreas sobre influência da Linha de Transmissão (LT) 230 KV PE / PB, Circuito 3. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*. 4 (2): 1-14.
- SIMMONS, N.B & VOSS, R.S. 1998. The mammals of Paracou, French Guiana: a neotropical lowland rainforest fauna part 1. Bats. *Bulletin of The American Museum of Natural History*. 237: 1-219.
- TROLLE, M. & KERY, M., 2005. Camera-trap study of ocelot and other secretive mammals in the northern Pantanal. *Mammalia*. 69 (3-4): 405-412.
- VIEIRA, M.F. & CARVALHO-OKANO, R.M. 1996. Pollination Biology of *Mabea fistulifera* (Euphorbiaceae) in Southeastern Brazil. *Biotropica*. 28 (1):61-68.
- VIEIRA, E.M.; GRAZIELA, I.O.B.; BRIANI, D.C. & PALMA, A.R.T. 2005. Microhabitat selection and daily movements of two rodents (*Necomys lasiurus* and *Oryzomys scotti*) in Brazilian Cerrado, as revealed by a spool-and-line device. *Mammalian Biology*. 70 (6) 359-365.
- VIZOTTO, L.D. & TADDEI, V.A. 1973. Chave para determinação de quirópteros brasileiros. Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São José do Rio Preto - *Boletim de Ciências* .1:1-72.
- VOSS, R.S.; LUNDE, D.P. & SIMMONS, N.B. 2001. The mammals of Paracou, French Guiana: a Neotropical lowland rainforest fauna, part 2. Nonvolant species. *Bulletin of the American Museum of Natural History*. 263: 1-236.

WEKSLER, M.; PERCEQUILLO, A.R. & VOSS, R.S. 2006. Ten new genera of Oryzomyine rodents (Cricetidae: Sigmodontinae). *American Museum Novitates*. **3537**: 1 - 29.

WILSON, D.E. & REEDER, D.M. (Eds.), 2005. *Mammals species of the world, a taxonomic and geographic reference*. 3ª Ed., 2 Vols. Baltimore, The John Hopkins University Press, 2142 pp.

ZORTÉA, M. 2007. Subfamília Stenodermatinae. In: REIS, N.R., PERACCHI, A.L. PEDRO, W.A. & LIMA, I.P. (eds.) *Morcegos do Brasil*. Londrina. 253p.

1.9 - EQUIPE TÉCNICA

Profissional	Formação	Função	Registro de Classe ou RG	Cadastro Técnico Federal/IBAMA
Helen Francine Waldemarin	Ecóloga	Coordenadora do Diagnóstico da Fauna	RG: 24705798-8 SSP/SP	1833753
Renato Gaban Lima	Biólogo	Coordenador Levantamento da Avifauna	CRBio: 33665/01-D	462064
Rafael Migotto	Biólogo	Auxiliar Levantamento Avifauna	26504453-4 SSP-SP	2217034
Christine Strussmann	Médica Veterinária	Coordenadora Levantamento Herpetofauna	CRMV/MT 0863	519002
Elizângela Silva de Brito	Bióloga	Auxiliar Levantamento Herpetofauna	CRBio: 54159/01-D	665528
Drausio Honório Morais	Médico Veterinário	Auxiliar Levantamento Herpetofauna	CRMV/MT 2347	672919
André Pansonato	Biólogo	Estagiário Levantamento Herpetofauna	RG. 12275930 SJ/MT	-
Júlio Fernando Vilela	Biólogo	Coordenação do Levantamento de Mastofauna	CRBio: 38.257/02	1842613
Fabiano Araújo Fernandes	Biólogo	Auxiliar Levantamento de Mastofauna	RG: 08479632-5 DIC/RJ	1188843
Harley Sebastião da Silva	Biólogo	Auxiliar Levantamento de Mastofauna	RG: 008565701-3 IFP/RJ	1220621
Vanderson Corrêa Vaz	Biólogo	Auxiliar Levantamento de Mastofauna	CRBio: 48.117/02	2189564

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA LT 230 KV VILHENA-JAURU

**APÊNDICE 2 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS REGIÕES DE AMOSTRAGEM DA FAUNA
NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA LT 230 KV VILHENA-JAURU**


**APÊNDICE 3 - MAPA DOS PONTOS DE AMOSTRAGEM DA FAUNA NA REGIÃO DE
AMOSTRAGEM 1 NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA LT 230 KV VILHENA-JAURU**

**APÊNDICE 4 - MAPA DOS PONTOS DE AMOSTRAGEM DA FAUNA NA REGIÃO DE
AMOSTRAGEM 2 NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA LT 230 KV VILHENA-JAURU**

**APÊNDICE 5 - MAPA DOS PONTOS DE AMOSTRAGEM DA FAUNA NA REGIÃO DE
AMOSTRAGEM 3 NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA LT 230 KV VILHENA-JAURU**

APÊNDICE 6 - AUTORIZAÇÃO N°. 070/2007 - CGFAP/IBAMA

DE : IBAMA CGFAU FAX :61 3161067 05 NOV. 2007 14:40 Pág.

 **MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE**
INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS
DIRETORIA DE USO SUSTENTÁVEL DA BIODIVERSIDADE E FLORESTAS
AUTORIZAÇÃO PARA CAPTURA / COLETA / TRANSPORTE / EXPOSIÇÃO

RENOVÁVEIS - IBAMA

NÚMERO DA AUTORIZAÇÃO 070/2007 CGFAP	Nº DE REGISTRO NO IBAMA XXXXXXXXXX	PERÍODO DE VALIDADE 05/11/2007 a 05/06/2008	IDÉ 008	PROCESSO IBAMA 02013.001482/07-96
--	--	---	-------------------	---

OBJETO:

<input checked="" type="checkbox"/> CAPTURA E/OU COLETA DE ANIMAIS SILVESTRES/MATERIAL ZOOLOGICO	<input type="checkbox"/> ZOOLOGICO
<input checked="" type="checkbox"/> TRANSPORTE DE ANIMAIS SILVESTRES/MATERIAL ZOOLOGICO	<input type="checkbox"/> INSTITUIÇÃO CIENTIFICA
<input type="checkbox"/> COLETA E TRANSPORTE DE MATERIAL BOTANICO (PESQUISA CIENTIFICA)	<input type="checkbox"/> PESQUISADOR
<input type="checkbox"/> TRANSPORTE DE PRODUTOS E SUBPRODUTOS DA FAUNA	<input type="checkbox"/> EXPOSITIVO/CONCURSO
<input type="checkbox"/> EXPOSIÇÃO E/OU CONCURSO DE ANIMAIS SILVESTRES	<input type="checkbox"/> CRIADOURO COMERCIAL
<input checked="" type="checkbox"/> OUTROS: MONITORAMENTO DE FAUNA EM ÁREA DE EMPREENDIMENTO	<input type="checkbox"/> CRIADOURO CIENTIFICO
	<input type="checkbox"/> OUTROS: LT 230kV Vilhena-Jauru

FAVORECIDO (ESPECIFICAÇÃO):

NOME: Jauru Transmissora de Energia Ltda e EcologyBrasil
 ENDEREÇO: Av. Rio Branco 1/14 andar Rio de Janeiro (EcologyBrasil)
 RESPONSÁVEIS: Dra. Helen Francine Waldemarin

TRANSPORTADOR: OS PESQUISADORES FAVORECIDOS

MEIO DE TRANSPORTE: TERRESTRE, FLUVIAL E AÉREO


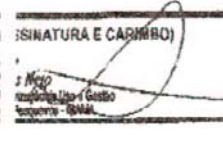
PROCEDÊNCIA / LOCAL DA CAPTURA / LOCAL DA PESQUISA: Área de Influência da LT 230kV Vilhena-Jauru

DESTINO: Museu Nacional da UFRJ / UFMT

LISTA DAS ESPÉCIES	NOME CIENTIFICO	NOME COMUM
Levantamento da fauna silvestre na área de Influência da LT 230kV Vilhena-Jauru, com a realização de captura e soltura de animais silvestres e coleta de exemplares como material testemunho.		

OBSERVAÇÕES:

1. Os condicionantes desta Autorização estão listados no verso
2. Esta autoriza o monitoramento da fauna silvestre nas áreas selecionadas.
3. Esta Autorização permite a coleta de até 06 (seis) exemplares por espécie, por área amostrada e por campanha dos táxons: herpetofauna, avifauna, pequenos mamíferos e quirópteros para serem depositados em coleção científica como material testemunho.
4. Esta não exime o pesquisador de cumprir o disposto na Medida Provisória Nº 2186-16/01, que dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético.

LOCAL E DATA DE EMISSÃO Brasília (DF), 05 de novembro de 2007.	AUTORIDADE EXPEDIDORA  José A. Rodrigues Coordenador Geral do Departamento de Fauna e Flora	SINATURA E CARIMBO  Manoel Coordenador de Gestão Operativa - IBAMA
--	---	---

- VÁLIDA EXCLUSIVAMENTE NO TERRITÓRIO BRASILEIRO.
- ESTA NÃO AUTORIZA:
 1. CAPTURA/COLETA/TRANSPORTE DE ESPÉCIES AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO **SALVO QUANDO CONSTANTE DE PROJETO ESPECÍFICO APROVADO**
 2. CAPTURA/COLETA/TRANSPORTE DE FAUNA EM ÁREA PARTICULAR SEM O CONSENTIMENTO DO PROPRIETÁRIO.
 3. CAPTURA/COLETA/TRANSPORTE DE FAUNA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO FEDERAIS, ESTADUAIS, DISTRITAIS OU MUNICIPAIS, SALVO QUANDO ACOMPANHADAS DO CONSENTIMENTO DO ÓRGÃO ADMINISTRADOR COMPETENTE;
 4. EXPORTAÇÃO DE ANIMAIS VIVOS OU MATERIAL ZOOLOGICO
- SÃO ISENTAS DE COBRANÇA DE TAXA (RECOLHIMENTO DE DDT) INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS, PESQUISADORES E ZOOLOGICOS PÚBLICOS.
- VÁLIDA SOMENTE SEM EMENDAS OU RASURAS.

MOD. 09.008 1ª VIA - INTERESSADO 2ª VIA - IBAMA / PROCESSO



DE : IBAMA CGFAU

FAX :61 3161067

06 NOV. 2007 14:45 Pág. 1

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS - IBAMA
DIRETORIA DE USO SUSTENTÁVEL DA BIODIVERSIDADE E FLORESTAS
AUTORIZAÇÃO PARA CAPTURA / COLETA / TRANSPORTE / EXPOSIÇÃO
-- ANEXO --
CONDICIONANTES

1. Deverá ser apresentado anexo digital com lista dos dados das fichas dos registros de todos os espécimes - forma de registro, local georreferenciado, data e data;
2. Todos os pesquisadores contemplados nesta Autorização deverão apresentar registro no Cadastro Técnico Federal.
3. A Coordenação do Projeto deverá apresentar relatório final ao final da validade desta licença, encaminhando lista dos exemplares capturados ou coletados e informando a instituição para qual estão sendo enviados. No caso de animais mais capturados que foram soltos imediatamente, informar o ponto de captura/soltura; georreferenciado, bem como a marcação utilizada para cada animal.
4. As armadilhas de queda devem ser retiradas dos locais de coleta ou permanecer tampadas entre os períodos de amostragem; devem possuir dispositivo de segurança contra afogamento, com furos na base dos baldes e colocação de camada espessa de espuma ou isopor; suas vistorias devem ser no mínimo diárias, preferencialmente matutinas.
5. As redes para quirópteros deverão ser vistoriadas num período de no máximo 60 minutos.

Equipe Técnica

Paulo Mário Correia de Araújo
Helen Francine Waldemarin
Júlio Fernando Vilela
Christine Strüssmann
Tami Mott
Ricardo Alexandre Kawashita
Ribeiro, André Pansonato
Drausio Honório Moraes
Luciana Mendes Valério Brun
Luiz Antonio Solino Carvalho
Vanderson Corrêa Vaz
Fabiano Araújo Fernandes
Ana Lazar Gomes e Souza
Renato Gaban Lima
Rafael Migotto
Ricardo Moratelli Mendonça da Rocha

APÊNDICE 7 - AUTORIZAÇÃO Nº 016/2007 - CGFAP/IBAMA



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS - IBAMA
DIRETORIA DE USO SUSTENTÁVEL DA BIODIVERSIDADE E FLORESTAS
AUTORIZAÇÃO PARA CAPTURA / COLETA / TRANSPORTE / EXPOSIÇÃO

NÚMERO DA AUTORIZAÇÃO 016/2007 CGFAP	Nº DE REGISTRO NO IBAMA XXXXXXXXXX	PERÍODO DE VALIDADE 6 meses	PROCESSO IBAMA 02013.001482/07-86
OBJETO:		FAVORECIDO:	
<input checked="" type="checkbox"/> CAPTURA E/OU COLETA DE ANIMAIS SILVESTRES/MATERIAL ZOOLOGICO <input checked="" type="checkbox"/> TRANSPORTE DE ANIMAIS SILVESTRES/MATERIAL ZOOLOGICO <input type="checkbox"/> COLETA E TRANSPORTE DE MATERIAL BOTÂNICO (PESQUISA CIENTÍFICA) <input type="checkbox"/> TRANSPORTE DE PRODUTOS E SUBPRODUTOS DA FAUNA <input type="checkbox"/> EXPOSIÇÃO E/OU CONCURSO DE ANIMAIS SILVESTRES <input checked="" type="checkbox"/> OUTROS: MONITORAMENTO DE FAUNA EM ÁREA DE EMPREENDIMENTO		<input type="checkbox"/> ZOOLOGICO <input type="checkbox"/> INSTITUIÇÃO CIENTÍFICA <input type="checkbox"/> PESQUISADOR <input type="checkbox"/> EXPOSITOR/CONCURSO <input type="checkbox"/> CRIADOURO COMERCIAL <input type="checkbox"/> CRIADOURO CIENTÍFICO <input checked="" type="checkbox"/> OUTROS: LT 230kV Vilhena-Jauru	

FAVORECIDO (ESPECIFICAÇÃO):

NOME: Jauru Transmissora de Energia Ltda e EcologyBrasil

ENDEREÇO: Av. Rio Branco 1/14 andar Rio de Janeiro (EcologyBrasil)

RESPONSÁVEIS: Dra. Helen Francine Waldemarin

TRANSPORTADOR: OS PESQUISADORES FAVORECIDOS

MEIO DE TRANSPORTE: TERRESTRE, FLUVIAL E AÉREO

PROCEDÊNCIA / LOCAL DA CAPTURA / LOCAL DA PESQUISA: Área de Influência da LT 230kV Vilhena-Jauru

DESTINO: Museu Nacional da UFRJ (avifauna e mastofauna) / UFMT (herpetofauna)

LISTA DAS ESPÉCIES	NOME CIENTÍFICO	NOME COMUM
--------------------	-----------------	------------

Levantamento da fauna silvestre na área de influência da LT 230kV Vilhena-Jauru, com a realização de captura e soltura de animais silvestres e coleta de exemplares como material testemunho.

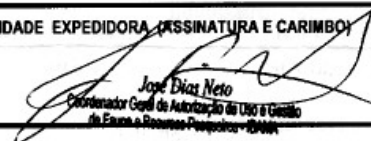
OBSERVAÇÕES:

- Os condicionantes desta Autorização estão listados no verso
- Esta autoriza o monitoramento da fauna silvestre nas áreas selecionadas.
- Esta Autorização permite a coleta de até 06 (seis) exemplares por espécie, por área amostrada e por campanha dos táxons: herpetofauna, avifauna e pequenos mamíferos, para serem depositados em coleção científica como material testemunho.
- Esta não exige o pesquisador de cumprir o disposto na Medida Provisória Nº 2186-16/01, que dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético.

LOCAL E DATA DE EMISSÃO

Brasília (DF), 16 de agosto de 2007.

AUTORIDADE EXPEDIDORA, ASSINATURA E CARIMBO


José Dias Neto
Coordenador Geral de Autorização de Uso e Gestão
da Fauna e Recursos Pesqueiros - IBAMA

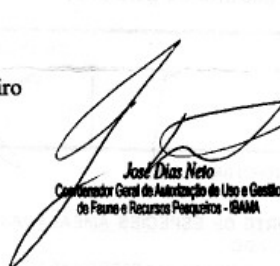
- VÁLIDA EXCLUSIVAMENTE NO TERRITÓRIO BRASILEIRO.
- ESTA NÃO AUTORIZA:
 - CAPTURA/COLETA/TRANSPORTE DE ESPÉCIES AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO, SALVO QUANDO CONSTANTE DE PROJETO ESPECÍFICO APROVADO
 - CAPTURA/COLETA/TRANSPORTE DE FAUNA EM ÁREA PARTICULAR SEM O CONSENTIMENTO DO PROPRIETÁRIO.
 - CAPTURA/COLETA/TRANSPORTE DE FAUNA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO FEDERAIS, ESTADUAIS, DISTRITAIS OU MUNICIPAIS, SALVO QUANDO ACOMPANHADAS DO CONSENTIMENTO DO ÓRGÃO ADMINISTRADOR COMPETENTE;
 - EXPORTAÇÃO DE ANIMAIS VIVOS OU MATERIAL ZOOLOGICO
- SÃO ISENTAS DE COBRANÇA DE TAXA (RECOLHIMENTO DE DR) INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS, PESQUISADORES E ZOOLOGICOS PÚBLICOS.
- VÁLIDA SOMENTE SEM EMENDAS OU RASURAS.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS - IBAMA
DIRETORIA DE USO SUSTENTÁVEL DA BIODIVERSIDADE E FLORESTAS
AUTORIZAÇÃO PARA CAPTURA / COLETA / TRANSPORTE / EXPOSIÇÃO
- ANEXO -
CONDICIONANTES

1. *Deverá ser apresentado anexo digital com lista dos dados brutos dos registros de todos os espécimes - forma de registro, local georreferenciado, habitat e data;*
2. *Todos os pesquisadores contemplados nesta Autorização deverão apresentar registro no Cadastro Técnico Federal.*
3. *A Coordenação do Projeto deverá apresentar relatório parcial ao final da validade desta licença, encaminhando lista dos exemplares capturados ou coletados e informando a instituição para qual estão sendo enviados. No caso de animais capturados que foram soltos imediatamente, informar o ponto de captura/soltura georeferenciado, bem como a marcação utilizada para cada animal.*
4. *As armadilhas de queda devem ser retiradas dos locais de coleta ou permanecer tampadas entre os períodos de amostragem; devem possuir dispositivo de segurança contra afogamento, com furos na base dos baldes e colocação de camada espessa de espuma ou isopor; suas vistorias devem ser no mínimo diárias, preferencialmente matutinas.*

Equipe Técnica

Paulo Mário Correia de Araújo
Marco Antonio de Campos Matias
Dra. Helen Francine Waldemarin
MS Jânio Cordeiro Moreira
MS Júlio Fernando Vilela
Dr. Marcos André Raposo
Dra. Christine Strüssmann
Dra. Tamí Mott
MS Ricardo Alexandre Kawashitã Ribeiro
André Pansonato
Drausio Honório Morais
Luciana Mendes Valério Brun
Luiz Antonio Solino Carvalho


José Dias Neto
Coordenador Geral de Autorização de Uso e Gestão
de Fauna e Recursos Pesqueiros - IBAMA